



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA**

**THIAGO FONSECA DE SOUZA**



**PINTURAS RUPESTRES E PAISAGEM: UM ESTUDO DE CASO DAS  
REPRESENTAÇÕES ZOOMÓRFICAS DO VALE DO CATIMBAU – PE**

**ORIENTADOR: DEMÉTRIO DA SILVA MÜTZENBERG**

**Recife  
2016**

THIAGO FONSECA DE SOUZA

**PINTURAS RUPESTRES E PAISAGEM: UM ESTUDO DE CASO DAS  
REPRESENTAÇÕES ZOOMÓRFICAS DO VALE DO CATIMBAU – PE**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, da Universidade Federal de Pernambuco, orientada pelo Prof. Dr. Demétrio da Silva Mützenber, como preenchimento parcial dos requisitos para a obtenção do grau acadêmico de Mestre em Arqueologia.

**Recife  
2016**

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Maria Janeide Pereira da Silva, CRB4-1262

S729p Souza, Thiago Fonseca de.  
Pinturas rupestres e paisagem : um estudo de caso das representações zoomórficas do Vale do Catimbau - PE / Thiago Fonseca de Souza. – 2016. 179 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Demétrio da Silva Mützenberg.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.  
Programa de Pós-graduação em Arqueologia, 2016.  
Inclui Referências.

1. Arqueologia. 2. Sítios arqueológicos. 3. Pinturas rupestres. 4. Brasil – Nordeste. 5. Pré-História. 6. Zoomorfos. 7. Arqueologia da paisagem. 8. Sistema de Informação Geográfica (SIG). I. Mützenberg, Demétrio da Silva (Orientador). II. Título.

930.1 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2017-006)

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA**

PINTURAS RUPESTRES E PAISAGEM: UM ESTUDO DE CASO DAS  
REPRESENTAÇÕES ZOOMÓRFICAS DO VALE DO CATIMBAU – PE

Autor: THIAGO FONSECA DE SOUZA

**Dissertação de mestrado submetido ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia,  
pela Universidade Federal de Pernambuco e aprovado no dia 27 de janeiro de 2016.**

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Demétrio da Silva Mützenber, UFPE (Orientador)

Prof. Pós-Dr. Antônio Carlos de Barros Corrêa, UFPE (Examinador Interno)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Daniela Cisneiros Silva Mützenber, UFPE (Examinador Interno)

Prof. Dr. Valdeci dos Santos Júnior, UERN (Examinador Externo)

*Dedico aos meus pais (Gilberto e Noélia)*

## **AGRADECIMENTO**

Em primeiro lugar gostaria de agradecer aos meus familiares: pais (Gilberto e Noélia) e irmãos (Miguel e Ranieri) pelo apoio e carinho a mim dispensado.

Agradeço a Universidade Federal de Pernambuco (Programa de Pós-Graduação em Arqueologia) e ao CNPq pelo o apoio institucional e financeiro a minha formação e ao desenvolvimento dessa dissertação.

No que se refere ao período de docência, expresso meu agradecimento ao professor Demétrio Mützenberg pela paciência e confiança no desenvolvimento do trabalho.

Aos docentes que fizeram parte da minha formação durante o mestrado: Cláudia Alves, Daniela Cisneiros, Demétrio Mützenberg e Gisele Daltrini.

Aos docentes Daniela Cisneiros e Antonio Carlos pela importante contribuição na qualificação deste trabalho.

Ao arqueólogo Dr. Ricardo Barbosa pela ajuda na correção da dissertação e indicações de leituras.

A Luciane Costa Borba pela ajuda na parte burocrática, sempre pronta para resolução dos eventuais problemas.

Aos colegas que durante o transcurso do trabalho ajudaram, de forma direta ou indiretamente: Francisco Matos, Adriana Machado, Andréia Macedo, André Campelo e Rosangela Alves.

Ao pessoal do Laboratório de Arqueologia do NDIHR - Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional na UFPB: Carlos Xavier, Adriana Machado, Francisco Matos, Conrad Rosa, a todos, meu agradecimento pela prontidão no atendimento às minhas solicitações.

## RESUMO

O Nordeste brasileiro detém uma importante concentração de sítios arqueológicos com registros rupestres, que contribuem para o conhecimento dos grupos humanos que o habitaram durante a Pré-história. Na região onde está assentado o Parque Nacional Catimbau, Estado de Pernambuco, existe um agrupamento de sítios pré-históricos com registros rupestres, alvo dessa pesquisa, situado na zona de transição entre as mesorregiões do Agreste e do Sertão Pernambucano; o citado parque dista 285 km do Recife, capital do Estado. A área contém atualmente a Caatinga como bioma e clima semiárido, com índices pluviométricos anuais que variam entre 650 a 1.100 mm. As datações obtidas até o momento para esta área arqueológica situam a ocupação pré-histórica entre 6.000 até 800 anos AP, sem haver, todavia, uma ligação direta entre esta cronologia e os registros rupestres. A presente pesquisa se debruça sobre as representações zoomórficas pintadas, entendendo-as na perspectiva da comunicação social e considerando-as como marco-testemunhos da ocupação pré-histórica, considerando o conceito de paisagem que é percebido na manifestação espacial/paisagístico, frente às relações entre os grupos humanos e o habitat. Os procedimentos metodológicos aqui adotados prendem-se à análise das dimensões dos fenômenos gráficos: a temática, a cenográfica e a técnica de execução dos motivos rupestres, visando o estabelecimento dos tipos gráficos representados na área. A partir do padrão ocupacional dos sítios com representações zoomórficas foi verificada a distribuição espacial das pinturas atribuídas às tradições Nordeste e Agreste. Os tipos gráficos foram analisados em relação à sua localização na paisagem, tomando como um dos elementos a análise espacial em escalas (macro, meso e micro), mediante a utilização do sistema de informações geográficas (SIG). Assim, buscou-se caracterizar as representações zoomórficas em função da sua inserção no espaço e da sua relação com a paisagem; assim, percebeu-se que as unidades pictóricas expressaram características particulares na região, revelando padrões na distribuição da paisagem do PNC.

Palavras-chave: Arqueologia. Pré-história. Pinturas Rupestres. Brasil - Nordeste. Zoomorfos. Arqueologia da paisagem. Sistema de Informação Geográfica (SIG).

## ***ABSTRACT***

The Brazilian Northeast has a significant concentration of archaeological sites, with rock records that contribute to the knowledge of human groups that inhabited in prehistoric times. In the region of Vale do Catimbau, State of Pernambuco, there groupings of prehistoric sites with rock records, which is located in the transition zone of meso Agreste and Sertão Pernambucano, 285 km from Recife, the state capital. The area currently has the Caatinga as biome and semi-arid climate, with annual rainfall ranging from 650-1100 mm. The dates obtained so far for the archaeological area situated prehistoric occupation from 6,000 to 800 years BP, and none, however, a direct link between this timeline and the rock records. The research focuses on representations of zoomorphic paintings recognizable understood in the media perspective and considering landmarks-testimonies of prehistoric occupation; and directed from the understanding in archeology, the concept of landscape that is perceived in the spatial manifestation / landscaped relations between human groups and the habitat. The methodological procedures depart from the analysis of the dimensions of the graphics phenomena: the thematic dimensions, scenic and technical rock records motif for the establishment of chart types shown in the area; and according to occupational pattern of these sites with zoomorphic representations of paintings by checking the spatial distribution between traditions Nordeste and Agreste. The graphics types were analyzed in relation to its location in the landscape, taking as one of the elements of spatial analysis in scales (macro, meso and micro) by using a geographic information system (GIS). Therefore, sought the analysis and characterization of zoomorphic representations recognizable according to the establishment of their relationship with the landscape, we realize that these pictorial units expressed particular characteristics in the region, identifying some chart types recognizable zoomorphic representations, and relevant aspects of behavioral patterns in the distribution landscape of the Vale do Catimbau.

Key-words: Archeology. Prehistory. Rock paintings. Brazil - Northeast. Zoomorphic. Archaeology landscape. Geographic Information System (GIS).

# ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

## LISTA DAS FIGURAS

Figura 1 - Manipulação da Imagem Digital das Pinturas Zoomórficas pelo GIMP 2.....	59
Figura 2 - Utilizando a ferramenta de contorno (seleção livre) na imagem gráfica digital.....	59
Figura 3 - Imagem digital com pictograma sem realce .....	60
Figura 4 - A mesma imagem digital com realce aplicado pelo DStretch .....	60
Figura 5 - Aspecto da vegetação (caatinga), maciço onde jaz o Sítio Loca dos Caboclos.....	70
Figura 6 - Formações Geomorfológicas com Cotas Altimétricas Superiores a 1000m, na parte oeste, fora dos limites do PNC ao norte .....	72
Figura 7 - Sítio Furna da Serra do Barreiro, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Contexto morfológico .....	79
Figura 8 - Sítio Furna da Serra do Barreiro, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia da Mancha Gráfica 1, com representações de antropomorfos, zoomorfos e grafismos puros.....	81
Figura 9 - Sítio Furna da Serra do Barreiro, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia das figuras, de baixo para cima, RZ-01 e RZ-02. Fotografia com tratamento digital pelo DStretch.....	82
Figura 10 - Sítio Furna da Serra do Barreiro, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia das pinturas, de baixo para cima, RZ-01, RZ-02, RZ-03, RZ-04 .....	84
Figura 11 - Sítio Furna do Letreiro da Mina Grande, situado fora dos limites do Parque Nacional Catimbau, Município de Buíque. Contexto geomorfológico, foto do paredão frontal do sítio .....	85
Figura 12 - Sítio Furna do Letreiro da Mina Grande, posicionado fora dos limites do Parque Nacional Catimbau, Município de Buíque. Foto da Mancha Gráfica 3 com representações zoomorfas, mão em positivo e grafismos puros .....	86
Figura 13 - Sítio Furna do Letreiro da Mina Grande, situado fora dos limites do Parque Nacional Catimbau, Município de Buíque. Foto da figura RZ-05, zoomorfo isolado .....	87
Figura 14 - Sítio Furna do Morcego, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Contexto geomorfológico, visão frontal do sítio .....	88
Figura 15 - Sítio Furna do Morcego, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia da Mancha Gráfica 1 e 2, com representações de zoomorfos, antropomorfos e grafismos puros. Foto com tratamento digital DStretch.....	89

Figura 16 - Sítio Furna do Morcego, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia da Mancha Gráfica 3, com representação de um zoomorfo.....	90
Figura 17 - Sítio Furna do Morcego, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia das pinturas, da direita para esquerda, RZ-06 e RZ-07. Fotografia com tratamento digital DStretch.....	91
Figura 18 - Sítio Furna do Morcego, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia da pintura, RZ-08.....	92
Figura 19 - Sítio Furna do Morcego, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia da pintura, RZ-09.....	93
Figura 20 - Sítio Furna dos Veados, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Contexto geomorfológica, fotografia frontal do abrigo.....	94
Figura 21 - Sítio Furna dos Veados, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia da Mancha Gráfica 3, com representações zoomórficas e antropomórficas.....	95
Figura 22 - Sítio Furna dos Veados, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia das representações zoomórficas; indicadas no sentido anti-horário: RZ-10, RZ-11, RZ-12, RZ-13.....	98
Figura 23 - Sítio Furna dos Veados, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Foto da representação zoomórfica RZ-14.....	99
Figura 24 - Sítio Furna dos Veados, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Foto da representação zoomórfica RZ-15. Foto com tratamento digital DStretch.....	100
Figura 25 - Sítio Loca da Cinza, Parque Nacional Catimbau, Município de Buíque. Contexto geomorfológico, fotografia do lado direito do abrigo.....	101
Figura 26 - Sítio Loca da Cinza, Parque Nacional Catimbau, Município de Buíque. Fotografia da Mancha Gráfica 1, com representações de zoomorfo, antropomorfos e grafismos puros.	103
Figura 27 - Sítio Loca da Cinza, Parque Nacional Catimbau, Município de Buíque. Fotografia da pintura RZ-16.....	104
Figura 28 - Sítio da Ema, a sudoeste do Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Contexto geomorfológico, fotografia realizada no lado esquerdo do abrigo.....	105
Figura 29 - Sítio da Ema, posicionado no sudoeste do Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia da Mancha Gráfica 11, com representações de zoomorfos, antropomorfos e grafismos puros. Fotografia com tratamento digital pelo DStretch.....	107
Figura 30 - Sítio da Ema, situado no sudoeste do Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia das Manchas Gráficas 2, 3, 4, 5, 6,7, 8, 9, 10, com representações de zoomorfos e grafismos puros. Fotografia com tratamento digital pelo DStretch.....	107
Figura 31 - Sítio da Ema, situado no sudoeste do Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia das representações zoomórficas, ordenadas da esquerda para a direita: RZ-17, RZ-18 e RZ-19. Fotografia com tratamento digital pelo DStretch.....	110
Figura 32 - Sítio da Ema, situado no sudoeste do Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia das representações zoomórficas, ordenadas de baixo para cima: RZ-20, RZ-21, RZ-22. Fotografia com tratamento digital pelo DStretch.....	112

Figura 33 - Sítio da Ema, posicionado no sudoeste do Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia da representação zoomorfa RZ-23. Foto com tratamento digital pelo DStretch.....	113
Figura 34 - Sítio da Ema, situado no sudoeste do Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia da representação zoomorfa RZ-24. Foto com tratamento digital pelo DStretch.....	114
Figura 35 - Sítio da Ema, situado no sudoeste do Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia da representação zoomorfa RZ-25. Foto com tratamento digital pelo DStretch.....	115
Figura 36 - Sítio da Ema, situado no sudoeste do Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia das representações zoomorfas, indicadas da direita para esquerda: RZ-26 e RZ-27. Foto com tratamento digital pelo DStretch .....	116
Figura 37 - Sítio da Ema, situado no sudoeste do Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia das representações zoomórficas, postas da direita para esquerda: RZ-28 e RZ-29. Foto com tratamento digital pelo DStretch.....	117
Figura 38 - Sítio da Ema, posicionado no sudoeste do Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia da representação zoomorfa RZ-30. Foto com tratamento digital pelo DStretch.....	118
Figura 39 - Sítio da Ema, posicionado no sudoeste do Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia da representação zoomórfica RZ-31. Foto com tratamento digital pelo DStretch.....	119
Figura 40 - Sítio do Veado, Parque Nacional Catimbau, Município de Buíque. Contexto geomorfológico, fotografia do lado esquerdo do abrigo .....	120
Figura 41 - Sítio do Veado, Parque Nacional Catimbau, Município de Buíque. Fotografia da Mancha Gráfica 1, 2 e 3, com representações de zoomorfos e de grafismos puros.....	122
Figura 42 - Sítio do Veado, Parque Nacional Catimbau, Município de Buíque. Fotografia da representação zoomórfica RZ-32.....	123
Figura 43 - Sítio do Veado, Parque Nacional Catimbau, Município de Buíque. Fotografia da representação zoomórfica RZ-33.....	124
Figura 44 - Sítio Tauá II, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Contexto geomorfológico, fotografia do lado esquerdo do abrigo .....	125
Figura 45 - Sítio Tauá II, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia das Manchas Gráficas 1, 2, 3, 4, 5, com representações de zoomorfos, antropomorfos e grafismos puros .....	126
Figura 46 - Sítio Tauá II, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia da representação zoomorfa RZ-34 .....	127
Figura 47 - Sítio Tauá II, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia da representação da pintura RZ-35.....	128
Figura 48 - Sítio Tauá II, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia da representação zoomórfica RZ-36.....	129

Figura 49 - Sítio Tauá II, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia das representações zoomórficas, apontadas da esquerda para direita: RZ-38, RZ-37, RZ-36 .....	130
Figura 50 - Sítio Tauá II, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia da representação zoomorfa RZ-39. Foto com tratamento digital pelo DStretch.....	131
Figura 51 - Sítio Toca do Gato, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Contexto geomorfológico, fotografia da parte externa, lado direito do abrigo.....	132
Figura 52 - Sítio Toca do Gato, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia da Mancha Gráfica 4, com representações de zoomorfos e antropomorfos .....	133
Figura 53 - Sítio Toca do Gato, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia da representação zoomorfa RZ-40 .....	134
Figura 54 - Sítio Toca do Gato, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia da representação zoomórfica RZ-41. Foto com tratamento digital pelo DStretch	135
Figura 55 - Sítio Lagoa dos Patos, situado fora dos limites do Parque Nacional Catimbau, Município de Sertânia. Contexto geomorfológico, fotografia panorâmica do sítio .....	136
Figura 56 - Sítio Lagoa dos Patos, situado fora dos limites do Parque Nacional Catimbau, Município de Sertânia. Fotografia da representação zoomorfa RZ-42 .....	138
Figura 57 - Sítio Loca dos Caboclos, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Contexto geomorfológico .....	139
Figura 58 - Sítio Loca dos Caboclos, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia da Mancha Gráfica 1, com representações de zoomorfos e antropomorfos .....	140
Figura 59 - Sítio Loca dos Caboclos, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia da representação zoomorfa RZ-43 .....	141
Figura 60 - Sítio Loca dos Caboclos, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia da representação zoomórfica RZ-44 .....	142

## LISTA DAS TABELAS

Tabela 1 - Sítios Arqueológicos com Representações Zoomórficas Reconhecíveis.....	43
Tabela 2 - Estrutura metodológica de classificação aplicada nessa pesquisa.....	46
Tabela 3 - Banco de Dados das Representações Zoomórficas. Indica número da figura e o sítio arqueológico .....	76
Tabela 4 - Enumeração das Representações Zoomórficas do Sítio Furna da Serra do Barreiro .....	81
Tabela 5 - Enumeração da Representação Zoomórfica do Sítio Furna do Letreiro da Mina Grande .....	86
Tabela 6 - Enumerações das Figuras Zoomórficas no Sítio Furna do Morcego .....	90
Tabela 7 - Enumerações das figuras zoomórficas do Sítio Furna dos Veados.....	96
Tabela 8 - Enumeração da Figura de Representação Zoomórfica no Sítio Loca da Cinza ....	103
Tabela 9 - Enumerações das Representações Zoomórficas no Sítio da Ema .....	108
Tabela 10 - Enumerações das Representações Zoomórficas .....	122
Tabela 11 - Enumerações das Representações Zoomórficas.....	126
Tabela 12 – Enumeração das Representações Zoomórficas.....	133
Tabela 13 - Enumeração da Representação Zoomórfica do Sítio Lagoa dos Patos .....	137
Tabela 14 - Enumerações das Figuras Zoomórficas no Sítio Loca dos Caboclos.....	141
Tabela 15 - Correlações da Dimensão Temáticas das Representações Zoomórficas.....	156
Tabela 16 - Correlações da Dimensão Cenográfica e Técnica das Representações Zoomórficas .....	157
Tabela 17 - Relação Sítios Arqueológicos com a Fonte de Água (mais próxima) e a Bacia Hidrográfica.....	162
Tabela 18 - Relação dos Sítios Arqueológicos com a Declividade Classificada pela Embrapa .....	165
Tabela 19 - Inter-visibilidade dos Sítios Arqueológicos .....	169
Tabela 20 - Relação dos Sítios Arqueológicos com Orientação .....	170
Tabela 21 - Relação dos Sítios Arqueológicos com Abertura.....	171

## **LISTA DOS QUADROS**

Quadro 1 - Relação das Dimensões do Fenômeno Gráfico.....	44
Quadro 2 - Esquema dos Atributos da Dimensão Temática.....	48
Quadro 3 - Esquema dos Atributos da Dimensão Cenográfica. ....	50
Quadro 4 - Esquema dos Atributos da Dimensão Técnica.....	52
Quadro 5 - Esquema dos Atributos da Contexto Geomorfológico.....	54
Quadro 6 - Esquema dos Atributos do Contexto Regional. ....	57

## LISTA DOS MAPAS

Mapa 1 - Mapa Geral de Distribuição dos Sítios Arqueológicos em Pernambuco .....	22
Mapa 2 - Mapa da Localização do Parque Nacional Catimbau .....	67
Mapa 3 - Mapa da Distribuição dos Sítios Arqueológicos .....	78
Mapa 4 - Mapa da Distribuição dos Tipos de Representações Zoomórficas .....	160
Mapa 5 - Mapa da Distribuição dos Sítios Arqueológicos nas Bacias Hidrográficas .....	164
Mapa 6 - Mapa de Classe de Declividade dos Sítios Arqueológicos .....	166

## LISTA DOS GRÁFICOS

Gráfico 1 - Dendrograma dos Grupos Zoomórficos.....	145
Gráfico 2 - Correlações entre medições dos tipos gráficos zoomórficos .....	145
Gráfico 3 - Correlações entre as dimensões das representações de macacos .....	148
Gráfico 4 - Correlações entre as dimensões das representações de répteis .....	149
Gráfico 5 - Correlações entre as dimensões das representações de felinos.....	150
Gráfico 6 - Correlações entre as dimensões das representações de cervídeos .....	151
Gráfico 7 - Correlações entre as dimensões das representações de emas .....	152
Gráfico 8 - Correlações entre as dimensões das representações de pássaros. ....	153
Gráfico 9 - Distribuição das Representações Temáticas de Zoomorfos nos Sítios Arqueológicos.....	155
Gráfico 10 - Porcentagens dos Tipos de Representações Zoomórficas.....	155
Gráfico 11 - Distribuição dos Tipos de Representação Zoomórficas sobre as Vertentes de Relevo.....	159
Gráfico 12 - Distribuição dos Tipos de Representação Zoomórfica por cota altimétrica .....	159

## **LISTA DE SIGLAS**

AP - Antes do Presente

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

DITR - Declaração de Imposto Territorial Rural

EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

FUMDHAM - Fundação do Museu do Homem Americano

GIS - Geographic Information System

GPS - Global Positioning System

ICMBio - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

IFRAO - International Federation of Rock Art Organizations

Mapa - Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

PNC - Parque Nacional Catimbau

PPGARq - Programa de Pós-Graduação em Arqueologia

SIG - Sistema de Informação Geográfica

UC - Unidade de Conservação

UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

UTM - Universal Transverse Mercator

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	19
CAPÍTULO I – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS .....	27
1.1 - LUGAR, ESPAÇO E PAISAGEM: PAISAGEM ARQUEOLÓGICA.....	27
1.1.1 – Lugar social.....	27
1.1.2 – Espaço social.....	29
1.1.3 – Paisagem social .....	30
1.2 - O REGISTRO RUPESTRE .....	33
1.3 - PINTURA RUPESTRE E PAISAGEM.....	36
CAPÍTULO II – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	42
2.1 - AS PROPOSTAS DE VARIÁVEIS DAS PINTURAS ZOOMÓRFICOS (ESCALA MICRO-) .....	44
2.1.1 – Dimensão temática.....	47
2.1.2 – Dimensão cenográfica.....	49
2.1.3 – Dimensão técnica.....	51
2.2 - PROPOSTA DAS VARIÁVEIS PARA OS SÍTIOS/CONTEXTO GEOMORFOLÓGICO (ESCALA MESO-) .....	52
2.3 - PROPOSTA DAS VARIÁVEIS PARA CONTEXTO REGIONAL (ESCALA MACRO-)...	55
2.4 - OUTROS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	58
CAPÍTULO III – ANTECEDENTES ARQUEOLÓGICOS E ASPECTOS GEOMORFOLÓGICOS- AMBIENTAIS DO PARQUE NACIONAL CATIMBAU. ....	62
3.1 - ANTECEDENTES ARQUEOLÓGICOS DO VALE DO CATIMBAU.....	62
3.1.1 – Datações absolutas e relativas .....	62
3.1.2 – Pinturas rupestres do Vale do Catimbau .....	63
3.2 - ANTECEDENTES GEO-AMBIENTAIS DO VALE DO CATIMBAU.....	65
3.2.1 – Aspectos geomorfológicos.....	68
3.2.2 – Aspectos da hidrologia, vegetação, pluviometria e geologia.....	69
CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO DAS PINTURAS E DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS COM REPRESENTAÇÕES ZOOMÓRFICAS NO PARQUE NACIONAL CATIMBAU. ....	74
4.1 - SÍTIO FURNA DA SERRA DO BARREIRO.....	79
4.2 - SÍTIO FURNA DO LETREIRO DA MINA GRANDE .....	84
4.3 - SÍTIO FURNA DO MORCEGO.....	87
4.4 - SÍTIO FURNA DOS VEADOS .....	93

4.5 - SÍTIO LOCA DA CINZA .....	100
4.6 - SÍTIO DA EMA .....	105
4.7 - SÍTIO DO VEADO.....	119
4.8 - SÍTIO TAUÁ II .....	124
4.9 - SÍTIO TOCA DO GATO .....	131
4.10 - SÍTIO LAGOA DOS PATOS .....	135
4.11 - SÍTIO LOCA DOS CABOCLOS .....	138
CAPÍTULO V – ANÁLISE DAS PINTURAS RUPESTRES ZOOMÓRFICAS RECONHECÍVEIS E A PAISAGEM.....	143
5.1 - ANÁLISES DOS FENÔMENOS GRÁFICOS .....	143
5.1.1 – Análises da dimensão temática.....	143
5.1.2 – Análises da dimensão cenográfica.....	147
5.1.3 – Análises da dimensão técnica.....	153
5.2 - DISTRIBUIÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES ZOOMÓRFICAS: CORRELAÇÕES DAS PINTURAS ZOOMÓRFICAS E CONTEXTO GEOMORFOLÓGICO. ....	154
5.3 - ANÁLISES DO CONTEXTO REGIONAL.....	161
5.3.1 – Bacia hidrográfica.....	162
5.3.2 – Declividade .....	165
5.3.3 – Visibilidade.....	167
5.3.4 – Orientação das encostas.....	170
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	172
REFERÊNCIAS.....	174

## INTRODUÇÃO

A região onde se encontra assentado o Parque Nacional Catimbau contém um agrupamento de sítios arqueológicos pré-históricos, com concentração substancial de registros rupestres (**Mapa 1**); a presença destas pinturas a torna uma área importante para os estudos gráficos, frente ao seu caráter de marco-testemunho da ocupação por grupos humanos pretéritos.

A região está localizada no Planalto Sedimentar do Jatobá, no Estado de Pernambuco, na zona de transição entre as Mesorregiões do Agreste e do Sertão Pernambucano, situada a 285 km do Recife, capital do Estado. Esta área obteve reconhecimento como Parque Nacional, zona de preservação ambiental, pelo Decreto Lei 4.340, de 22 de agosto de 2002, estando situado entre as coordenadas geográficas 8° 24' 00'' e 8° 36' 35'' S, e 37° 09' 30'' e 37° 14' 40'' W, com área total de 62.294,14 hectares.

A área possui altitude variando entre 400 e 800 metros, na Mesorregião do Agreste, e entre 530 e 585, na Mesorregião do Sertão Pernambucano. O ambiente é recoberto pelo Bioma Caatinga, característico do clima semiárido. Em função das formações geomorfológicas das serras, a área apresenta variações desta vegetação, como: o Cerrado, a Floresta Serrana e o Campo Rupestre.

Como característica de uma zona semiárida, que se encontra inserida no polígono das secas<sup>1</sup>, a área em apreço apresenta bacias hidrográficas geralmente intermitentes, sendo algumas até efêmeras (CAVALCANTI, 2013). Porém, de acordo com Martin (2008), essas regiões conservam áreas de nichos ecológicos<sup>2</sup> que favoreceram a presença de grupos humanos na pré-história.

---

<sup>1</sup>O Polígono das Secas é formado por 1.348 municípios localizados nos Estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe, que compreende grande parte do semiárido do Nordeste brasileiro. Estas áreas, por definição, estão sujeitas à repetidas crises e prolongamento da falta de chuvas e, conseqüentemente, necessitárias de medidas protetoras do setor público. Fonte: Relatório Final do Grupo de trabalho interministerial para redelimitação do semiárido nordestino e do polígono das secas, Ministério da Integração Nacional, janeiro de 2005, Brasília.

<sup>2</sup>Estes nichos possibilitam a presença humana desde um passado remoto; os brejos são lugares importantíssimos para o conhecimento da pré-história brasileira porque são zonas de atração e concentração de grupos humanos, onde as estratégias de sobrevivência do homem pré-histórico puderam se desenvolver (...) (MARTIN, 2008: p 51)

As principais redes hidrográficas que predominam na região são: 1 - A bacia do Rio Moxotó que está situada, em sua maior parte, no Estado de Pernambuco, alongando-se na sua porção sudeste para o Estado de Alagoas e segue até o Rio São Francisco; e 2 - A bacia do Rio Ipanema que se encontra localizada, em sua maior extensão, no Estado de Pernambuco, percorrendo, no sentido sul, para o Estado de Alagoas, onde deságua no Rio São Francisco. Em que pesem os fatores climáticos mais gerais, a área apresenta índices pluviométricos anuais que variam entre 650 e 1.100mm, com chuvas concentradas durante 3 ou 4 meses, distribuídas irregularmente.

Na região as pesquisas arqueológicas são realizadas desde a década de 70, do século XX, que foi a partir das informações obtidas na área arqueológica da microrregião do Arcoverde<sup>3</sup> (como o Vale do Catimbau, parte integrante do PNC), frente às suas condições geomorfológicas, poderia auxiliar nos estudos pré-históricos, ampliando a compreensão dos processos migratórios dos grupos humanos que produziram os registros rupestres no Nordeste brasileiro.

De princípio, as investigações foram orientadas para análise e classificação do perfil gráfico das pinturas rupestres. Assim, de acordo os resultados das pesquisas sistemáticas<sup>4</sup>, foi revelada, a partir do estudo da distribuição dos sítios, a existência de distintas áreas gráficas: o Vale do Moxotó e o Vale do Ipanema. Até o presente momento as datações obtidas para a área arqueológica Vale do Moxotó situam a ocupação pré-histórica entre 6.000 até 800 anos AP, sem haver, todavia, uma ligação direta entre essa cronologia e as pinturas rupestres.

Segundo Martin (2005), as contextualizações dos sítios arqueológicos no Vale do Catimbau possuem paisagens marcadas pelo contraste, construídas pela ação da erosão pluvial sobre as estruturas sedimentares; os grupos humanos pré-históricos ocuparam abrigos, que se situam em áreas comuns de várzea ou de piemonte, próximos a fonte d'água, mesmo que, por vezes, limitados (MARTIN, 2008).

Os sítios arqueológicos estudados estão inseridos nas Microrregiões do Sertão do Moxotó (**A**) e no Vale do Ipanema (**B**), respectivamente: **A** - No município de Ibimirim, **Sítio Furna da Serra do Barreiro, Sítio Furna do Morcego, Sítio Furna dos Veados, Sítio da Ema, Sítio Tauá II, Sítio Toca do Gato**; e no município de Sertânia, **Sítio Loca dos**

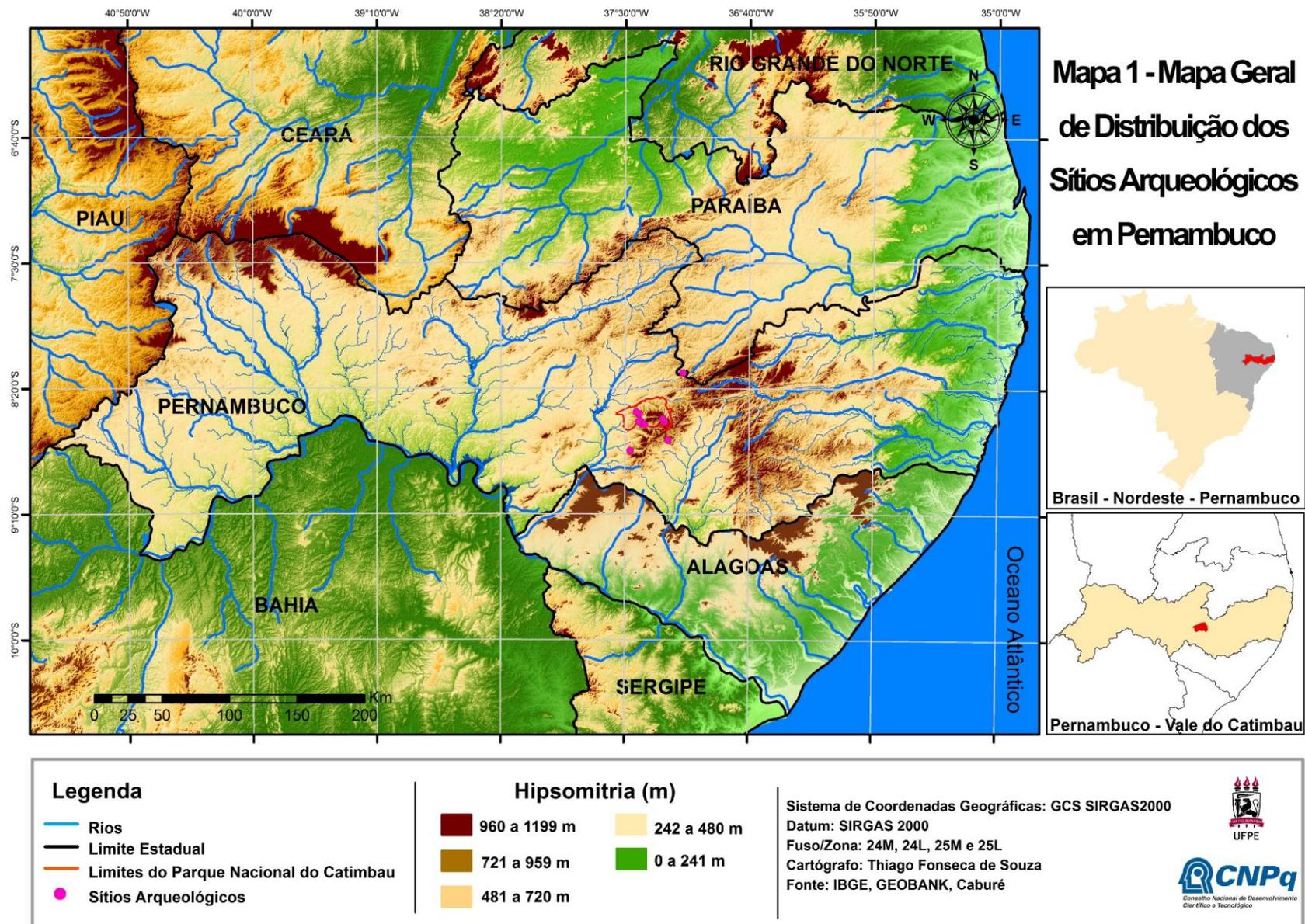
---

<sup>3</sup> Segundo Martin (2008, p 87), “chamamos de áreas arqueológicas as divisões geográficas que compartilham, entre si, as mesmas condições ecológicas, nas quais está contido um número expressivo de sítios pré-históricos.

<sup>4</sup> Conforme as análises realizadas por Martin (2008), Oliveira (2001a), Barbosa (2007).

**Caboclos. B - No município de Buíque: Sítio Furna do Letreiro da Mina Grande, Sítio Loca da Cinza, Sítio do Veado.**

Mapa 1 - Mapa Geral de Distribuição dos Sítios Arqueológicos em Pernambuco. O mapa integra a dissertação "Pinturas Rupestres e Paisagem - Um Estudo de Caso das Representações Zoomórficas do Vale do Catimbau – PE" defendida no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia (PPGARq) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)



O objetivo dessa pesquisa é investigar o acervo gráfico pintado do PNC, com vistas voltadas para a caracterização das representações zoomórficas, imersas na paisagem arqueológica.

A partir do levantamento documental existente sobre o objeto investigado, foram identificadas quarenta e quatro (44) figuras zoomórficas, dispersas em onze (11) sítios arqueológicos, distribuídos em três (3) municípios. Os estudos realizados por Barbosa (2007) sobre as representações antropomórficas, no Vale do Catimbau, demonstrou a existência de um padrão na distribuição espacial/morfológica dos sítios: A) a leste da Serra do Coqueiro, na Bacia do Ipanema, nas cotas altimétricas mais inferiores (entre 750 e 850m), situa-se a área gráfica dos grupos da Tradição Agreste; B) a oeste da mesma serra, na Bacia do Moxotó, nas cotas altimétricas mais elevadas (entre 900 e 1000m), situa-se a área gráfica dos grupos da Tradição Nordeste.

A presente dissertação, em primeiro plano, surge da necessidade da investigação sobre os tipos de representações zoomórficas presentes no PNC, como uma ação contínua do processo de sistematização da pesquisa na região; e, num segundo plano, surge da necessidade de propor, para a região, um estudo efetuado à luz da arqueologia da paisagem.

Os estudos das pinturas zoomórficas do Vale do Moxotó apoiam-se nas pesquisas realizadas por: GUIDON, 1982; MARTIN, 1994, 2002, 2005; PESSIS, 1989, 1992, 1993, 2002, 2013; e AMARAL, 2015. Segundo Pessis (1992), as apresentações gráficas contêm características fundamentais para o reconhecimento e classificação dos registros rupestres, que são culturalmente determinados por padrões de comportamento social, e essas formas são visíveis nas características do conjunto gráfico produzidos pelos grupos humanos pretéritos, que disporia como função essencial no estabelecimento de classificação<sup>5</sup>.

Segundo Hodder & Orton (1990), as pesquisas arqueológicas precisam estar conectadas a contextos arqueológicos para uma melhor fundamentação hipotética e, ao realizá-las dessa forma, encaminham-se a análise a uma perspectiva arqueológica, também, do contexto de dispersão espacial na paisagem e na funcionalidade dos sítios em escala local e regional.

Desde já deve-se compreender que a paisagem é uma representação cultural e pode ser temporalmente determinada (INGOLD, 1993), pois é moldada ou ressignificada pelos grupos

---

<sup>5</sup> Segundo Pessis (1992), as pinturas são segregadas em classes iniciais, com efeito para a pesquisa, denominadas Tradições.

humanos em suas práticas cotidianas. Assim, é possível realizar relações entre os registros arqueológicos e as análises da distribuição espacial e ambiental desses sítios, com propósitos de buscar padrões comportamentais que podemos compreender (HYDER, 2004).

Para Schlanger (1992) esses padrões comportamentais são impressos nos lugares e paisagens, onde haveriam persistências que representariam o conjunto do comportamento humano, particularmente, em uma paisagem específica. E este é um produto das áreas ocupadas em longa duração, que são refletidas na distribuição e formação dos registros arqueológicos. Portanto, as escolhas dos lugares para a reprodução dos registros rupestres, como também a configuração da distribuição espacial e ambiental, estariam relacionadas aos aspectos culturais e étnicos dos grupos pré-históricos que habitavam esses lugares.

Como caminho para exame desses pontos, dos registros rupestres e da distribuição dos sítios na paisagística, os estudiosos da arqueologia, estabelecem métodos formais de análises; auxiliados pelos sistemas informáticos de dados georreferenciados, a exemplo das ferramentas SIG.

O SIG trabalha com um conjunto de ferramentas de informática para entradas, armazenamento, processamento, transformação, consulta, recuperação e saída de dados espacialmente referenciados (CONOLLY & LAKE, 2009). A partir destas é possível descrever o mundo mediante atributos e localizações (como variáveis geomorfológicas), que possibilitam identificar as vias de comunicação social (rotas de migrações), predefinidas naturalmente, pelos grupos humanos pré-históricos (BOADO, 1999).

Ao reconhecer os registros rupestres como marco-testemunho da ocupação espacial pelos grupos pré-históricos, buscou-se analisar os sítios arqueológicos a partir das premissas expostas nos parágrafos anteriores, com os seguintes propósitos:

1 – Identificar os pontos comuns e distintivos entre as áreas ocupadas pelos grupos, autores das representações zoomórficas, que grafaram no Parque Nacional Catimbau;

2 – Identificar as dicotomias nas estratégias/práticas sociais utilizadas pelos pintores dos zoomorfos, a partir dos estigmas da ocupação deixados pelos grupos humanos na paisagem, de modo a se chegar a um (uns) padrão (ões).

Nosso objetivo geral é a caracterização e análise das representações zoomórficas, em função do seu posicionamento e sua relação com a paisagem. Como objetivos específicos propomos:

- Realizar o levantamento dos tipos gráficos das representações zoomórficas presentes na região, de modo que venha apoiar a identificação de perfil gráfico;
- Analisar a distribuição espacial dos sítios com representações zoomórficas, considerando sua imersão numa paisagem com importantes amplitudes altitudinais, que favorecem a emersão de distintos habitats.

O problema científico, segundo Bunge (1983), deve nascer de um conhecimento pré-existente, pois não há investigação sem pressupostos. E para arqueologia o objeto deve ser pesquisado, na medida do possível, por vários ângulos teóricos e metodológicos, que podem ser gerados por diversos problemas, de acordo com a perspectiva/interesse do indivíduo, no qual os problemas ou a linha de investigação são produtos estabelecidos por diversos fatores.

As pesquisas realizadas no Parque Nacional Catimbau, por Martin (2008), Oliveira (2001a) e Barbosa (2007), demonstram uma relação das ocupações pré-históricas entre os grupos “Agreste” e “Nordeste”<sup>6</sup>, a partir da distribuição espacial, revelaram a existência de distintas áreas gráficas: uma com prevalência de pinturas da Tradição Nordeste; a outra, exclusivamente, com pinturas da Tradição Agreste. A percepção dessa dicotomia pode representar padrões ocupacionais (comportamentais) e culturais distintos dos grupos humanos pré-históricos. Portanto, temos como proposta de problema na pesquisa as seguintes questões:

- ❖ **Quais tipos de representações zoomórficas estão inseridos na região?**
- ❖ **Existe algum padrão comportamental na distribuição destas representações zoomórficas no interior do Parque Nacional Catimbau?**

O Capítulo I aborda o conceito da Paisagem, perpassando pelos conceitos de Lugar e de Espaço, socialmente construídos; assim, as escolhas dos locais a serem “pintados” pelos grupos pré-históricos devem apresentar um padrão comportamental (tradição cultural). Num segundo momento, a concepção de Registro Rupestre também é debatida, apresentando as formas como os estudos sobre esse tema, no Nordeste do Brasil, são encaminhados. Num terceiro momento, busca-se discutir, considerando as possibilidades e os limites impostos pela natureza vestigial do objeto estudado, as relações orgânicas entre os Registros Rupestres e a Paisagem Arqueológica.

---

<sup>6</sup>Segundo Pessis (2003, p. 157-158) “a identificação dos perfis gráficos da Tradição Nordeste na região do Parque Nacional Serra da Capivara é referência para o estudo das migrações pelo Nordeste do Brasil das populações pré-históricas”.

O Capítulo II trata dos diversos procedimentos metodológicos adotados neste trabalho, tendo como norte alguns aportes de Butzer (1982), com destaque para a escala de níveis: *micro*, *meso*, *macro*. Também relaciona, de modo hierárquico, as variáveis para a análise local, respectivamente: dos registros rupestres, do contexto geomorfológico e do contexto regional.

O Capítulo III discorre sobre os aspectos dos Antecedentes Arqueológicos e Ambientais do Vale do Catimbau, onde são apresentados os resultados, mais gerais, das pesquisas realizadas até o momento na região, com destaque para os aspectos da geomorfologia, da climatologia e da geografia regional.

O Capítulo IV apresenta os grafismos zoomórficos e os sítios arqueológicos do Parque Nacional Catimbau, assim como a área do entorno dos sítios. Para tanto, foram eleitas as seguintes categorias analíticas: localização, contexto morfológico do sítio, estado de conservação, ordenamento temporal, mancha gráfica, pinturas zoomórficas, contexto regional.

No Capítulo V, são analisados os elementos do fenômeno gráfico, a partir das seguintes categorias analíticas: temática, cenografia e técnica; correlacionando-as com as variáveis: distribuição espacial, dados das relações da paisagem com as representações zoomórficas, das relações dos sítios arqueológicos com as bacias hidrográficas, da declividade, da visibilidade e da orientação das encostas.

E, por fim, nas considerações finais são apontados os resultados da pesquisa, com enfoque maior da relação das pinturas rupestres com as paisagens.

## CAPÍTULO I – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

### 1.1 - LUGAR, ESPAÇO E PAISAGEM: PAISAGEM ARQUEOLÓGICA.

Nos últimos anos a arqueologia, enquanto ciência, vislumbrou novos horizontes sobre o conceito de paisagem; e a partir dos estudos pós-processuais a paisagem começou a ser vista como ‘socialmente construída’, o que a põe no patamar da ‘dimensão sociocultural’. Em princípio, a paisagem tem um sentido mais abrangente ‘de lugar’ (*locus*), é carregada de experiências individuais e coletivas (sociais).

Segundo Tilley (1994), com os estudos da fenomenologia, a paisagem simplesmente, e unicamente, não pode ser representada somente no âmbito natural. Qualquer paisagem ou ambiente, ocupado pelo homem, deve ser revelado como pertencente ao âmbito ‘cultural’ aos olhos de seus atores sociais. Neste campo, da concepção da paisagem socialmente construída, tomam-se como pontos de partida os conceitos de ‘lugar social’ e de ‘espaço social’.

#### 1.1.1 – Lugar social

O lugar tem um papel essencial para os grupos humanos, já que exprime o entendimento de elementos carregados de simbolismo e de práticas sociais. E como uma unidade não pode ser desvinculada de uma estrutura maior, pois perderia seu sentido; assim, o lugar representa a singularidade da manifestação social no espaço e suas experiências ditam as formas de estruturas da intencionalidade dos grupos que habitam certos espaços, ou que denotariam um valor significativo ao ponto de constituir um processo de identidade socio-espacial (ACUTO, 1999).

Esse conceito carrega consigo uma contextualização e estaria indissociável em relação à identidade e as práticas sociais. O que impossibilita enxergar ‘um lugar’ sem a compreensão do ‘lugar contexto’, já que este expressa ‘diálogos de grupos humanos’; assim, o lugar nos faz perceber que sem contexto não há lugar:

O significado do lugar é fundamentado no existencial ou na existência da consciência disso. Observa-se que os limites do lugar estão fundamentados nos limites da consciência humana. Lugares são difusos e diferenciados como a gama de identidades e significados que lhes são conferidos. As pessoas estão imersas em um mundo de lugares que a imaginação geográfica tem como objetivo compreender e recuperar os lugares como contexto para a experiência humana, construída em movimento, a memória, de encontro e de associação. (...). Mas os lugares são sempre muito mais do que pontos ou locais, porque eles têm significados distintos e valores diversos para as pessoas. (TILLEY, 1994: p. 15, tradução nossa)

O sentido de lugar atrela-se a um contexto e essa especificidade sempre tem que ser entendida a partir de um ponto de vista particular, já que dada a percepção de ‘um lugar’ pode-se caracterizá-lo como um produto que contém um sentido ‘interno’: que possui um universo simbólico; e um sentido ‘externo’: o *locus* físico para as ações sociais<sup>7</sup>.

Segundo Schlanger (1992), ao identificar os locais utilizados para as práticas culturais<sup>8</sup>, atribuímos a estes um caráter de apropriação social do lugar; tomamos como base o pressuposto que há certas particularidades nos lugares. Percebe-se que esses lugares persistentes (*Persistent Places*<sup>9</sup>) representam locais utilizados repetitivamente por humanos, em termos sincrônicos e diacrônicos.

Essas áreas ocupadas, por longa duração, possibilitam enxergar as particularidades dos processos de ocupação, enquanto resultado de uma escolha dos grupos pré-históricos que se instalaram na área do Parque Nacional Catimbau; tais particularidades podem ser examinadas a partir do estudo da distribuição, da configuração geomorfológica dos sítios arqueológicos e dos registros neles contidos.

Sob a ótica de Schlanger (1992), ver-se a paisagem como uma totalidade, já que os lugares persistentes podem ser percebidos em três aspectos, uma vez que o *Locus* de ocupação ultrapassa o sítio arqueológico, estando este constituído por elementos bem demarcados no sistema sociocultural, por meio de fronteiras estabelecidas simbolicamente, formados por

---

<sup>7</sup>Tilley (1994: p. 18) entende o *Lugar* como tendo qualidades metonímicas. Os lugares e seus conteúdos designam a parte pelo todo. Assim, todos os lugares, portanto, têm qualidades metonímicas (locais e seus conteúdos consistem na relação parte-todo) e densidades distintas de significados para os seus habitantes, de acordo com os eventos e ações que testemunham, ‘participar de’ e ‘lembrar’. Um sentimento de apego ao lugar é frequentemente derivado da estabilidade de significados associados a ele (tradução nossa).

<sup>8</sup>Incluem-se neste campo as práticas da elaboração das pinturas rupestres.

<sup>9</sup>Schlanger (1992: p. 97) define lugares persistentes: são lugares que foram usados repetidamente com múltiplas ocupações ao longo do tempo. Eles não são nem estritamente locais (isto é, concentrações de materiais culturais), nem se caracterizam simplesmente como uma paisagem. Em vez disso, eles representam um conjunto do particular comportamento humano, em uma paisagem específica (tradução nossa).

todos os locais de uso contínuos (FAGUNDES & PIUZANA, 2010). Sobre os três aspectos dos lugares persistentes, podem ser assim demonstrados:

- 1 – As singularidades dos lugares acarretam um sentido de função social específica, definida nos espaços topográficos para certas atividades, práticas ou ações;
- 2 – Nas ocupações diacrônicas há particularidades que condicionam, de certa maneira, as seguidas reocupações da área;
- 3 – As próprias estruturas (ou qualquer exemplar da cultura material) utilizadas por grupos humanos que ocuparam uma dada região, pela sua natureza precípua, possibilitam sua reutilização; por exemplo, os lugares escolhidos para serem ‘pintados’, podem apontar para uma ‘persistência’, frente à constatação da reutilização do paredão rochoso como suporte.

### 1.1.2 – Espaço social

O espaço inicialmente deve ser entendido como uma apropriação mais abstrata do que lugar, o que denotaria um contexto situacional dos lugares. Entretanto, o contexto somente pode ser entendido através dos significados/interpretações destes lugares específicos; pois, de acordo com Tilley (1994), sem lugares não pode haver espaços, os lugares têm significados ontológicos primários: o apego emocional.

Ao apresentar o espaço<sup>10</sup> como estrutura social, o citado autor adverte que este deve ser constituído de um sentido (para o grupo) de apropriação para práticas sociais. O espaço somente pode existir como um conjunto de relações entre coisas ou lugares, visto que não há espaço que não seja relacional, criado por relações sociais, naturais ou por objetos culturais.

De acordo com Tilley (1994), o espaço é uma produção, uma conquista, e não uma realidade autônoma em que as coisas ou pessoas estão localizadas ou “encontradas”. Estas são relações espaciais em que são constituídas por coisas e lugares que afetam a forma como eles se relacionam. Em outras palavras, há uma dialética sócio-espacial: o espaço é tanto constituído como constitutivo.

---

<sup>10</sup>Tilley (1994: p. 14 a 17), apresenta conceitualmente cinco representações do espaço: 1 Espaço Somático; 2 Espaço Perceptivo; 3 Espaço Existencial; 4 Espaço Arquitetônico; e 5 Espaço Cognitivo.

Ao compreendermos o espaço como apropriado e (re)significado pelos grupos humanos, este assume característica de paisagem, fruto da interligação das concepções de natureza e cultura<sup>11</sup>. Segundo Acuto (1999), o espaço representa as ações humanas no seu tempo, de forma que a socialização do espaço pode ser caracterizada como **espaço moldado**; e representaria um delimitador de poder de uma determinada sociedade, formatando os lugares conforme suas estruturas sociais:

Por esse viés, o que denominamos *espaço moldado* nada mais é do que a *paisagem enquanto construção social*, que amplia sensivelmente a noção de sítio arqueológico e, nesse processo, pode ser compreendida como um dos focos de análise da Arqueologia, pois traz consigo as marcas das diferentes ocupações em longa duração e, dessa forma, a possibilidade de leitura de conceitos caros à Arqueologia: continuidade e mudança, simbolismo, organização tecnológica, mobilidade, obtenção de recursos, sistema de assentamento e suas interconexões. (FAGUNDES & PIUZANA, 2010: p. 207)

No momento em que as sociedades de pequena escala são analisadas, com foco da compreensão da relação entre o ambiente (paisagem) e as práticas sociais, esta relação fica mais clara quando emerge a ‘ideia de território’ entre os convivas (CHAMBERLIN, 2006), uma vez que esse aspecto (noção de território) infundem os pontos objetivos e subjetivos da concepção de identidade; estes pontos são perceptíveis a partir dos conflitos simbolicamente engendrados (ou reais) e das apropriações espaciais (sentimento de pertencimento aos lugares ocupados). Assim, em tudo aquilo que implica a noção de Espaço Social buscou-se observar, a partir da distribuição espacial dos sítios, a ocupação primitiva do PNC.

### 1.1.3 – Paisagem social

A ideia de paisagem é contrária ao reconhecimento de qualquer simples relação binária entre o homem e a natureza (MEINIG, 1979: p. 2 apud INGOLD, 1993: p. 154), que normalmente pode ser percebida através dos vários tipos de fronteiras nela identificadas. Para tanto, é importante notar que nenhuma das características da paisagem é, por si só, um limite;

---

<sup>11</sup>Fruto de nossa dicotomia ocidental, o caos gerado por esta dissolução entre ‘Natureza e Sociedade’ é apenas aparente. Como fora discutido, apesar da produção científica desejar cumprir as exigências da modernidade, purificando seus seres, o que se vê a partir da História da Ciência é uma multiplicação de híbridos. “Sempre vivemos em um mundo comum, formado pela associação de humanos e não-humanos, no qual não podíamos apreender em razão da ideia de Ciência que adotamos” (NEUMANN, 2008: p. 88).

tal questão pode ser constatada a partir da observação do curso de um rio ou de um talude, ou das estruturas construídas, tais como muros e cercas.

A paisagem não seria somente uma dimensão natural (física) e nem tão pouco social, ela possui, também, um caráter temporal. Ingold (1993) compreende o tempo como intrínseco ao ser humano (a passagem do tempo), colocando-o como uma das pilstras centrais da vida humana. Na conjugação destes polos são formadas as paisagens, com características quantitativamente heterogêneas, nas quais os homens habitam.

Ingold (1993) indica que a temporalidade é inerente ao padrão das atividades de habitação, que o intitula de *Taskscape*<sup>12</sup>. Em termos comparativos: assim como a paisagem é uma série de recursos relacionados, por analogia, o *taskscape* é uma série de atividades reguladas na paisagem (p. 158). Isto é, um espaço socialmente construído pela atividade humana, compreendida em suas limitações espaciais e temporais.

Estas atividades são contínuas e não se apresentam em um estado imóvel, uma vez que as atividades que compõem o *taskscape* são intermináveis. Portanto, a paisagem nunca é completa, nem ‘construída’ nem ‘edificada’, está perpetuamente em construção; não pode ser vista como produto de uma única atividade humana, mas sim de ações interativas (INGOLD, 1993):

Se reconhecemos o andar de um homem no padrão de suas pegadas, não é porque o andar precedeu as pegadas e foi inscrito' nelas, mas porque tanto o andar como as impressões surgiram dentro do movimento do caminhar do homem. (INGOLD, 1993: p. 162), (tradução nossa).

De acordo com Boado (1999) devemos considerar a paisagem<sup>13</sup> como produto humano que usou uma dada realidade (o espaço físico/natural) para criar/apropriar outra realidade (o espaço social) humanizada, econômica, agrária, habitacional, política, territorial, por meio da aplicação da ordenação simbólica: sentida, percebida, pensada.

Esta concepção torna a dimensão simbólica num componente essencial da paisagem social. Neste aspecto, o espaço social representa um modelo (molde) do pensamento e das

---

<sup>12</sup>Como não encontramos uma tradução razoável para o vocábulo foi utilizado o termo original.

<sup>13</sup>Boado (1999: p. 5), define como: (...) “proponemos concebir el paisaje como el producto socio-cultural creado por la objetivación, sobre el medio y en términos espaciales, de la acción social tanto de carácter material como imaginário”.

ações dos homens pré-históricos, que refletem nos movimentos da população na América, e, possivelmente, nas escolhas das rotas migratórias (ACUTO, 1999).

O conceito de paisagem deve ultrapassar os limites da adaptabilidade e da subsistência dos grupos humanos, pois estariam relacionados aos aspectos de ordem cognitiva, ao apego sentimental ao lugar, às escolhas/estratégias políticas, ideológicas ou ritualísticas (Fagundes & Piuzana, 2010). Enfim, faz parte de uma rede de significação, de modo que a paisagem torne-se:

uma forma escultural anônima e sempre moldada pela ação humana, nunca concluída, na qual está sendo constantemente adicionado algo; e as relações das pessoas, enquanto ação dialética, são partes constitutivas do processo de estruturação: a paisagem é tanto meio como resultado da ação e das histórias anteriores da ação. A paisagem é o resultado das atividades permanentes da vida (TILLEY, 1994: p. 23, tradução nossa).

Desta forma, os sítios (imersos na paisagem arqueológica) devem ser vistos para além de um simples conjunto de elementos naturais (entidade física intacta) contendo vestígios das culturas pretéritas, devem ser vistos como espaços moldados socialmente por grupos humanos, aos quais se adaptavam e os geriam, de acordo com a dinâmica cultural dos grupos que os ocupavam.

A paisagem arqueológica se constitui, nesse sentido, de um conjunto de sítios (lugares persistentes) dispersos em amplos espaços, com ancoragem espacial, temporal e cultural; como uma entidade dotada de significação, eivada dos ambivalentes sentimentos: de posse e de pertencimento:

(...) apropriações simbólicas do espaço são compreendidas dentro de um delimitador territorial que forma uma paisagem cultural, representada, no registro etnográfico, pelos mitos associados aos grupos humanos que mantêm uma relação duradoura com o local em que vivem. Essas relações revestem-se dos elementos que o Ambiente (sic) disponibiliza como representação dos mitos indígenas que reproduzem seus cenários de origem mesmo em ambientes distintos dos quais foram geridos e estabelecidos como tradição. (SILVA-MÉNDES, 2007: p. 142)

Os arqueólogos devem delimitar uma fronteira/limite, quando tratar da paisagem, em relação às atividades humanas, pois nelas podem ser conhecidas e reconhecidas pelos padrões. Pois, a paisagem como forma de integração de fenômenos (naturais e humanos) diretamente relacionados à vida humana, contém pistas simbólicas, além dos vestígios da cultura material: cerâmicas, artefatos líticos, pinturas rupestres, etc.

## 1.2 - O REGISTRO RUPESTRE

Os registros rupestres primordialmente devem ser entendidos, mesmo de forma redutora, como um conjunto constituído de figuras dispostas num suporte rochoso, presente e fixo na paisagem. Além disso, pode servir, no campo arqueológico e antropológico, como marco-testemunho intencional da ocupação humana (CHIPPINDALE & NASH, 2004).

De acordo com Pessis (1993), a abordagem arqueológica recente conceitua as pinturas e gravuras rupestres como registros gráficos, constituindo fontes de dados para entender a pré-história da humanidade. Estes registros passam a ser considerados como vestígios arqueológicos, da mesma forma que os demais registros da cultura material: cerâmicas, líticos, sepultamentos, ornamentos, etc.

Com o advento dos estudos da semiótica, com os pressupostos de Peirce (1977) aplicados à arqueologia, deixa claro que em qualquer produto cultural humano está sempre presente a entidade *signo*. Nesse sentido, o homem encontra-se submerso em um universo simbólico edificado por ele mesmo, que extrapola os limites de suas experiências/ações. Assim, deve-se buscar entender a natureza intrínseca das relações simbólicas presentes nos registros rupestres. Isnardis & Link acrescentam que:

abdicar desse caráter simbólico do comportamento humano é abrir mão de compreender como as escolhas foram realizadas, de compreender porque tais abrigos receberam pinturas e não outros, porque os sepultamentos foram realizados naquele sítio e não em outros (ISNARDIS & LINK, 2010: p. 44).

De acordo com Pessis (1992: p. 39), a arqueologia deve enxergar o registro rupestre como manifestação de uma forma particular de comunicação social. O simbolismo terce os

laços da identidade social com seu contexto, a qual pode ser analisada por duas vias perpetuadas nos registros rupestres: na encenação gráfica e na técnica utilizada.

Nesta perspectiva, dos registros rupestres situados no contexto arqueológico, se estabelecem as possibilidades de explicá-los de forma fatural ou hipotética (PESSIS, 1992); os estudos devem partir não somente do objeto, mas em conjugação com seu contexto arqueológico, refletindo numa pesquisa mais contundente. Neste sentido, o vínculo com estudos da paisagem estaria aberto às pesquisas contemporâneas; esta ideia é reforçada por Chippindale & Nash (2004) quando afirmam: os estudos dos registros rupestres se tornam mais expressivos ao considera-las nas configurações das paisagens.

Com base nos resultados das pesquisas (GUIDON, 1982; MARTIN, 1994, 2002, 2005; PESSIS, 1989, 1992, 1993, 2002, 2013; AMARAL, 2015) foi observado que os diferentes procedimentos técnicos utilizados nas representações gráficas podem demonstrar que “(...) cada segmento da sociedade, têm procedimentos próprios para apresentar à observação de outrem (...)” (PESSIS, 1993: p. 12).

Segundo Pessis (1992), as **apresentações gráficas** contêm características que são fundamentais para o reconhecimento e classificação dos registros rupestres, que são culturalmente determinados por padrões de comportamento ou apresentação social. Já que a **apresentação social** evidencia marcas (padrões), essas identidades gráficas são “construídas por um conjunto de características que permitem atribuir a um conjunto de grafismos uma determinada autoria social” (PESSIS, 1993: p. 11).

Os registros rupestres, vistos por este prisma, devem ser trabalhados com ferramentas específicas<sup>14</sup> (SILVA, 2008), de modo que possibilitem sua análise sob a égide das dimensões dos fenômenos gráficos: temáticas, técnicas (material), e apresentação gráfica (cenográfico).

Conforme Pessis (1992), as formas características do conjunto gráfico, do mesmo grupo, dispõem como função essencial na formatação no estabelecimento de tradições. Em geral, as formas de apresentação gestual dos grupos étnicos estão culturalmente determinadas por padrões de comportamento social.

A definição de ‘Tradição Rupestre’ proposta por Pessis e Guidon (1992) parte da análise dos tipos de registros rupestres observados nos painéis dos sítios arqueológicos, relacionando os tipos representados num sítio com os diversos grafismos existentes numa

---

<sup>14</sup>Que são definidas como perfil gráfico (PESSIS, 1993).

dada região. Desta forma, os grafismos são caracterizados a partir da síntese das manifestações gráficas presentes numa área arqueológica determinada.

Para Prous (1992: p. 511) a *tradição* é “a categoria mais abrangente entre as unidades rupestres descritas, implicando numa certa permanência de traços distintos, geralmente temático”. Essa ordenação dos registros gráficos, por grupos, desempenha o papel de identidades culturais, de caráter mais geral (MARTIN, 2008).

Foi nesta perspectiva que, primordialmente, se estabeleceu os aspectos gráficos mais gerais de duas tradições de pinturas rupestres. Estas classes iniciais, não raramente, apresentam regionalmente características particulares:

- *Tradição Nordeste*: estabelecida no atual Parque Nacional Serra da Capivara (PI), também é observada em regiões do Rio São Francisco, indo em direção ao Norte pelo atual Estado de Pernambuco, chegando ao Seridó, no Estado do Rio Grande do Norte e, posteriormente, se desloca para o Sul, instalando-se no Estado da Paraíba.
- *Tradição Agreste*: estabelecida na região do Rio São Francisco, particularmente, no Estado de Pernambuco, se difundindo pelo Nordeste brasileiro.

De acordo com Pessis (1992: p. 47), as classificações podem ser estabelecidas a partir das três dimensões do fenômeno gráfico:

- A **dimensão material** (técnica), trata de todos os aspectos da realização técnica, consiste no conhecimento técnico ditado pelas particularidades do grupo cultural produtor dos registros rupestres.
- A **dimensão temática**, trata das escolhas feitas pelos autores pertencentes à determinada sociedade, que estariam relacionadas às variações diacrônicas dos grupos pré-históricos e aos câmbios de condições do meio.
- A **apresentação gráfica** (cenografia), tratadas apresentações corporais (gestos, posturas, ritmos) e dos materiais (objetos, vestimentas, ornamentos) dispostas no espaço pictural, arranjas segundo regras culturais (PESSIS, 1989: p. 102).

Quanto ao plano cronológico, “é preciso descompor o produto gráfico final em produtos gráficos parciais<sup>15</sup>, de caráter hipotético, associados às unidades cronológicas diferentes” (PESSIS, 1993: p. 10). Assim, foi proposto cronologias para as Tradições Nordeste e Agreste:

A Tradição Nordeste – com maior concentração na região do Estado do Piauí, com datação mínima entre 12.000 e 6.000 AP, é atribuída a um grupo cultural que viveu e pintou os paredões da região durante um longo e contínuo período.

A Tradição Agreste – que se espalhou por quase todo o Nordeste, teve início em torno de 9.000 anos AP e perdurou até, aproximadamente, 2.000 anos atrás. Segundo Pessis (2003: p. 88-89), estes grafismos não são originários da região do Parque Nacional, são apenas intrusões isoladas e, com frequência, estão superpostos às pinturas da Tradição Nordeste.

A partir dos estudos sistemáticos dos grafismos, concernentes às citadas tradições, suas características mais gerais tornam-se bastante claras:

- A Tradição Nordeste é “integrada pela presença de grafismos reconhecíveis (figuras humanas, animais, plantas e objetos) e por grafismos puros (não identificados). As figuras são, muitas vezes, dispostas de modo a representar ações cujo tema é, por vezes, reconhecível” (PESSIS, 1992: p. 43-44). No conjunto das representações de antropomorfos e zoomorfos, as figuras de plantas e de objetos são minoritárias (PESSIS, 2003: p. 83).
- A Tradição Agreste é caracterizada pela predominância de grafismos reconhecíveis, particularmente da classe das figuras humanas, sendo raros os animais, e nunca aparecem representações de objetos e nem figuras fitomorfas. Os grafismos representando ações são raros e retratam unicamente caçadas. As figuras são representadas paradas, sem dinamismo. Os grafismos puros, muito abundantes, apresentam morfologia bastante diversificada (PESSIS, 1992, p. 44).

### 1.3 - PINTURA RUPESTRE E PAISAGEM

---

<sup>15</sup>Ou Perfis Gráficos (Pessis, 1993).

Da mesma forma que a padronização (repetição de comportamento) dos registros rupestres pode representar padrões comportamentais que indiquem uma identidade cultural, os lugares persistentes de produção das representações zoomórficas no PNC, como forma de apropriação cultural da paisagem, podem indicar padrões de ocupação e da movimentação dos grupos pré-históricos.

A ideia indissociável da relação da paisagem natural (físico) e humana (social, simbólico, temporal), demonstradas pelas ações humanas, propiciou o desenvolvimento da Arqueologia da Paisagem, entre os anos 70 e 80 do século XX, gerando perspectivas teórico-metodológicas para a ciência arqueológica, em seus diversos campos de pesquisa.

Estas percepções acerca do homem e do seu meio (habitat), ampliadas na Arqueologia Cognitiva<sup>16</sup>, não estariam unicamente preocupadas com os objetos materiais, mas também com seu entorno e seus componentes cognitivos (BOADO, 1999). Nestes estudos deve-se entender que esta corrente de pensamento é desenvolvida na arqueologia por meio da multidisciplinaridade<sup>17</sup>; de acordo com o pronunciamento de Salvio (2008: p. 23), essas possíveis relações:

(...) entre os sítios arqueológicos e o quadro físico e biótico da paisagem, a partir de uma perspectiva da Geografia, podem trazer novas contribuições para o entendimento do uso, construção e ocupação do espaço ocupado pelos povos pré-coloniais, agregando, assim, novos valores e abordagens interpretativas para a arqueologia brasileira.

Segundo Arsenault (2004), ao estabelecer a Arqueologia da Paisagem como norteador teórico da pesquisa tem que se buscar suas possibilidades e considerar seus limites. As abordagens para os estudos da paisagem na arqueologia podem ser vistas nas reflexões de Zedeño (1997), Bradley (1997), e Tilley (1994)<sup>18</sup>, que, apropriadamente, demonstraram que qualquer paisagem ‘natural’ pode ser representada culturalmente de acordo com o olhar dos seus atores sociais.

A paisagem varia de acordo com a posição que cada ator ocupa no seu interior e conforme a atividade social por ele desenvolvida; constitui a soma de todas as relações que eles mantem com a paisagem (Zedeño, 1997, p. 86; Cummins & Whiteduck, 1998: p. 6-7;

<sup>16</sup>Como definido por Trigger (2004).

<sup>17</sup>A exemplo da Geografia, da Biologia, da Paleontologia, da Antropologia, etc.

<sup>18</sup>Essas abordagens podem ser vistas detalhadamente no texto: “*Rock-art, Landscape, SacredPlaces: Attitudes in ContemporaryArchaeologicalTheory*” de Daniel Arsenault (2004), das páginas 71-73.

Little Bear, 1998: p. 18-19 apud ARSENAULT, 2004: p. 73); estas relações estão expressas na considerável diversidade de sistemas materiais e representações simbólicas.

Estas abordagens têm oferecido aos arqueólogos ferramentas conceituais para auxiliar na compreensão dos aspectos simbólicos e dos valores significativos que foram anexados à paisagem natural, no passado, pelos grupos humanos que habitavam o local. Portanto, para Arsenault (2004, p. 73) podemos olhar arqueologia da paisagem como:

uma abordagem que inclui a análise dos sítios de pinturas rupestres como locais persistentes, integrados aos ambientes naturais e socioculturais, ou seja, a totalidade dos recursos físicos e simbólicos encontrados numa região específica.

Esse tipo de ‘paisagem cultural’ pode apresentar num conjunto de variações quando observadas nas formações naturais, como caverna, gruta, fonte de água, terraços naturais com vista para os vales (ARSENAULT, 2004). Segundo Humphrey (1995), para se tornar uma paisagem social, um local deve ser transformado por um grupo cultural para responder às suas necessidades espirituais/cognitivas, gerando assim um ‘contexto específico’.

Para Tilley (1994) e Basso (1984) esse horizonte pode se dar pela atribuição de um conjunto de elementos topográficos e setores modificados pelos atores sociais em uma paisagem natural (ARSENAULT, 2004: p. 74). Podemos constatar que os valores simbólicos estariam sujeitos a essas transformações, especificamente, quando se relacionam às representações cosmológicas. Portanto, as práticas sociais estão ligadas aos lugares físicos e em fusão com elementos geológicos:

‘você não pode viver naquela terra sem perguntar ou olhar ou perceber um pedregulho ou pedra; há sempre uma história’ (Silko 1981: 69, citado em Basso 1984). ‘Características da paisagem tornam-se profundamente simbólicas de acordo com modo vida cultural, a partir das forças morais onipresentes em vez de meras presenças físicas’ (Basso, 1984: 46). Através das narrativas ver-se que a concepção da terra afeta a maneira pela qual os Apaches pensam sobre si mesmos (Basso, 1984 apud TILLEY, 1994: p. 33, tradução nossa).

Segundo Arsenault (2004), do ponto de vista material, esse tipo de paisagem pode revelar um tipo de ‘mapa mental’, com seu(s) limite(s), centro(s) e periferia(s), com

santuários específicos, vias, trilhas e caminhos para os sítios ou locais sagrados, onde materiais e bens simbólicos e serviços são disponibilizados, transmitidos e trocados. E do ponto de vista histórico (temporal), as paisagens podem ter sido moldadas pelas tradições culturais dos seus ‘fundadores’ que, conseqüentemente, ajudaram a manter, reproduzir ou transformá-las a longo prazo<sup>19</sup>.

A Arqueologia da Paisagem deve ser abordada como um agente mediador entre a natureza (física) e os grupos humanos (social) que se apropriam dentro de seu universo simbólico, sagrado e cognitivo, como uma estratégia de interação e uso da paisagem. Ao nosso ver, de acordo com resultados dos estudos da relação da Paisagem/Registro Rupestre, o contexto carrega informações sobre as intervenções humanas na paisagem, que podem ser observadas pela sua intensidade representada na persistência e medida pelo valor de importância destas paisagens para os grupos pré-históricos (Schlanger, 1992).

Segundo Hyder (2004), deve-se compreender que a paisagem é a manifestação espacial das relações entre os grupos humanos e seu meio ambiente; as manifestações culturais são medidas através da interação desses grupos com o ambiente. Entendemos que certos padrões, manifestos em lugares habitados por humanos, podem ser interpretados como evidências comportamentais<sup>20</sup>.

Os estudos recentes de Hyder (2004) e Arsenault (2004) demonstraram que os padrões de distribuição dos sítios com pinturas rupestres podem ser correlacionados com as identidades étnicas. Para tanto, é preciso considerar que a maneira como as pessoas interagem com o ambiente é mediada pela projeção das suas culturas (HYDER, 2004 apud SALVIO, 2008: p. 22).

De acordo com Chippindale & Nash (2004), ao tratarmos os registros rupestres em um lugar/contexto devemos ter em mente três aspectos:

- 1 – Que estes nos oferecem um registro antropológico (um marco testemunho);
- 2 – Que estes são representados fixamente na paisagem;
- 3 – Que estes contêm, entre as suas características, a imobilidade<sup>21</sup>.

---

<sup>19</sup>Ver página 74 em Arsenault (2004).

<sup>20</sup>Ver página 85 em Hyder (2004).

<sup>21</sup>O caráter imóvel configura-se, tão somente, no registro rupestre, tendo em vista que a paisagem tem caráter móvel e contínuo, constatado a partir dos estudos geomorfológicos e arqueológicos. Como por exemplo, podemos citar a evolução dos depósitos sedimentares no interior dos sítios, que apresenta um contexto geomorfológico diferente do original. Portanto, essa mudança, processada no tempo, pode demonstrar certo padrão que na realidade não existira na pré-história (CHIPPINDALE & NASH, 2004: p. 7-9).

Considerando o exposto, pode-se dizer que o entendimento destes aspectos auxiliou, sobremaneira, na realização dos estudos no PNC no âmbito das escalas **macro** (distribuição espacial) e **micro** (o contexto da mancha gráfica).

Segundo Chippindale & Nash (2004), o exame da escolha humana terá de demonstrar padronização além da que resulta do padrão natural de oportunidade. É necessário que esse tipo de justificativa, numa ordem espacial, deve ser sempre mantido em mente ao perceber os padrões de registro rupestre<sup>22</sup>.

Mediante o exposto, nos estudos das correlações dos registros rupestres com a paisagem, quais atributos culturais poderiam ser considerados?

De acordo com Hyder (2004), a saída para os estudos que relacionam paisagem e registro rupestre é partir das análises espaciais ou locais das paisagens. Deve-se recorrer aos métodos formais (*Formal Methods*), utilizando-se de processos metodológicos que sejam capazes de agregar variáveis locais:

a metodologia formal combina variáveis locais, como pontos na paisagem, características topográficas, ou complexas relações entre qualquer combinação de dois ou mais pontos, características topográficas ou características lineares com comportamentos humanos esperados. É a interação entre essas variáveis e os comportamentos humanos que define a paisagem (HYDER, 2004: p. 86, tradução nossa).

Na medida em que a localização pode ser explorada através de uma variante (como os registros rupestres) de atributos locais específicos, a interpretação de uma escala de análise provavelmente não será a mesma observada em outra, neste caso, a definição de uma metodologia formal para análise local ou espacial em sítios com pinturas rupestres devem reconhecer as limitações interpretativas por qualquer escala (HYDER, 2004: p. 86-87).

Ao pensarmos a paisagem como um livro abarrotado de histórias, atuais ou pretéritas, percebemos que a paisagem narra a história local e/ou regional (TILLEY, 1994).

A Arqueologia da Paisagem apresenta condições epistemológicas e metodológicas para o estudo e compreensão da paisagem enquanto integradora do registro arqueológico. Com base nos pressupostos desta abordagem, foram reunidos dados substanciais para avançar

---

<sup>22</sup>Ver página 10 em Chippindale & Nash (2004).

nas análises arqueológicas, com vistas na reconstituição e interpretação das paisagens do Parque Nacional Catimbau – Pernambuco, Brasil.

## CAPÍTULO II: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como procedimento metodológico propõe-se, no primeiro momento, analisar as pinturas zoomórficas com o objetivo de se chegar ao(s) perfil(s) gráfico(s). Para tanto, foram utilizadas, enquanto ferramenta, as técnicas de isolamento e processamento (tratamento) das imagens digitais, com o auxílio de software especializado; as imagens foram inseridas num banco de dados, capaz processar e fornecer dados estatísticos.

Para as análises da distribuição espacial e paisagística foi utilizado, enquanto ferramenta cabal, o Sistema de Informação Geográfica – SIG, com o intuito de posicionar os registros rupestres nas paisagens, como modo de perceber as razões geradoras das escolhas sociais para a inserção dos motivos na paisagem, tais como: estruturas e recursos disponíveis, de modo que favoreça a percepção das tomadas de decisões econômicas.

A presente pesquisa foi estruturada em três escalas ou níveis de análises, como proposto por Butzer (1982): **micro**, **meso** e **macro**; que corresponde respectivamente às análises: **contexto dos sítios**, **contexto topográfico** e **contexto regional**.

Quanto ao âmbito social, Adler (1996) argumenta que as análises locais devem ser vistas como indicadores de integração social e ideológica, da identidade social, da defesa, e das relações dos sistemas sociais e econômicos. Desta forma, o autor redefine a escala, respectivamente, como: **intrasítio**, **comunidade local** e **região**.

A partir da compreensão de Hyder (2004), no intuito de reduzir os riscos da determinação e análises erráticas da estrutura hierárquica das escalas escolhidas para o presente trabalho, optou-se pela escala de análise que conduza ao reconhecimento de certos padrões comportamentais dos grupos humanos pré-históricos<sup>23</sup>, como segue:

**O Sítio** – que corresponde à escala intrasítio (*micro*), neste item procurou-se analisar as representações zoomórficas com a finalidade de identificar sobreposições, tradições, características gerais da mancha gráfica, cor e tratamento de suporte.

---

<sup>23</sup> Sobre as referências de Adler (1996), Butzer (1982), Marquardt e Crumley (1987), podem ser vistas em Hyder (2004), das páginas 87-95.

**O Contexto Geomorfológico** – Uma área arqueológica detém vários aspectos que remetem às identidades sociais dos grupos que a ocuparam; neste item buscou-se analisar o contexto arqueológico, imerso no meio ambiente ou paleoambiente, como forma de aceder à história/ações dos grupos humanos, considerando que o contexto representa a paisagem cultural, onde foram desenvolvidas as práticas sociais, que geram os registros arqueológicos.

Vale lembrar as palavras de Chippindale e Nash (2004): os registros rupestres apresentam uma característica imóvel no âmbito locacional, contudo, a paisagem afigura-se como móvel; portanto, é necessária uma compreensão nítida do contexto ambiental.

**O Contexto Regional** – de acordo com Chippindale e Nash (2004), o uso da localização ou análise espacial em arqueologia deve se afigurar como um método formal de análise; por isso, deve-se ter uma estratégia de investigação que compreenda os processos sociais e históricos em sua dimensão espacial, ou melhor, que seja capaz de reconstruir e interpretar as paisagens arqueológicas a partir dos objetos que as concretam (VICENT, 1991; BOADO, 1993a e 1993b apud BOADO, 1999: p. 6).

A presente pesquisa parte de uma perspectiva locacional, utilizando os recursos dos métodos formais de análise, aplicados tanto no exame do espaço/ambiente como na análise das representações zoomórficas, circunscritas nos sítios abaixo relacionados (tabela 1).

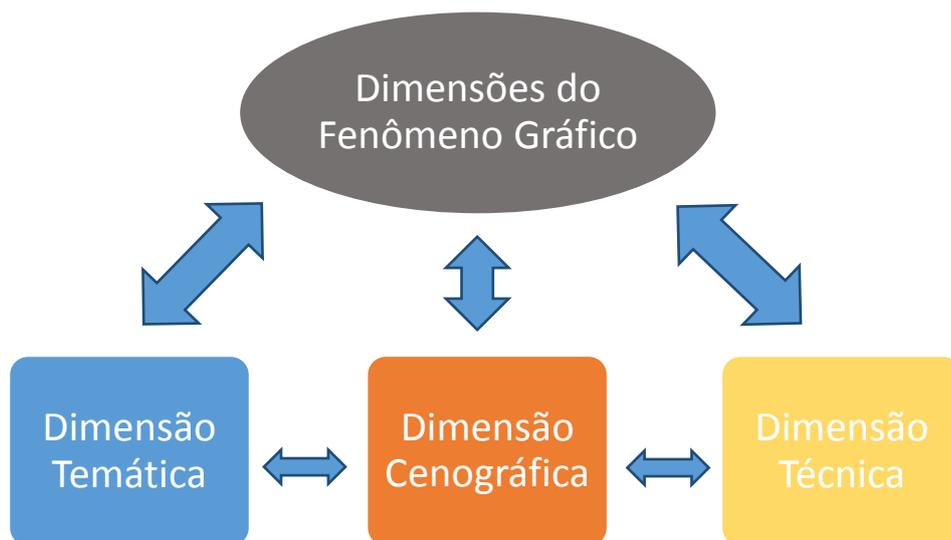
Tabela 1 - Sítios Arqueológicos com Representações Zoomórficas Reconhecíveis

Furna da Serra do Barreiro
Furna do Letreiro da Mina Grande
Furna do Morcego
Furna dos Veados
Loca da Cinza
Sítio da Ema
Sítio do Veado
Tauá II
Toca do Gato
Lagoa dos Patos
Loca dos Caboclos

## 2.1 – PROPOSTA DE VARIÁVEIS DAS PINTURAS ZOOMÓRFICAS (ESCALA MICRO)

No conceito definido por Pessis (1993) as identidades gráficas são construídas por um conjunto de características que permitem atribuir um conjunto de grafismos a uma determinada autoria social; que podem ser trabalhadas por ferramentas para identificação, classificação e sistematização do perfil gráfico (SILVA, 2008). Assim, para o desenvolvimento desse trabalho específico, partimos das interpretações cognitivas e analíticas dos motivos zoomórficos para alcançar os perfis gráficos, a partir do exame das dimensões dos fenômenos gráficos (**Quadro 1**).

Quadro 1 - Relação das Dimensões do Fenômeno Gráfico



Segundo Silva (2008), devemos compreender essas dimensões gráficas como forma de enquadramento de identidade (s) dos grupos pré-históricos, como os temas retratados, as cenas perpetradas e as técnicas utilizadas. Deste modo, foram definidas:

- A. – Temática: relativa aos elementos cognitivos essenciais para o reconhecimento dos grafismos. (SILVA, 2008: p. 57)
- B. – Cenografia: refere-se ao agenciamento e isolamento das unidades no espaço gráfico, suas dimensões e disposições espaciais e morfológicas, estabelecidas a partir de análises morfométricas. (SILVA, 2008: p. 57)

C. – Técnica: refere-se aos procedimentos técnicos de execução do grafismo rupestre.  
(SILVA, 2008: p. 57)

A partir da gama de sítios arqueológicos, localizados espacialmente, buscou-se segregar as representações zoomórficas de modo a exibir conjunto de caracteres comuns, podendo assim se chegar a conclusões seguras.

De acordo com Funari (2003) e Dunnell (2006), a análise tipológica dos artefatos é utilizada pela arqueologia como forma de fundamentar os critérios utilizados na ordenação dos mesmos, classificando-os por semelhanças e diferenças a partir do momento em que são confrontados. Pois, segundo Dunnell (2006), a ciência arqueológica se distingue de outras ciências na medida em que compreende a cultura como base da elucidação dos fenômenos gerados: os artefatos.

A classificação é criada para organização das unidades intensivamente definidas, necessárias para arqueologia, já que em uma classificação arqueológica essas unidades transfiguram-se em dados, na medida em que estendem a todos os atributos pertinentes aos fenômenos estudados, e fornecem os termos a partir dos quais os dados podem ser discutidos e manipulados.

Como podemos observar nos trabalhos sobre pinturas rupestres ou paisagem, os vestígios arqueológicos podem ser considerados como expressões do mesmo modelo mental. Portanto, o estabelecimento do campo de atributos adequado de um determinado fenômeno X, seja posteriormente estruturado como fenômeno X, e assim estariam restringindo os conjuntos possíveis de atributos.

Segundo Dunnell (2006) como forma de minimizar/evitar sérios mal-entendidos, no ato do atributo, deve-se compreender em que parte as ideias em comum se localizam (qual seu *locus*); os meios pelos quais elas são compartilhadas; e a escala na qual são compartilhadas (p. 173). De acordo com o autor, “compartilhar implica em ser sinônimo de repetição ou de recorrência de uma forma através do tempo ou do espaço” (p. 161).

Tabela 2 - Estrutura metodológica de classificação aplicada nessa pesquisa

A							
A1				A2			
A1X		A1Y		A2X		A2Y	
A1Xa	A1Xb	A1Ya	A1Yb	A2Xa	A2Xb	A2Ya	A2Yb

Fonte: Adaptação do esquema apresentado por Dunnell (2006).

Como modelo de tipo classificatório para os registros rupestres temos a classificação taxonômica (**Tabela 2**), que é um conjunto ordenado de oposições ou contrastes que resultam em uma divisão do campo da classificação em classes, subclasses e assim por diante (DUNNELL, 2006: p. 106). Representa uma classificação não-dimensional em que as classes são determinadas por meio de inclusão.

Assim, de acordo com Dunnell (2006), as classes taxonômicas apresentam algumas características importantes:

- I. – Como consequência do emprego de feições não-dimensionais para a definição de classes, as várias feições distintivas empregadas por uma dada taxonomia não precisam ser mutuamente excludentes (p. 109).
- II. – Uma segunda característica das taxonomias, que também deriva da natureza ordenada das feições definidoras, é a sua ordem não-permutável (p. 110).
- III. – E sua terceira característica é o *input* presumível ou inferencial requerido em sua construção (p. 112).

Estas feições são criadas, geralmente modos, baseando-se em atributos artificiais e completando o entendimento/entrelaçamento da concepção de artefato e de cultura. Neste sentido, as identidades gráficas podem ser constituídas pelo conjunto de particularidades observadas em análises, que consistem em conceber determinado conjunto gráfico a grupos pré-históricos do Nordeste brasileiro (PESSIS, 1993).

Frente ao conjunto de argumentos exposto, apresentamos como proposta metodológica, inspirada nos autores GUIDON, 1982; MARTIN, 1994; PESSIS, 1989, 1992, 1993, 2013; SILVA, 2008, para o levantamento do perfil gráfico – a partir do exame das

dimensões do fenômeno gráfico: temática, cenográfica e técnica – do corpus gráfico, contendo pinturas zoomórficas, localizados na região do Parque Nacional Catimbau.

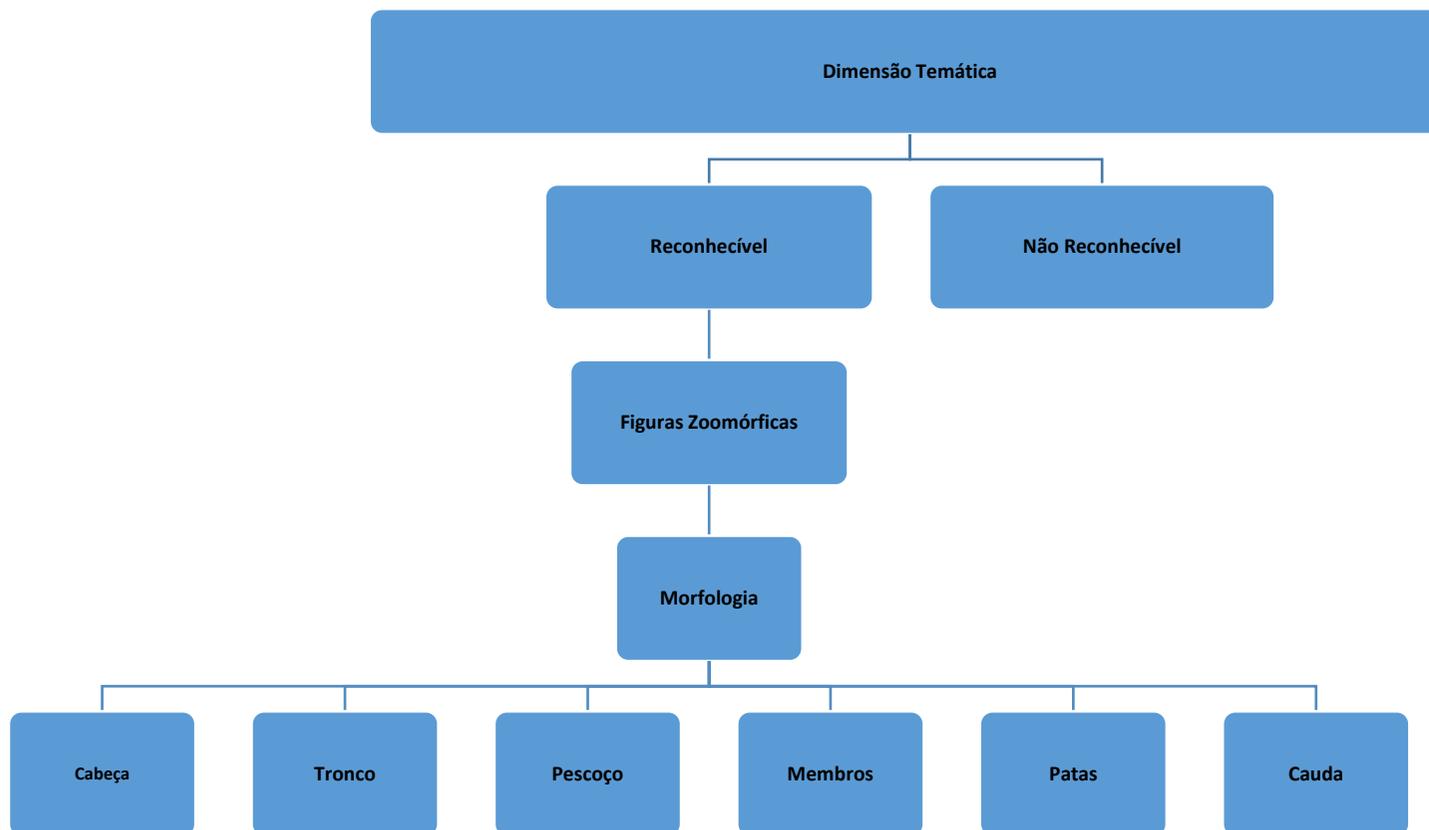
### **2.1.1 – Dimensão temática**

Os temas projetados pelos grupos humanos em suas pinturas rupestres, aqueles que possibilitam seu reconhecimento, podem amparar o apontamento de conjuntos padronizados das figuras (PESSIS, 2003).

O estudo da dimensão temática, que neste caso específico prende-se ao exame das representações zoomórficas, apresenta uma necessidade premente: a existência de detalhamentos anatômicos, como um primeiro passo para seu reconhecimento e classificação. Tais detalhamentos devem ser decompostos por variáveis hierarquizadas, que mutuamente se recortem ou, ao menos, se recubram parcialmente.

No quadro abaixo apresentamos as variáveis, de forma hierarquizada, referente ao estudo da dimensão temática (**Quadro 2**).

Quadro 2 - Esquema dos Atributos da Dimensão Temática



1. Cabeça – Parte superior da extremidade do corpo, que está unido ao tronco através do pescoço<sup>24</sup>. Neste item foram observados os tipos de cabeça e os componentes constantes, como p. ex.: representação das orelhas, chifres, boca, etc.;
2. Tronco – Parte do corpo da figura que está ligada aos membros e ao pescoço/cabeça. Neste item foram analisadas as formas que foram representados os corpos dos zoomorfos; também foi analisada a posição em que as figuras foram plasmadas: vertical, horizontal, diagonal \*;
3. Pescoço – Parte do corpo que liga o tronco à cabeça. A análise deste item mostra-se bastante indispensável no contexto deste trabalho, uma vez que há figuras que não trazem a representação desta parte do corpo, os pintores optaram por suprimi-las.
4. Membros – São as partes que interligam o tronco às patas. Foi analisada a quantidade dos membros representados em cada zoomorfo, bem como a posição em que foram fixados no suporte: vertical, horizontal, diagonal \*;
5. Patas – Refere à parte inferior dos membros dos zoomorfos. Neste item foram analisadas as formas em que foram representadas: sem patas, arredondadas, unguladas, etc.;
6. Cauda – Refere-se ao prolongamento da extremidade posterior dos zoomorfos. Foram analisadas as formas em que foram representadas e sua posição: vertical, horizontal, diagonal\*.

### 2.1.2 – Dimensão cenográfica

As encenações representadas pelos grupos pré-históricos trazem consigo um conteúdo imaginário produzido por determinadas etnias (PESSIS, 2003), que manuseando as unidades gráficas podemos isolar determinados dados, como forma de aceder às informações sobre a projeção das figuras, o modo como elas se apresentam (SILVA, 2008).

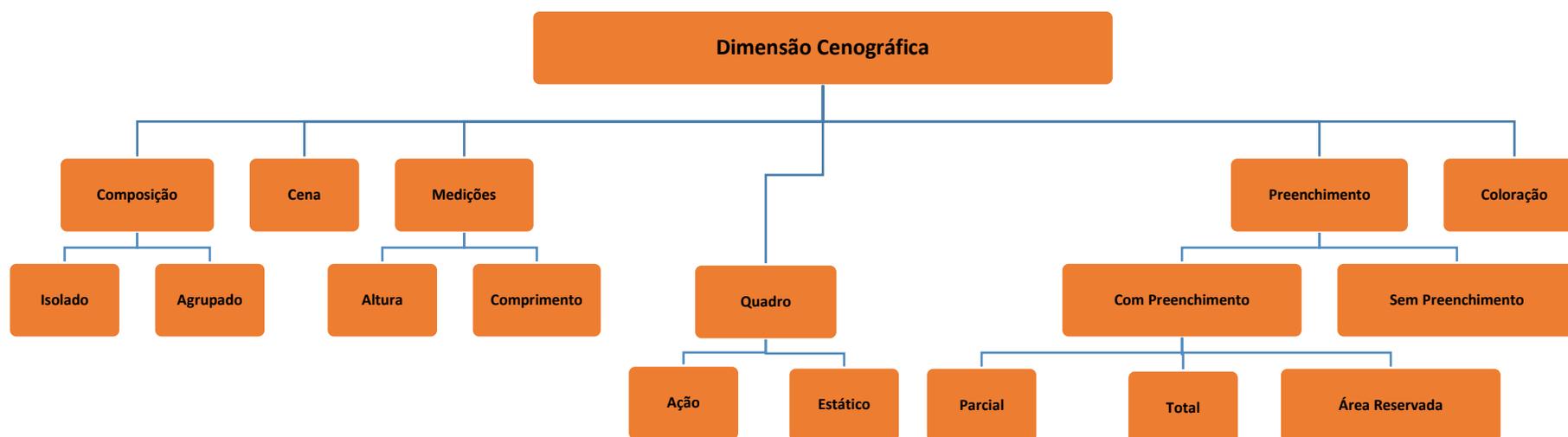
Neste item foram analisados alguns atributos como a composição das figuras (isoladas ou em cenas), as dimensões (altura e largura), o movimento (em ação ou imóvel/estático), com ou sem preenchimento (parcial, total ou com área reservada) e a cor. Tais variáveis estão representadas hierarquicamente no diagrama abaixo (**Quadro 3**).

---

<sup>24</sup>Em alguns casos a cabeça se encontra unida diretamente ao tronco, não contendo o pescoço.

\*Além das informações para classificação das representações zoomórficas nas tradições já definidas para o Nordeste brasileiro; as análises das posições do tronco/membros/cauda podem ajudar, posteriormente, no entendimento, se os indivíduos que as pintaram tiveram a intenção em representar uma ação (movimento) ou de imobilidade (imóvel/estático).

Quadro 3 - Esquema dos Atributos da Dimensão Cenográfica



1. Composição – neste item foi analisada a forma como os zoomorfos se apresentam no suporte, de forma isolada ou agrupada com outros grafismos;
2. Cena – analisa se as representações compõem cenas;
3. Medições – dimensiona o tamanho das figuras (altura e comprimento), considerando os pontos mais distais: para a altura foi considerada a distância entre o topo da cabeça e as patas anteriores; para o comprimento foi considerada a distância entre o focinho e a ponta da cauda.
4. Quadro – analisa se a figura encontra-se em movimento (ação) ou não-movimento (estático)<sup>25</sup>.
5. Preenchimento – analisa se a figura apresenta o interior com ou sem preenchimento; caso contenha preenchimento será indicado: se total, se parcial ou com área reservada.
6. Coloração – indica a cor em que foi plasmada a(s) mancha(s) gráfica(s) e a(s) representação(s) zoomórfica(s)<sup>26</sup>.

### 2.1.3 – Dimensão técnica

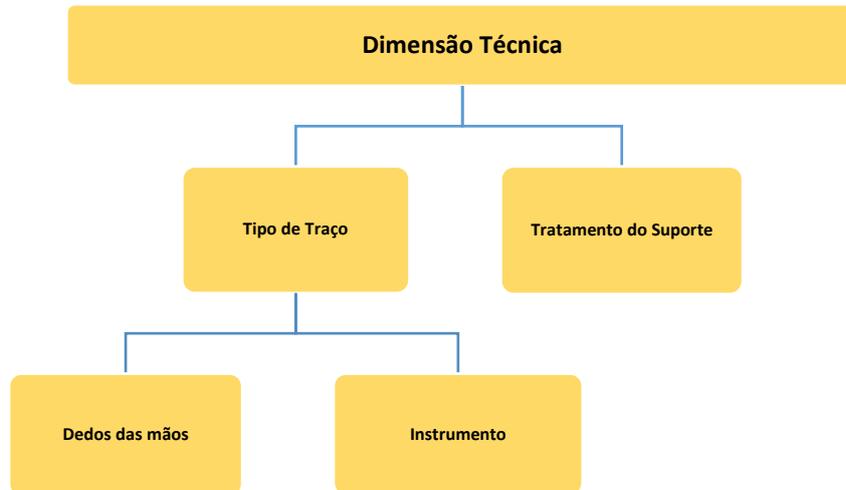
No âmbito desta dimensão foram analisados os processos técnicos e os instrumentos empregados na realização das pinturas. Nesse trabalho específico foram analisados o tipo de traço utilizado para produzir a figura e o instrumento utilizado para aplicar a tinta (dedos da mão e/ou outro tipo de instrumento). Também foi observado se houve algum tipo de tratamento prévio do suporte. As variáveis eleitas para o estudo desta Dimensão encontram-se dispostas, hierarquicamente, no diagrama abaixo (**Quadro 4**).

---

<sup>25</sup>Uma das características centrais para a taxonomia no Nordeste do Brasil é a impressão de movimento dos grafismos. De modo geral, pode-se dizer que o movimento é inerente à Tradição Nordeste; e que a ausência deste é pertinente à Tradição Agreste (PESSIS, 1992: p. 44).

<sup>26</sup>A cor pode auxiliar na análise das sobreposições, que indicam distintos momentos de execução.

Quadro 4 - Esquema dos Atributos da Dimensão Técnica



1. Tipo de Traço – analisa o tipo de traço aplicado na execução da figura e que (ou quais) tipo de instrumento foi utilizado para aplicar a tinta;
2. Tratamento do Suporte – Analisa o local escolhido para servir como suporte para os motivos zoomórficos, e se este suporte teve a superfície previamente tratada (lixada, aplainada ou polida).

## 2.2 - PROPOSTA DE VARIÁVEIS PARA OS SÍTIOS/CONTEXTO GEOMORFOLÓGICO (ESCALA MESO)

Para Hodder (1994) o conhecimento sobre o contexto arqueológico de um artefato nos oferece a chave do seu significado, deste modo a interpretação do significado está associada à interpretação do contexto.

De acordo com o autor, os padrões de configuração da paisagem, da relação habitacional e das atividades-limites do sítio podem ser obtidos com o exame de diversas variáveis aplicadas aos múltiplos sítios arqueológicos de uma área topograficamente definida (Hodder, 1994: p. 92). Deste modo, possibilita a busca de padrões de sítios e, por extensão, as

correlações entre os elementos paisagísticos e os vestígios arqueológicos, como os registros rupestres.

Relacionar as pinturas rupestres com as paisagens possibilita enxergar comportamentos/padrões, quando se trabalha com variáveis cronológicas que podem revelar algum tipo de mudança nas práticas culturais. Segundo Wallace & Holmlund (1986), quando os grafismos são analisados cronologicamente podem exibir padrões na localização de elementos específicos<sup>27</sup>.

A interação do vestígio com seu contexto contribui para compreensão das escolhas sociais (HYDER, 2004), essas interações ocasionam marcas de identidades culturais nos espaços (ACUTO, 1999), que são reproduzidas culturalmente ao longo do tempo.

Segundo Ingold (1993), pode-se considerar uma estrutura metodológica de análise temporal do espaço a apresentação da diferença na distribuição e/ou topografia, revelando elementos de identidades sociais, demonstradas nas escolhas dos lugares específicos para a realização das pinturas rupestres.

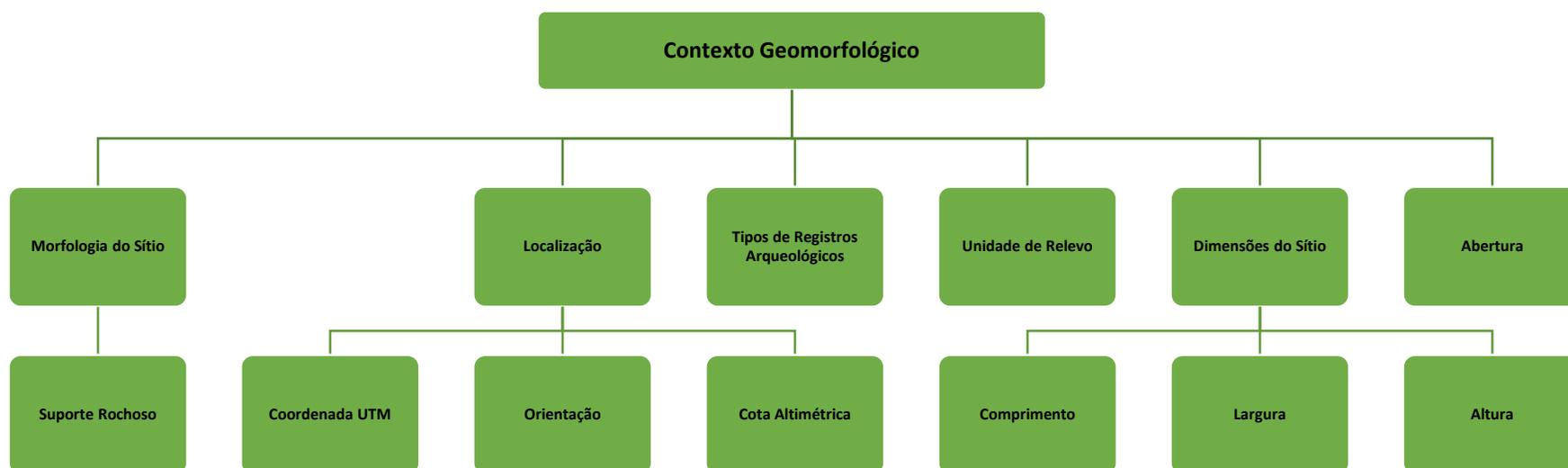
Nos estudos de Oliveira (2001b), foi observado que os vestígios materiais de um sítio arqueológico permitiriam o reconhecimento de características indicadoras de traços análogos a grupos culturais na Pré-história do Nordeste brasileiro. As características morfológicas dos registros arqueológicos são unidades geradoras de um conjunto de identidades culturais de grupos humanos do passado (Silva, 2009).

Assim, relacionamos as variáveis, num arranjo não-classificatório, que buscam a relação entre os registros arqueológicos e as características morfológicas dos sítios, numa escala *meso* (**Quadro 5**).

---

<sup>27</sup>Ver WALLACE & HOLMLUND, 1986 apud HYDER, 2004: p. 94.

Quadro 5 - Esquema dos Atributos da Contexto Geomorfológico



- 1 Morfologia do Sítio – classifica o sítio por tipo, de acordo com sua morfologia; e identifica a rocha suporte.
- 2 Localização – localiza espacialmente o sítio nas coordenadas de UTM, como também a orientação das manchas gráficas e a cota altimétrica do sítio, em relação ao nível do mar.
- 3 Tipos de Registros Arqueológicos – identifica os tipos de registros arqueológicos encontrados no interior do sítio.
- 4 Unidade de Relevo – identifica a morfoestruturana qual o sítio arqueológico está inserido;
- 5 Dimensões do Sítio – toma as dimensões do sítio: comprimento, altura e largura.
- 6 Abertura – identifica o ponto cardinal para o qual a aberturado sítio está voltada.

### 2.3 - PROPOSTA DE VARIÁVEIS PARA CONTEXTO REGIONAL (ESCALA MACRO)

Quando se trata do contexto regional, os métodos aplicados aos estudos recentes promovem uma ampliação da concepção de ‘artefato’, e que seu uso adequado e criativo auxiliaria no tratamento dos problemas arqueológicos. Segundo Hyder (2004), no âmbito da paisagem esses métodos propiciam uma investigação das relações econômicas e/ou sociais, conflitos interculturais e cooperações, diferentes adaptações ou apropriações ambientais, e intercâmbio de informações entre os grupos pré-históricos. Portanto, essas pesquisas adotam ferramentas multidisciplinares:

(...) sobretudo as ferramentas fornecidas pela Geografia, Geociências e Ecologia a fim de compreender as maneiras pelas quais os grupos pré-históricos ocuparam e modificaram a paisagem em função de suas práticas econômicas-produtivas, sociais e culturais, da mesma forma entendendo como as pessoas foram influenciadas, motivadas e restringidas por elas (FAGUNDES & PIUZANA, 2010: p. 215).

Nesta escala de trabalho, normalmente, os estudos sobre paisagem e pinturas rupestres conduzem aos limites da continuidade e descontinuidade estilística, pois, deve-se compreender que as novas abordagens lidam mais com a definição de fronteiras estilísticas (Hyder, 2004). Segundo Lee & Hyder (1991), as análises que se concentram nas similaridades estilísticas entre os sítios com registros rupestres e suas fronteiras, podem evidenciar a

interação com a paisagem, já que sua localização é imitável e representaria um elemento importante para a análise arqueológica.

A aplicação do SIG na arqueologia se dá, principalmente, pelo modelo de dados que se baseiam, uma das suas características é a capacidade de gerenciar funções (ao mesmo tempo), que antes eram gerenciados separadamente. De acordo com Sanjuán (2005) temos a vantagem de incorporar funções ao utilizar o SIG em nosso estudo:

- Captura – as informações específicas das variáveis ambientais, que neste caso, podem ser cruzadas com os dados arqueológicos;
- Integração – é possível a integração de dados arqueológicos (fotografias aéreas, mapas antigos e modernos) que podem gerar modelos de representatividade das paisagens arqueológicas;
- Georreferenciamento – a reunião de informações (normalmente coordenadas geográficas) em um único banco de dados, com alta precisão, por meio de uma tecnologia moderna de captura de coordenadas (GPS);
- Conceituação – deve-se compreender que a utilização do SIG requer cautela e racionalidade, pois as perguntas e a conceitualização devem ser aplicadas corretamente sobre o prisma do reconhecimento e análises territoriais das entidades arqueológicas;
- Consultas – a facilidade dos métodos modernos para consulta de vários fatores do campo arqueológico;
- Representação Cartográfica – a possibilidade de representações variadas, de acordo com estudos pretendidos, com qualidade e eficácias em sua produção.

Segundo Sanjuán (2005), as principais perguntas que um SIG pode responder para os arqueólogos são: localização, condições, tendências, caminho optimum (rotas), padrão e modelo; já que viabiliza a produção de mapas analíticos e temáticos que colaboram na interpretação arqueológica da paisagem. Um banco de dados georeferenciados de itens que podem ser exibidos e analisados de forma multivariada e interativa, é a forma mais eficaz de conceber um SIG (Conolly & Lake, 2009).

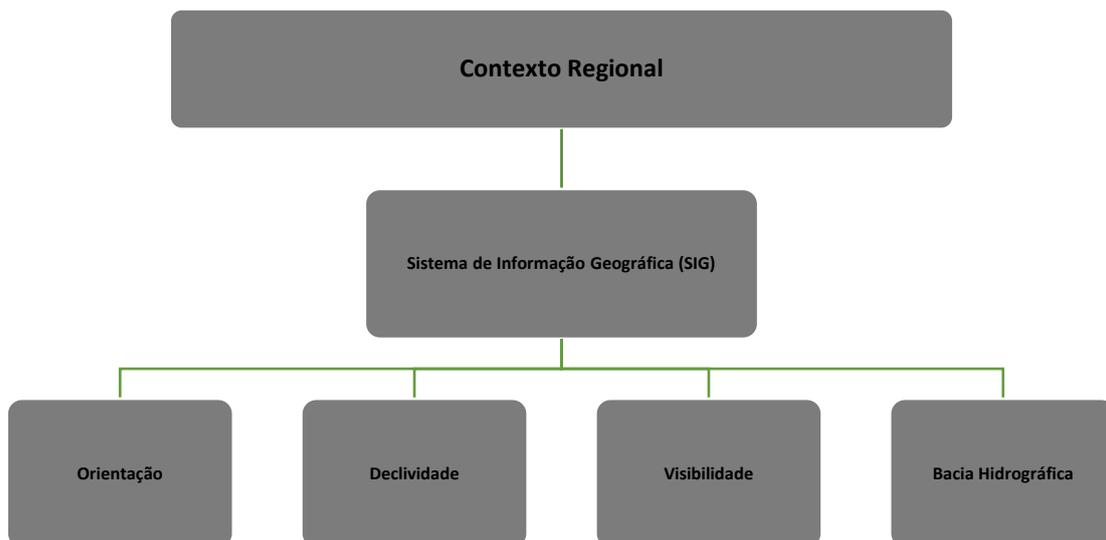
O GIS oferece, de fato, um conjunto de ferramentas analítica que contribui para estabelecer uma metodologia e para embasar uma série de debates teóricos atuais e relevantes que estão de acordo com as propostas de análise fenomenológica da percepção da paisagem

(WHEATLEY & GILLINGS, 2002 apud SANJUÁN, 2005). Segundo Boado (1999), nas técnicas de análises e manipulações da informação espacial que se dispõem – interpolação, cálculo de visibilidade, distância, topografia e outros elementos – devem compreender que nestes processos:

(...) se puede aplicar tanto a las formas del espacio físico como del espacio construido, sea este la escala arquitectónica (o construcción concreta), la escala de la cultura material mueble (cerámica, tatuaje, arte...) o, incluso, la escala natural y doméstica (o entorno humanizado); este análisis se concretará em *mapas morfológicos* y *diagramas formales* que muestran las líneas de fuerza de la unidad de estudio (p. 18).

Como fundamento para a implementação do SIG considera-se os estudos da distribuição espacial no âmbito da arqueologia observados em Hodder & Orton (1990) e em Conolly & Lake (2009). Para análise da paisagem, no nível *macro*, as variáveis e suas respectivas conceitualizações são apresentadas e organizadas num arranjo não-classificatório, no diagrama abaixo (**Quadro 6**).

Quadro 6 - Esquema dos Atributos do Contexto Regional



1. Orientação das Encostas – A orientação das encostas influencia na escolha, pois tem relação com os ventos predominantes, chuvas, insolação, visualização da paisagem e

proteção. O intuito é identificar um padrão nas escolhas dos lugares para pintar, por parte dos grupos humanos pré-históricos, que ocuparam a região.

2. Declividade – Na análise da declividade dos sítios arqueológicos, buscou-se observar a acessibilidade aos locais (de difícil, médio ou fácil acesso), com intuito de encontrar algum tipo de comportamento nas escolhas dos locais que contêm pinturas zoomórficas.
3. Visibilidade – Esta variável busca analisar o contexto geomorfológico e sua relação com os locais onde foram fixados os sítios arqueológicos, como forma de perceber as linhas básicas da mobilidade na região.
4. Bacia Hidrográfica – Busca perceber a relação dos sítios arqueológicos com as redes de drenagens do Vale do Catimbau.

## 2.4 - OUTROS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

### ❖ *MATLAB (MATrix LABoratory)*

Buscou-se no banco de dados imagéticos informações precisas das representações zoomórficas, de modo que auxiliassem na identificação do perfil gráfico; foram coletadas as informações referentes às medições altura/largura (em centímetros) das figuras que compõem o nosso universo amostral, como também, o registro imagético das sobreposições, que possibilita identificar os momentos distintos de execução das pinturas. Para a realização destes procedimentos utilizou-se do *software MATLAB (MATrix LABoratory)*; este procedimento encontra-se em justaposição com os trabalhos desenvolvidos por Matos, Martin e Mützenberg (2014).

### ❖ *GIMP 2*

Para tratamentos e manipulação das imagens digitais das pinturas foi utilizado o *GNU Image Manipulation Program*, ou *GIMP 2*, que é um editor de imagens *open source*. O software auxiliou nos ajustes, segregação e cortes das imagens digitalizadas das pinturas rupestres existentes no banco de dados (**Figura 1 e 2**).

Figura 1 - Manipulação da Imagem Digital das Pinturas Zoomórficas pelo GIMP 2

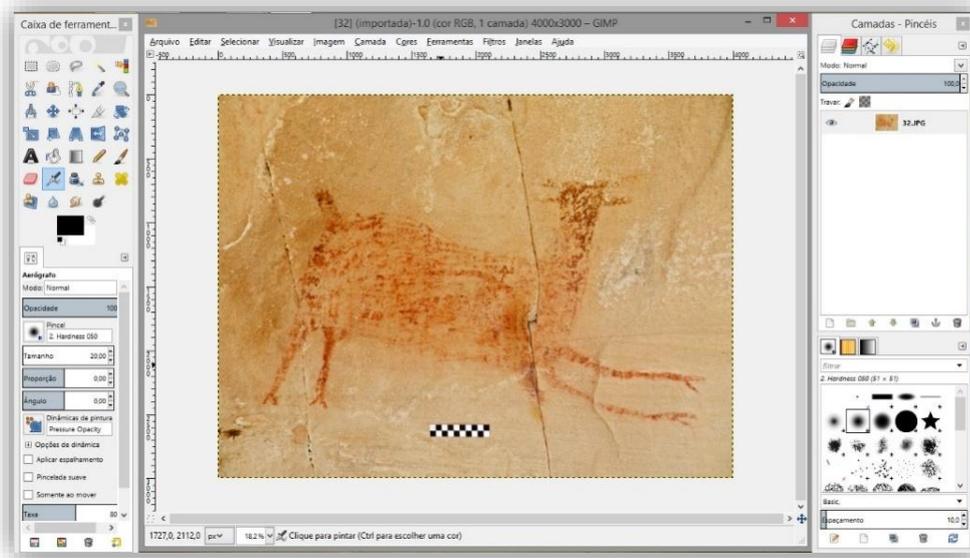
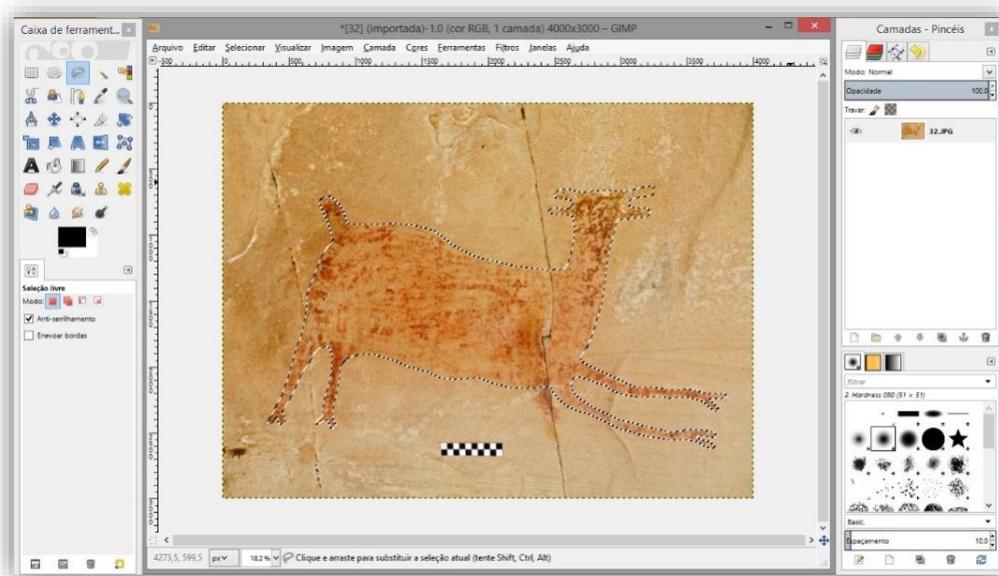


Figura 2 - Utilizando a ferramenta de contorno (seleção livre) na imagem gráfica digital



❖ *IBM SPSS Statistics 20*

Para as análises das variáveis utilizamos o *IBM® SPSS Statistics 20* como uma ferramenta analítica/estatística para averiguar a correlação entre as pinturas rupestres. Com esta ferramenta foram analisadas as seguintes categorias: medições (comprimento e altura),

forma do tronco, forma da cabeça, forma da pata, forma da cauda, composição, quadro, preenchimento, cor, tipo de traço e cena.

#### ❖ *DStretch*

O DStretch é um software de realce de imagens digitais para pinturas rupestres. Desenvolvido por Jon Harman, esta ferramenta auxilia no tratamento e realce dos pictogramas, para melhor visualização das pinturas, por vezes, invisíveis no campo (**Figura 3 e 4**). O software pode ser encontrado no site: <http://www.dstretch.com/> gratuitamente (há possibilidade de doação de recursos financeiros para o autor do software).

Figura 3 - Imagem digital com pictograma sem realce

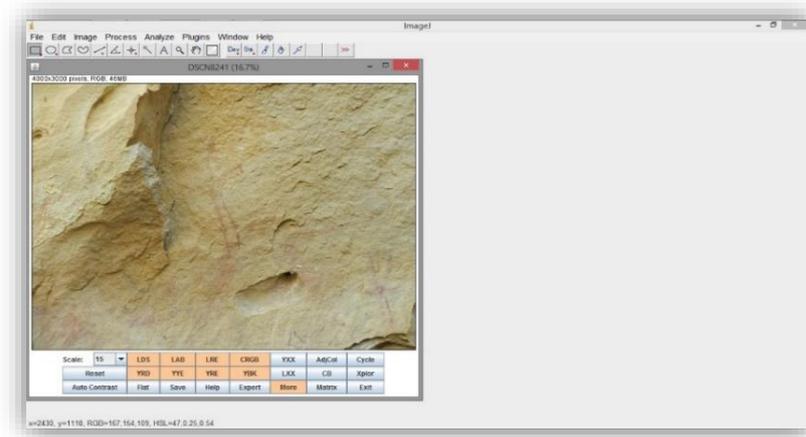
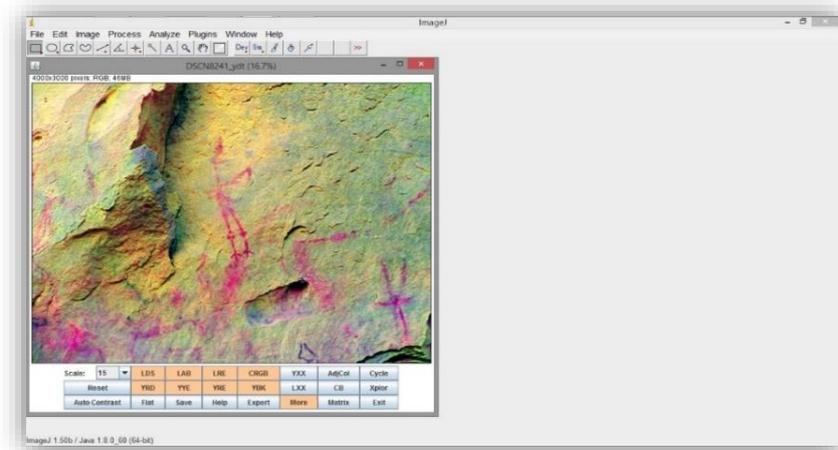


Figura 4 - A mesma imagem digital com realce aplicado pelo DStretch



❖ *ArcGIS – Esri*

Para as análises da paisagem e dos registros rupestres utilizou-se o software ArcGIS 10.1, desenvolvimento pela *Esri - Environmental Systems Research Institute*. O software auxiliou na geração e manipulação de mapas digitais de modo a dá suporte a compreensão das relações entre os vários aspectos das informações contidas no banco de dados (SEBEM, 2010).

## **CAPÍTULO III – ANTECEDENTES ARQUEOLÓGICOS E ASPECTOS GEOMORFOLÓGICOS E AMBIENTAIS DO PARQUE NACIONAL CATIMBAU**

### **3.1 - ANTECEDENTES ARQUEOLÓGICOS**

O PNC encontra-se vinculado à microrregião de Arcoverde, no Estado de Pernambuco, onde as pesquisas sobre os registros rupestres são realizadas desde a década de 70 por Gabriela Martin e Alice Aguiar. Nos anos 90 houve a continuidade das pesquisas arqueológicas na região do Vale do Ipanema, inicialmente no Município de Buíque. Essa região assume um papel importante no contexto dos estudos sobre as pinturas rupestres no interior do Nordeste brasileiro, já que detém uma importante concentração de sítios arqueológicos que contribuem para o conhecimento dos grupos humanos pré-histórico.

#### **3.1.1 – Datações absolutas e relativas**

Na atualidade as datações arqueológicas obtidas para região ficam em torno de 6.000 AP. No sítio Peri-Peri, no município de Venturosa, as datações são de  $1.760 \pm 160$  anos AP; e no sítio Pedra do Tubarão com  $2.030 \pm 50$  anos AP, obtidos a partir de fragmentos de ocre, misturados com matéria orgânica, com marcas de raspagem e pequenos recipientes em que se teria preparado o pigmento (MARTIN, 2005: p. 28).

No trabalho de Oliveira (2001a) é apresentada uma coluna crono-estratigráfica, da ocupação humana com datações entre  $4.851 \pm 30$  anos AP e  $888 \pm 25$  anos AP, entretanto os trabalhos realizados por Albuquerque (1987) no Sítio PE 91 – Mxa, na reserva particular ‘Paraíso Selvagem’, obteve a datação de  $6.640 \pm 95$  anos AP, a mais antiga para a presença humana no Vale do Catimbau (unidade de conservação do PNC); tal datação foi obtida por meio de exame radiocarbônico em restos de esqueléticos.

No Sítio Alcobaça, no município de Buíque, temos datações de  $1.785 \pm 49$  anos AP e  $1.766 \pm 24$  anos AP extraídas do sedimento que recobria parte das pinturas, que além dos fragmentos de ocre foram coletados também raspadores e lacas com restos de tinta vermelha (MARTIN, 2005: p. 28).

Todavia, sem haver ligação direta entre essa cronologia e as pinturas rupestres; recentes trabalhos empreendidos no Parque Nacional Serra da Capivara, no estado do Piauí, demonstraram um recuo nas datas do início da Tradição Agreste naquela região, onde foram obtidas datações de 10.000 anos AP, no Sítio do Baixão do Perna I (MELO, 1992), e de 30.000 anos AP, no Sítio Toca da Bastiana, a partir da calcitas que cobriam algumas pinturas atribuídas à Tradição Agreste (WATANABE et all, 2003 apud MARTIN, 2005).

### 3.1.2 – As pinturas rupestres

A classificação das pinturas rupestres no Nordeste brasileiro, que exibem um caráter específico, ao observamos de forma geral os traços culturais, adquire a feição de **tradição** (GUIDON, 1982). O caráter universal das representações simbólicas dos grupos pré-históricos pode ter sido transmitido durante milênios sem que, necessariamente, as pinturas de uma tradição pertençam aos mesmos grupos étnicos, além do que poderiam estar separados por cronologias muito distantes (MARTIN, 1994, p. 297).

Segundo Martin (2005), os sítios com pinturas da Tradição Agreste, na microrregião do Arcoverde, apresentam uma morfologia visível, no qual não há intrusão de outras tradições de pintura nestes abrigos. Nos últimos anos surgiram pesquisas importantes que deram seguimento na análise, classificação e compreensão da Pré-história no PNC e, conseqüentemente, do Nordeste brasileiro.

Oliveira (2001a) desenvolveu um projeto voltado para as estruturas arqueológicas do Vale do Catimbau, apoiada na evidência de que grupos diversos, em períodos divergentes, ocuparam e produziram as pinturas sobre as rochas (paredões) dos abrigos. A sua necessidade era de revisão da Tradição Agreste, com parâmetros mais consistentes, segregando os elementos gráficos para melhor compreensão e aprimoramento da classificação.

Marília Amaral (2015) formula novos parâmetros para particularizar a análise desses grafismos rupestres, para um enquadramento mais substancial dos elementos essenciais da chamada Tradição Agreste. Ao partir destes parâmetros pode-se apontar algumas

características da localização dos sítios nas áreas de vales e brejos; a coexistência de grafismos reconhecíveis e grafismos puros na mesma mancha gráfica; a elaboração dos grafismos com técnicas de execução diferenciadas; os grafismos geralmente são isolados, sem formar cenas; grafismos são de grande tamanho; têm caráter estático; as figuras zoomórficas são representadas com poucos detalhes qualificativos; da presença de marcas de mãos situadas, principalmente, na parte superior dos painéis; existência de grafismos puros, uns simples e outros complexamente elaborados.

Segundo Marília Amaral (2015), a partir das informações obtidas e analisadas podemos inferir sobre as características essenciais da Tradição Agreste no PNC: “as figuras são distorcidas, caracterizadas pela desproporcionalidade morfológica e postural e com traços irregulares” (p. 228-229). Assim, identificam-se alguns elementos como:

figuras humanas e/ou de animais completamente preenchidas e com irregularidades na linha de contorno, com traços grossos, com valor modal variando entre 0,70 cm e 1,90 cm; espaços gráficos intensamente pintados exibem figuras que se apresentam, de forma dominante, agrupadas, mas não relacionadas entre si, caracterizando-se por figuras individualizadas (AMARAL, 2015: p. 229).

Barbosa (2007), que se debruça sobre as representações antropomórficas da área arqueológica do Vale do Catimbau, no município de Buíque, identificou fronteiras gráficas neste vale. Na tentativa de confirma essas fronteiras gráficas, bem como vincular as pinturas rupestres contidas na face oeste da Serra do Coqueiro aos grupos migratórios originários da Serra da Capivara, originários do atual Estado do Piauí, Barbosa (2007) levanta hipóteses sobre a área arqueológica e demonstra diferenças nas ocupações pré-históricas dos grupos ‘Agreste’ e ‘Nordeste’ na região.

Os testemunhos da migração dos grupos da Tradição Nordeste até a região da sub-tradição do Seridó<sup>28</sup>, segundo Barbosa (2007), demonstraram que, do ponto de vista da dispersão espacial da Tradição Nordeste, o Vale do Catimbau teria uma importância no plano macro: consiste em uma via de acesso (ponto de passagem do Rio São Francisco para a região do Seridó); e no plano micro: a possibilidade de identificar as fronteiras gráficas de passagem.

---

<sup>28</sup>Como característica geral da sub-tradição, localizada na microrregião do Seridó, no Rio Grande do Norte, as representações humanas são mais frequentes que a de animais; quanto às figuras de animais, “há uma tendência a representar emas e pássaros, com muitos traços de identificação, com componentes de sua constituição que permitem o reconhecimento de certas espécies.” (SILVA, 2003: p. 20)

A partir das contínuas pesquisas desenvolvidas na região podemos identificar algumas características das representações da Tradição Agreste no Vale do Catimbau, que, de acordo com Martin (2005), são bastante particulares:

entre os zoomorfos, dificilmente as espécies podem ser reconhecidas – ao contrário do que acontece com a Tradição Nordeste – e raramente é possível atribuir-se as figuras de animais designações mais precisas, além de ‘aves’ ou ‘quadrúpedes’. Porém são identificáveis os grafismos que representam quelônios e lagartos. Peixes também aparecem com desenhos esquemáticos de poucos detalhes. Outro grafismo que, dependendo da região, é mais ou menos comum, que pode ser tomado como emblemático da Tradição Agreste, é a figura de um pássaro de longas penas e asas abertas, cujo antropomorfismo sugere a representação de um homem-pássaro (MARTIN, 2005: p. 30).

Segundo Amaral (2015), a definição da Tradição Agreste levou em conta uma primeira base de divisão de dois grupos de grafismos: os reconhecíveis e os grafismos puros, em que aparecem, sempre, coexistindo no conjunto gráfico dos sítios da Tradição Agreste (p. 33). Já de acordo com Martin (2008), as principais características desta tradição é ter a presença dos “grafismos puros, simples ou muito elaborados, acompanhando os grafismos de ação, sejam eles antropomorfos ou zoomorfos” (p. 271). Com predominâncias da cor vermelha, de tonalidades variadas<sup>29</sup> e, em número menor, aparecem pinturas produzidas nas cores branca, amarela e preta (AMARAL, 2015: p. 36).

### 3.2 - ANTECEDENTES GEOAMBIENTAIS

A região estudada se localizada na zona de transição entre o Agreste e o Sertão Pernambucano. O nosso estudo restringe-se, quase que totalmente, à área do atual Parque Nacional Catimbau (que se estende sobre parte dos municípios de Buíque, Tupanatinga e

---

<sup>29</sup>Que podem ser resultados dos tipos de elementos usados na produção da tinta ou da ação dos intemperismos sobre as pinturas.

Ibimirim), exceto um único sítio localizado no Município de Sertânia<sup>30</sup>, que foi incluído nesse trabalho.

O PNC foi instituído como Parque de Preservação Ambiental pelo Decreto Lei 4.340 de 22 de agosto de 2002; situado entre as coordenadas geográficas, delimitado pelo polígono, 37°12'03'' Oeste, 8°22'44'' Sul e 37°32'38'' Oeste, 8°37'59'' Sul, Datum WGS 84, com uma área de 62.294,14 hectares<sup>31</sup>.

A área deste Parque está distribuída, de forma irregular, entre os municípios de Buíque (12.438 ha), Tupanatinga (23.540 ha) – ambos na Microrregião do Vale do Ipanema – e Ibimirim (24.809 ha) na Microrregião Sertão do Moxotó (**Mapa 2**).

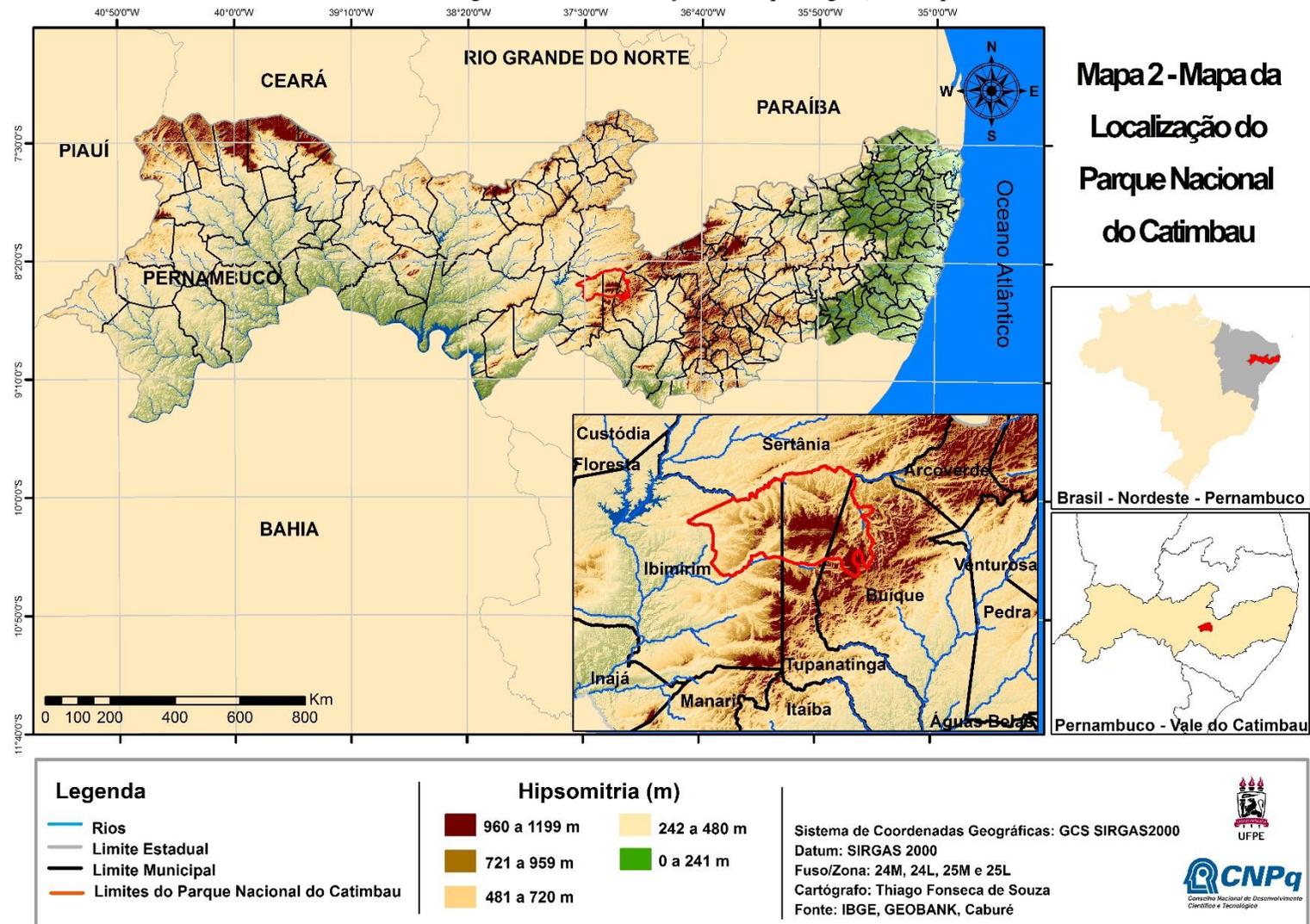
O parque exhibe paisagens marcadas pelo contraste, construídas pela ação pluvial sobre as estruturas sedimentares. A sua geomorfologia, que exerce um encantamento no espectador, esculpida pelo intemperismo de milhões de anos sobre as rochas da Bacia Sedimentar do Jatobá, produziu um cenário ímpar, com impressionantes feições tabulares delimitadas por platôs e mesetas, por vezes, bastante degradados, assumindo a forma de pináculos (CAVALCANTI, 2013).

---

<sup>30</sup>Que faz fronteiras com os municípios de Igaraci (ao Norte), e de Ibimirim, Tupanatinga, Buíque, Arcoverde (ao Sul), e de Custódia (ao Oeste). O município de Sertânia é o único que se localiza fora dos limites do Parque Nacional Catimbau.

<sup>31</sup>Informações obtidas no Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), órgão ambiental do governo brasileiro, criado pela lei 11.516, de 28 de agosto de 2007. Pelo site: <<http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/unidades-de-conservacao/biomas-brasileiros/caatinga/unidades-de-conservacao-caatinga/2135-parna-do-catimbau>>. Acessado em maio de 2015.

Mapa 2 - Mapa da Localização do Parque Nacional Catimbau. O mapa integra a dissertação "Pinturas Rupestres e Paisagem - Um Estudo de Caso das Representações Zoomórficas do Vale do Catimbau – PE" defendida no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia (PPGARq) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)



### 3.2.1 – Aspectos geomorfológicos

A região estudada é parte integrante do Planalto da Bacia do Jatobá que tem sua gênese epirogênica nos movimentos de longa duração geológica, formada no desmantelamento de Gondwana, e nos fenômenos geológicos contíguos que são consequências do magmatismo intraplaca durante a era Cenozóica.

Os processos modeladores do relevo e formação das paisagens do Vale do Catimbau resultam das ações da água, da gravidade e dos seres vivos que contribuem para a degradação do substrato, no transporte e deposição dos materiais gerando as formas de relevo divergente da região (CAVALCANTI, 2013). Do ponto de vista geológico, a região do PNC possui diversas unidades, de diferentes idades: o Embasamento Pré-cambriano, dos períodos Paleoproterozoico, Mesoproterozoico e Neoproterozoico; e as bacias sedimentares, de diferentes eras: Paleozóica, Mesozóica e Cenozóica (RODRIGUES, 2011).

Segundo Cavalcanti (2013), a área do PNC está inserida na borda NE da Bacia Sedimentar do Jatobá que faz parte, juntamente com as bacias do Tucano e do Recôncavo, de um sistema de estratos sedimentares aprisionados num aulacógeno (*rifte* abortado) Mesozóico<sup>32</sup>. A Bacia do Jatobá contém três compartimentos distintos: o Bloco SE; o Graben de Ibimirim, na sua porção central; e o Bloco NE (CAVALCANTI, 2013), que apresentam as seguintes fases evolutivas:

da borda da Bacia Sedimentar do Jatobá podem ser, assim, sumarizadas em três grandes momentos: a fase sinéclise, marcada pela deposição das formações no Siluriano e Devoniano; a abertura do Atlântico e formação do aulacógeno (fase *rifte*), resultando na subsidência do embasamento e aprésamento dos sedimentos e; a fase pós-*rifte*, marcada principalmente pela denudação e formação das feições ruiformes da borda da bacia, juntamente com os mantos arenosos neogênicos (CAVALCANTI, 2013: p. 118).

Quanto à altimetria, a área exibe altitude que varia entre 500 e 1.199 metros, acima do nível do mar. Nas áreas de relevo inclinado, a leste do Maciço da Borborema, a altitude pode chegar a 700 metros; e na região das chapadas, formadas pelas deposições, a altitude chega a 600 metros (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**). Nas áreas dos antigos mares rasos ou agos, onde hoje se encontra o relevo formado por mesetas, *cuestas* e forma-testemunhos, que

---

<sup>32</sup>Aulacógeno ou *rifte* abortado é, no campo da geotectônica, uma depressão linear formada no interior de uma placa tectônica processo de *rifteamento* que não se desenvolveu para a formação de um oceano.

foram soerguidos por esforços tectônicos, como é o caso da Chapada de São José, a altitude varia entre 600 e 700 metros (CORRÊA, 2005 apud RODRIGUES, 2011: p. 50).

No lado oeste do Maciço da Borborema se inicia a Depressão Sertaneja, que apresenta morfologia bastante plana e com interrupções morfológicas, marcadas por nuances de elevações isoladas, com variação altimétrica entre 530 e 585 metros.

### **3.2.2 – Aspectos da hidrologia, vegetação, pluviometria e geologia**

A hidrografia da área pesquisada insere-se, quase que integralmente, na Bacia do Moxotó que exhibe uma drenagem do tipo dendrítico (relacionada às ações fluviais e pluviais), cujos riachos e talvegues que escoam para o Rio Moxotó, principal canal de drenagem da área, que por sua vez deságua no Rio São Francisco.

O Riacho do Mel, um dos contribuintes do açude Poço da Cruz, torna-se o maior afluente do Rio Moxotó, com uma extensão de 85 Km e uma área de drenagem de 998 m<sup>2</sup> (RODRIGUES, 2011: p. 50).

O Rio Moxotó tem sua nascente no Município de Sertânia, mais especificamente nas vertentes da Serra do Jabitacá, divisa dos Estados de Pernambuco e Paraíba. Como anunciado, o PNC é dotado de um padrão de drenagem dendrítico, cuja morfologia deve-se à homogeneidade litológica e à impermeabilidade do terreno (CAVALCANTI, 2013).

Na parte leste do Maciço da Borborema, encontra-se a Bacia do Ipanema, que exerce uma tênue influência sobre o PNC e sobre os sítios arqueológicos; a nascente deste rio está situada no Município de Pesqueira. E seu curso percorre parte dos Estados de Pernambuco (aproximadamente 139 km) e de Alagoas, corre na direção norte/sul, até desaguar no Rio São Francisco (RODRIGUES, 2011).

O aspecto da vegetação local corresponde ao descrito para a vegetação do clima semiárido, com temperatura quente e seca, e chuvas de verão de caráter restrito e irregular (**Figura 5**).

Figura 5 - Aspecto da vegetação (caatinga), maciço onde jaz o Sítio Loca dos Caboclos



Os estudos palinológicos e as datações por carbono radioativo demonstraram que a distribuição da composição das espécies foi diversificada ao longo dos últimos  $8.410 \pm 40$  anos AP, devido às mudanças climáticas (ou variações) e à umidade relativa do ar na região (CAVALCANTI apud NASCIMENTO, 2008: p. 114).

A fauna e a flora do PCN exibem espécies únicas em toda região, como a árvore Jacarandá rugosa e o lagarto *Scriptosaura catimbau*, além das espécies incomuns na região, como por exemplo a *Paralychnophora reflexoauriculata*, que pode ser encontrada nos campos rupestres da Chapada Diamantina, a 800 Km de distância (CAVALCANTI, 2013: p. 115).

Nas regiões dos planaltos e chapadas ver-se uma vegetação residual, na faixa de mata úmida do ‘brejo’ de altitude, e uma vegetação do tipo arbustiva perenifólia nas chapadas sedimentares. Estes locais servem de abrigo para a Caatinga, a Floresta Serrana, o Campo Rupestre e o Cerrado (MAYO e FEVEREIRO, 1982; RODAL et al., 1998 apud RODRIGUES, 2011). De acordo com Cavalcanti (2013), a natureza sedimentar e o clima úmido (menos quente) dos setores mais elevados do relevo reúnem as condições ambientais para refugiar espécimes de diversos biomas.

Regionalmente a área apresenta uma precipitação em torno de 600 mm/ano e temperatura média anual de 25°C, nos locais mais baixos (média de 700 metros); e pluviosidade superior a 1000 mm/ano com temperaturas médias de 20°C, nas cotas superiores a 900 metros (**Figura 6**), que mantém uma faixa de concentração de chuvas orográficas na direção NE-SW (CAVALCANTI, 2013). Nestas áreas há diferentes tipos de vegetação:

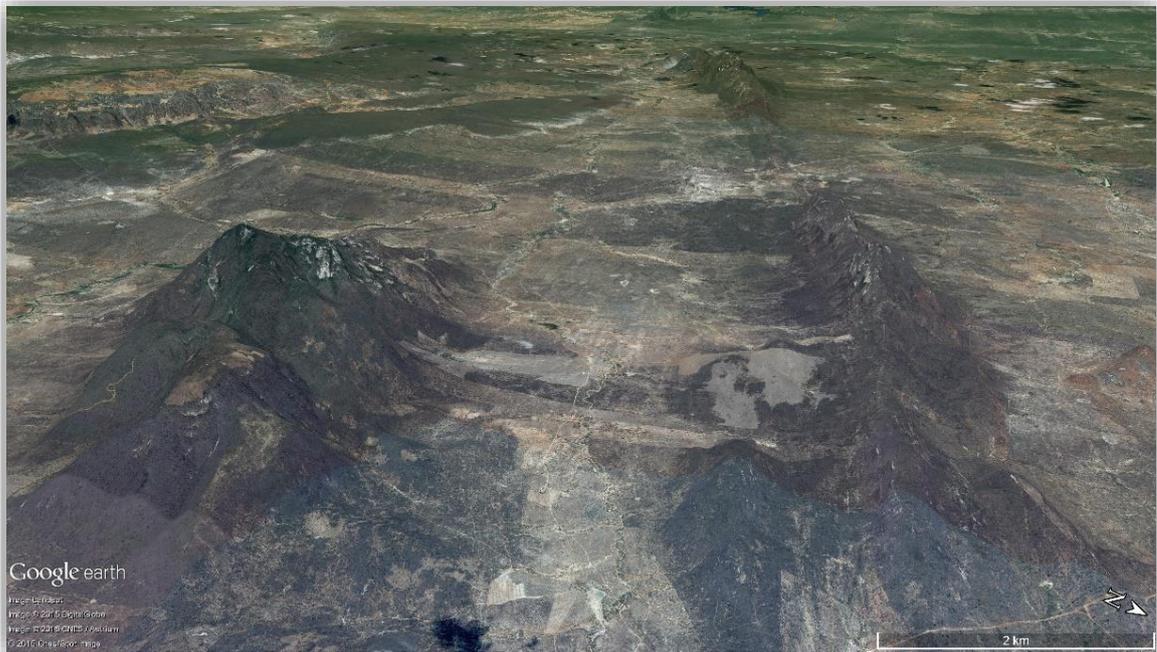
(...) a flora é formada por um mosaico de tipos florísticos bastante diferenciados, que podem ser segregados em cinco formações distintas: Caatinga arbustivo-arbórea, Caatinga arbustiva com predominância de elementos do Cerrado, Caatinga arbustiva com elementos de capôs rupestres, vegetação florestal perenifólia e Caatinga arbustiva perenifólia. Nas chapadas, tanto nas áreas mais baixas e circundantes das serras, como nas encostas erodidas, é identificada uma Caatinga com predominância de elementos próprios de Cerrado. Nesse ambiente, a Caatinga apresenta porte arbustivo baixo e esparso, com solo geralmente arenoso branco. Em alguns locais mais baixos, a fisionomia assemelha-se a uma Restinga litorânea (RODRIGUES, 2011: p. 52).

Em que pese à questão da pluviosidade, dois elementos encontram-se intrinsecamente relacionados aos índices da (CAVALCANTI, 2013): A **continentalidade** – a região, mesmo distante do mar, é afetada pelos ventos úmidos oceânicos que adquirem mais umidade mediante os processos adiabáticos<sup>33</sup>, motivados pela ascensão da escarpa morfoestrutural da região –, e que ocasiona a continuidade das precipitações até julho; e o **relevo** – já que a Bacia do Jatobá afeta a distribuição das precipitações pluviométrica entre as áreas consideradas cristas (regiões altas) e maciços serranos que contribuem para distribuição das chuvas irregularmente no regime interanual.

---

<sup>33</sup>Processo que ocorre sem haver troca de calor com o ambiente. Contudo, o fato de não haver troca de calor não implica na variação de temperatura (CAVALCANTI, 2013).

Figura 6 - Formações Geomorfológicas com Cotas Altimétricas Superiores a 1000m, na parte oeste, fora dos limites do PNC ao norte



Dada sua posição geográfica a região está sujeita aos regimes de outono-inverno (s) e verão-outono (w); verifica-se que cerca de 60 a 75% das chuvas se precipitam durante o período entre os meses de março a junho (LINS, 1989 apud RODRIGUES, 2011; CAVALCANTI, 2013). Ao analisar os índices da precipitação ver-se que:

(...) em Buíque, onde são encontradas maiores altitudes, verificam-se índices sempre superiores aos registrados em Arcoverde. Para Arcoverde foi verificada uma média anual na ordem de 694,2 mm, com máxima de 121,7 mm em março e 14,0 mm em outubro, enquanto que, em Buíque, esses valores são de 1.098,0 mm (...). Em consequência das altitudes modestas que predominam no Agreste pernambucano combinadas às altas insolações se estabelecem, ao longo do território, médias anuais elevadas entre 20 e 24°C. Nas superfícies acima dos 900 metros registram-se temperaturas médias inferiores a 20°C (RODRIGUES, 2006: p. 37).

Quanto à questão da conservação, os danos causados pelas intempéries e, principalmente, as ações humanas constituem um fator de risco para a preservação e conservação dos sítios arqueológicos (perceptíveis nos sítios com pinturas rupestres), como também para a vegetação da região. Pois, devemos compreender que o aumento da densidade

populacional causa relevantes impactos nesta região, afetando os ecossistemas locais (MOTA-FILHO & PEREIRA & RODRIGUES, 2010). Problemas relacionados à desertificação preocupam os pesquisadores que estudam a região semiárida:

Os problemas de desertificação e de alteração da paisagem da região exigem a participação das autoridades competentes para regular as ações predatórias do ambiente. A necessidade de se compartilhar a produtividade com a preservação ambiental é prioritária ao se implantar um programa de preservação do Patrimônio (PESSIS & MARTIN, 2002: p. 204).

## **CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO DAS PINTURAS E DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS COM REPRESENTAÇÕES ZOOMÓRFICAS NO PARQUE NACIONAL CATIMBAU**

A proposta desse capítulo é demonstrar e descrever os objetos de estudo: as pinturas e o contexto da paisagem, onde as pinturas estão imersas. O exposto objetivo cumpriu-se a partir do exame dos registros rupestres contidos nas seguintes unidades arqueológicas: 4.1 – Sítio Furna da Serra do Barreiro; 4.2 - Sítio Furna do Letreiro da Mina Grande; 4.3 - Sítio Furna do Morcego; 4.4 - Sítio Furna dos Veados; 4.5 - Sítio Loca da Cinza; 4.6 - Sítio da Ema; 4.7 - Sítio do Veado; 4.8 - Sítio Tauá II; 4.9 - Sítio Toca do Gato; 4.10 - Sítio Lagoa dos Patos; 4.11 - Sítio Loca dos Caboclos.

Como mencionado anteriormente, a análise das representações e de seu contexto paisagístico local foi realizada com o intuito de se obter informações sobre a relação tipo/padrão dos zoomorfos circunscritos no Parque Nacional Catimbau<sup>34</sup>.

Para a caracterização dos registros rupestres foram utilizadas variáveis pertinentes ao exame das **Pinturas Zoomórficas**, do **Ordenamento temporal** e das **Manchas Gráficas**.

Para a descrição do contexto paisagístico foram utilizadas variáveis relacionadas à **Localização do Sítio**, ao **Contexto Geomorfológico do Sítio**, ao **Estado de Conservação** e ao **Contexto Regional**.

Para esse trabalho específico, foi definido o conteúdo semântico das categorias analíticas acima citadas:

**Localização:** localizar o sítio arqueológico no interior do Parque Nacional Catimbau ou em seu entorno, identificar município no qual o sítio está localizado e suas coordenadas em

---

<sup>34</sup>A coleta de dados teve como base as campanhas realizadas nos anos de 2009/2010, financiadas pela Facepe: **I** - Projeto: Caracterização dos Sítios Pré-Históricos com Grafismos Rupestres no Estado de Pernambuco - Proponente: Anne-Marie Pessis. Data: 26/07/2009 – 02/08/2009. Equipe: Marília Perazzo; Ricardo José Neves Barbosa; Maria Carolina Wanderley; Pedro Paulo Dantas Sobral. Coordenador da Campanha: Marília Perazzo. **II** - Projeto: Caracterização dos Sítios Pré-Históricos com Grafismos Rupestres no Estado de Pernambuco - Proponente: Anne-Marie Pessis. Data: 19/10/2010 – 02/11/2010. Equipe: Marília Perazzo; Aurélio Paes Landin; Jorge Bibiano (motorista). Coordenador da Campanha: Marília Perazzo.

UTM<sup>35</sup>; identifica nominalmente a unidade de relevo<sup>36</sup> e a cota altimétrica<sup>37</sup> em que o sítio está localizado.

**Contexto Morfológico do Sítio:** descreve o contexto geomorfológico dos sítios arqueológicos que possuem representações zoomórficas, identificando os elementos da inserção topográfica, como o suporte rochoso; o tipo de sítio<sup>38</sup>; a posição no relevo<sup>39</sup>; abertura<sup>40</sup>; os tipos de registros<sup>41</sup>; área do abrigo<sup>42</sup>; e as dimensões do sítio<sup>43</sup>.

**Estado de Conservação:** descreve os processos de intemperismos aos quais os sítios estiveram subordinados, que atuam na própria formação dos registros arqueológicos, provocando possíveis mudanças nas características geoambientais das estruturas locais.

**Ordenamento Temporal:** analisa as áreas com sobreposições de registros rupestres, como forma de ordenar os distintos momentos de execução<sup>44</sup>.

**Mancha Gráfica:** descreve as manchas gráficas para contextualização das pinturas zoomórficas, como forma de se obter um quadro geral dos registros rupestres contidos no sítio; na construção deste quadro foi levado em consideração o impacto do intemperismo sobre as pinturas.

**Pinturas Zoomórficas:** descreve as representações zoomórficas, considerando as dimensões do fenômeno gráfico: temática, cenográfica e técnica. Tais informações contribuirão para o conhecimento do(s) tipo(s) gráfico(s) presente(s) na área arqueológica.

---

<sup>35</sup>As coordenadas em UTM serão descritas pela zona, coordenadas E/N, assim os sítios Furna da Serra do Barreiro, Furna do Letreiro da Mina Grande, Furna do Morcego, Furna dos Veados, Loca da Cinza, Tauá II, Toca do Gato, Loca dos Caboclos estão baseados no projeto DATUM: Córrego Alegre, coletadas com GPS - Modelo: MAP 76csx, com precisão entre 5 e 7 metros. Os sítios Sítio da Ema e Sítio do Veado estão baseados no projeto DATUM: SAD 69, e tiveram suas coordenadas coletadas com GPS - Modelo: Garmin 60csx, com precisão de 3 metros. O Sítio Lagoa dos Patos está baseado no projeto DATUM: SAD 69, teve suas coordenadas coletadas com GPS - Modelo: MAP 76csx, com precisão de 5 metros.

<sup>36</sup>Indica a unidade de relevo que o sítio arqueológico está inserido: serra, moro, vale etc..

<sup>37</sup>A altimetria dos sítios foi coletada com GPS - Modelo: MAP 76csx e com o GPS - Modelo: Garmin 60csx.

<sup>38</sup>Estrutura morfológica onde está inserido o sítio arqueológico: abrigo, matacão, céu aberto, gruta.

<sup>39</sup>Refere-se à posição do sítio na inclinação do relevo, as vertentes podem ser: Baixa Vertente – localizado na parte inferior da declividade; Média Vertente – localizado nas porções medianas do relevo; Alta Vertente – localizado nas porções mais altas do relevo.

<sup>40</sup>A abertura apresentada pelo sítio em relação aos pontos cardeais.

<sup>41</sup>Identificam-se os tipos de registros arqueológicos presentes no sítio.

<sup>42</sup>Indica a área do sítio arqueológico em m<sup>2</sup>.

<sup>43</sup>Indica as dimensões dos sítios: comprimento, largura e altura.

<sup>44</sup>Aqui chamamos a atenção para o perigo de se relacionar uma superposição de pinturas, pois há evidências de interação cultural de transição, como podemos observar nos estudos de Pessis (2003), Martin (2008), Guidon (1982), Hyder (2004).

**Contexto Regional:** descrever as características geomorfológicas de contexto regional, associando os sítios arqueológicos às bacias hidrográficas e às fontes d'água atuais; a orientação a qual o sítio está disposto e a proximidade com outros sítios arqueológicos. Tais dados contribuirão para a análise da distribuição espacial e da inter-relação destes.

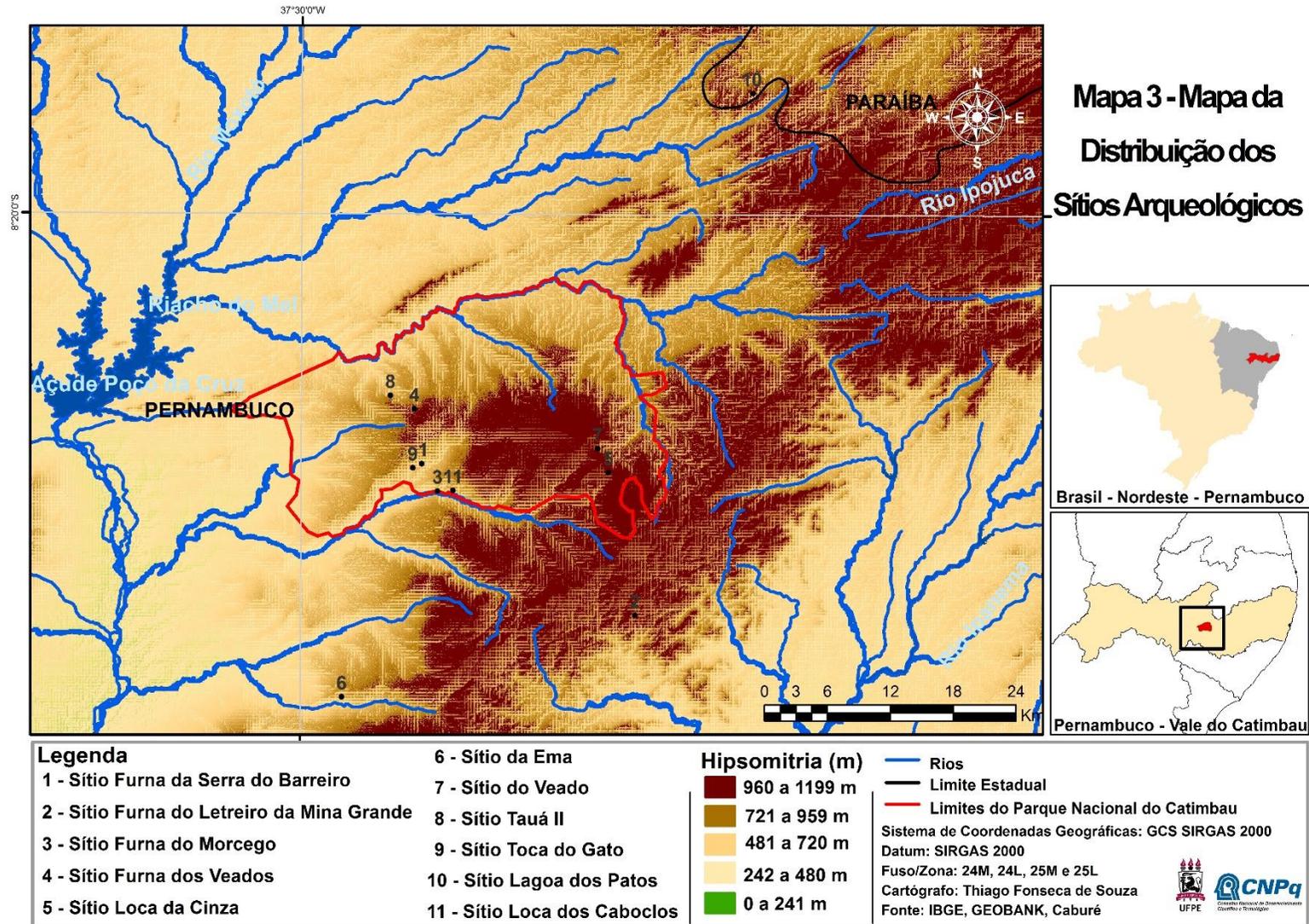
Para o controle do banco de dados das representações zoomórficas, nesse estudo, estas representações foram enumeradas, conforme demonstrado na tabela abaixo (**Tabela 3**).

Tabela 3 - Banco de Dados das Representações Zoomórficas. Indica número da figura e o sítio arqueológico

<b>Número Figura</b>	<b>Sítios Arqueológicos</b>
RZ-01	Sítio Furna da Serra do Barreiro
RZ-02	Sítio Furna da Serra do Barreiro
RZ-03	Sítio Furna da Serra do Barreiro
RZ-04	Sítio Furna da Serra do Barreiro
RZ-05	Sítio Furna do Letreiro da Mina Grande
RZ-06	Sítio Furna do Morcego
RZ-07	Sítio Furna do Morcego
RZ-08	Sítio Furna do Morcego
RZ-09	Sítio Furna do Morcego
RZ-10	Sítio Furna dos Veados
RZ-11	Sítio Furna dos Veados
RZ-12	Sítio Furna dos Veados
RZ-13	Sítio Furna dos Veados
RZ-14	Sítio Furna dos Veados
RZ-15	Sítio Furna dos Veados
RZ-16	Sítio Loca da Cinza
RZ-17	Sítio da Ema
RZ-18	Sítio da Ema
RZ-19	Sítio da Ema
RZ-20	Sítio da Ema
RZ-21	Sítio da Ema
RZ-22	Sítio da Ema
RZ-23	Sítio da Ema
RZ-24	Sítio da Ema
RZ-25	Sítio da Ema
RZ-26	Sítio da Ema
RZ-27	Sítio da Ema
RZ-28	Sítio da Ema
RZ-29	Sítio da Ema
RZ-30	Sítio da Ema
RZ-31	Sítio da Ema
RZ-32	Sítio do Veado
RZ-33	Sítio do Veado

RZ-34	Sítio Tauá II
RZ-35	Sítio Tauá II
RZ-36	Sítio Tauá II
RZ-37	Sítio Tauá II
RZ-38	Sítio Tauá II
RZ-39	Sítio Tauá II
RZ-40	Sítio Toca do Gato
RZ-41	Sítio Toca do Gato
RZ-42	Sítio Lagoa dos Patos
RZ-43	Sítio Loca dos Caboclos
RZ-44	Sítio Loca dos Caboclos

Mapa 3 - Mapa da Distribuição dos Sítios Arqueológicos. O mapa integra a dissertação "Pinturas Rupestres e Paisagem - Um Estudo de Caso das Representações Zoomórficas do Vale do Catimbau – PE" defendida no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia (PPGARq) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)



## 4.1 - SÍTIO FURNA DA SERRA DO BARREIRO

*Localização:* O Sítio Furna da Serra do Barreiro está localizado no Município de Ibimirim, nas coordenadas UTM 676587 E e 9054864 N, Zona 24L, na região sudoeste do Parque Nacional Catimbau. Está inserido na unidade de relevo Serra do Barreiro, com uma altitude de 584 m (**Mapa 3**).

*Contexto Morfológico do Sítio:* O sítio configura-se como um abrigo sob rocha arenítica, em situação topográfica de baixa vertente, com abertura voltada para o Sudeste. Contém uma área abrigada de 96 m<sup>2</sup>; o sítio contém as seguintes dimensões: 16,4 m de comprimento, 6 m de largura e 12 m de altura (**Figura 7**).

Figura 7 - Sítio Furna da Serra do Barreiro, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Contexto morfológico



*Estado de Conservação:* O suporte apresenta granulometria variando de grossa a fina; contém fraturas, sais minerais, fuligem e áreas de deslocamento, por vezes, comprometendo a integridade das pinturas. O sítio também apresenta sinais de intemperismo biológico, o teto contém manifestação de fungo e de inseto.

*Ordenamento Temporal:* No sítio foram identifica dos três tons nas pinturas rupestres; observa-se que o vermelho-claro foi o primeiro a ser efetuado no interior do abrigo, posteriormente, o vermelho-escuro e, por fim, o amarelo-claro.

*Mancha Gráfica:* No interior do sítio foram identificadas três manchas gráficas – a mancha gráfica 1 tem a face voltada para o leste e as manchas gráficas 2 e 3 têm as faces voltadas para o sudoeste.

Na mancha gráfica 1 observam-se seis (6) antropomorfos, quatro (4) zoomorfos e onze (11) grafismos puros, tais como: linhas paralelas, linhas sinuosas e círculos totalmente preenchidos (**Figura 8**).

Na mancha gráfica 2 estão presentes três (3) antropomorfos. Na mancha gráfica 3 são observados antropomorfos, um grafismo puro formado por um círculo preenchido por linhas entrecruzadas e manchas de tinta, disforme. Nas faces sudoeste e nordeste do suporte observam-se sobreposições de pinturas.

Os grafismos rupestres estão expostos aos agentes do intemperismo, como: o vento, o sol e às águas pluviométricas. Incidindo sobre as pinturas podem ser observadas manchas de águas pluviométricas, efluorescência de sais, ninhos de insetos (vespas), fraturas estruturais e deslocamento do suporte.

A presença de múltiplos ninhos de abelha no centro do abrigo chama a atenção da população local que, frequentemente, coleta do mel; no ato da coleta utiliza-se uma tocha de fogo para inibir as ferroadas dos insetos. Essa prática também degrada o sítio, uma vez que deposita fuligem sobre o suporte.

Figura 8 - Sítio Furna da Serra do Barreiro, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia da Mancha Gráfica 1, com representações de antropomorfos, zoomorfos e grafismos puros



*Pinturas Zoomórficas:* As representações zoomórficas estão concentradas na parte inferior da mancha gráfica 1 (**Tabela 4**).

Tabela 4 - Enumeração das Representações Zoomórficas do Sítio Furna da Serra do Barreiro

Número Figura
RZ-01
RZ-02
RZ-03
RZ-04

A figura RZ-01 (**Figura 9**) não teve os elementos constitutivos da cabeça identificados, devido ao deslocamento da rocha; seu tronco arredondado encontra-se em posição diagonal; contém o pescoço em forma de linha; apresenta os quatro membros na posição diagonal, com as patas côncavas; e cauda em forma de linha (apontada no final), na posição diagonal.

Quanto à cenográfica, pode-se dizer que a figura está agrupada; posicionada sobre duas patas, com altura total de 8,12 cm e 8,13 cm de comprimento; encontra-se num quadro de ação; com preenchimento total; na cor amarela.

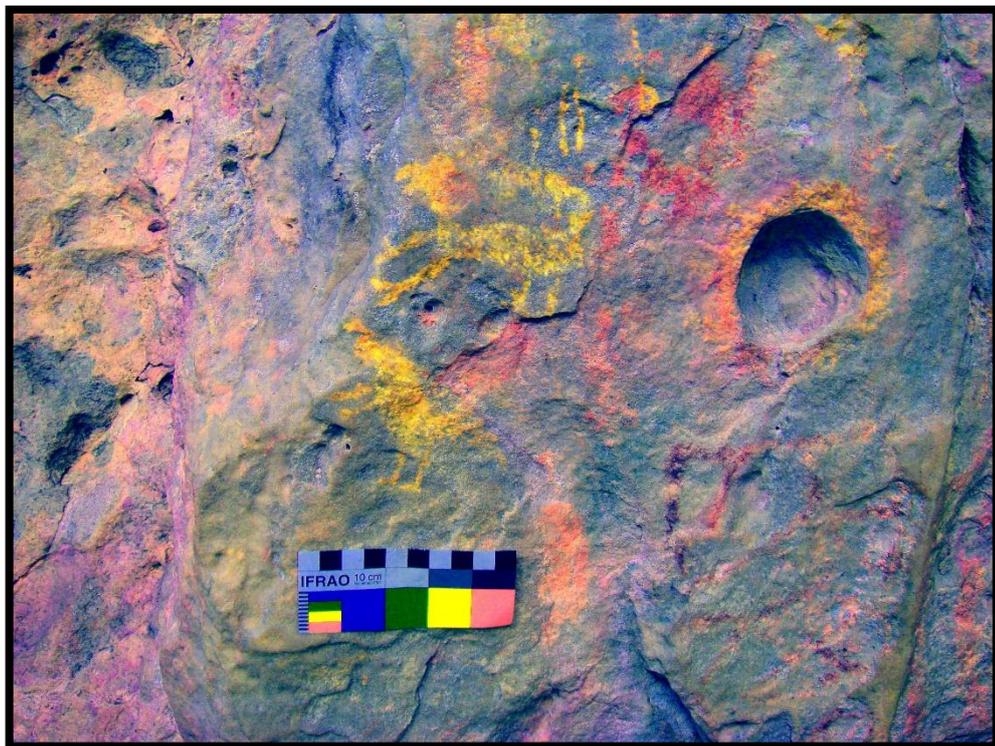
Quanto à técnica de realização, pode-se dizer que os traços da figura foram produzidos a partir dos dedos das mãos do pintor; e que foi observado nenhum tipo de tratamento prévio do suporte.

A figura RZ-02 (**Figura 9**) exhibe a cabeça na forma de caju; o tronco arredondado, na posição horizontal; o pescoço na forma de linha; possui os quatro membros na posição diagonal; patas côncavas; e cauda na forma de linha, curvada, na posição horizontal.

Em relação à cenografia, a figura apresenta-se de modo agrupado; possui altura de 9,23 cm e comprimento de 11,28 cm; apresenta-se num quadro de ação; com preenchimento total, na cor amarela.

Quanto à técnica de realização, pode-se afirmar que não houve nenhum tipo de tratamento prévio do suporte; e que os traços da figura foram produzidos a partir dos dedos das mãos do pintor.

Figura 9 - Sítio Furna da Serra do Barreiro, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia das figuras, de baixo para cima, RZ-01 e RZ-02. Fotografia com tratamento digital pelo DStretch



A figura RZ-03 (**Figura 10**) não contém os elementos constitutivos da cabeça, do tronco, do pescoço e da cauda, devido à degradação da tinta; contudo, são percebidos 2 membros (frontais), na posição vertical; e não há elementos para se definir a forma na pata.

Em que pese à questão cenográfica, a figura aparece de modo agrupado; em quadro de ação (pendurado); suas medidas não foram tomadas devido à degradação da pintura; possui preenchimento total; na cor amarela.

Quanto às técnicas utilizadas, pode-se assegurar que não houve nenhum tipo de tratamento prévio do suporte, e seus traços foram produzidos a partir dos dedos das mãos do pintor.

A figura RZ-04 (**Figura 10**) contém cabeça em forma circular; o tronco arredondado na posição vertical; não possuindo pescoço; contém três membros visíveis (dois posteriores e um anterior), todos na posição vertical; patas com forma côncava; cauda ausente.

Em relação à dimensão cenográfica, pode-se dizer que a figura se apresenta agrupada; equilibrada sobre duas patas; possui altura de 16,06 cm e comprimento de 7,04 cm; em quadro de ação; com preenchimento total, na cor amarela.

Quanto às técnicas utilizadas, pode-se afirmar que não houve nenhum tipo de tratamento do suporte, e seus traços foram produzidos pelos dedos das mãos.

Figura 10 - Sítio Furna da Serra do Barreiro, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia das pinturas, de baixo para cima, RZ-01, RZ-02, RZ-03, RZ-04



*Contexto Regional:* O sítio tem sua orientação voltada para o Nordeste –Sudoeste; está associado à Bacia Hidrográfica do Moxotó, a fonte atual de água dista aproximadamente 3 Km (Riachinho) e aproximadamente 12 Km do Riacho do Mel; está situado nas proximidades do Sítio Toca do Gato.

#### 4.2 - SÍTIO FURNA DO LETREIRO DA MINA GRANDE

*Localização:* O Sítio Furna do Letreiro da Mina Grande está localizado no Município Buíque, nas coordenadas UTM 696911 E e 9040519 N, Zona 24L; situado na parte sudeste, fora dos limites do Parque Nacional Catimbau, inserido na unidade de revelo Serra da Mina Grande, com altitude de 823 m (**Mapa 3**).

*Contexto Morfológico do Sítio:* O sítio caracteriza-se como um abrigo sob rocha arenítica. Em situação topográfica de baixa vertente, com a abertura voltada para o Nordeste.

As pinturas rupestres estão contidas numa área abrigada de 116 m<sup>2</sup>; o sítio exhibe as seguintes dimensões: 29 m de comprimento, 4 m de largura, 40 m de altura (**Figura 11**).

Figura 11 - Sítio Furna do Letreiro da Mina Grande, situado fora dos limites do Parque Nacional Catimbau, Município de Buíque. Contexto geomorfológico, foto do paredão frontal do sítio



*Estado de Conservação:* O Sítio apresenta discretas fraturas, áreas de esfoliação e de deslocamento. Todavia, estes agentes da degradação não comprometem a integridade dos grafismos, pois estão localizadas em áreas não grafadas.

*Ordenamento Temporal:* O sítio apresenta áreas de sobreposições de pinturas rupestres; nestas áreas são observadas duas tonalidades da cor vermelha. Primeiramente as pinturas em vermelho ocre (que estão bem desgastadas) e, posteriormente, o vermelho claro.

*Mancha Gráfica:* O sítio contém seis (6) manchas gráficas, com faces voltadas para o nordeste. A mancha gráfica 1 é composta por mãos em positivo, do tipo carimbo (**Figura 12**). A mancha gráfica 2 é formada por grafismos puros. A mancha gráfica 3 é formada por um zoomorfo, uma mão em positivo e diversos grafismos puros. As manchas gráficas 4, 5 e 6 são formadas por grafismos puros. Na extrema direita do sítio, no setor Noroeste, observa-se um conjunto de gravuras rupestres, composto por pontos.

Figura 12 - Sítio Furna do Letreiro da Mina Grande, posicionado fora dos limites do Parque Nacional Catimbau, Município de Buíque. Foto da Mancha Gráfica 3 com representações zoomorfas, mão em positivo e grafismos puros



Os grafismos rupestres estão expostos aos elementos naturais do intemperismo: vento, chuva e sol. No sítio estão presentes manchas de água pluviométricas, deslocamentos, fraturas estruturais, ninhos de insetos (maria-pobre e vespa).

*Pinturas Zoomórficas:* O sítio contém uma única representação zoomórfica, localizada na parte inferior da mancha gráfica 3 (**Tabela 5**).

Tabela 5 - Enumeração da Representação Zoomórfica do Sítio Furna do Letreiro da Mina Grande

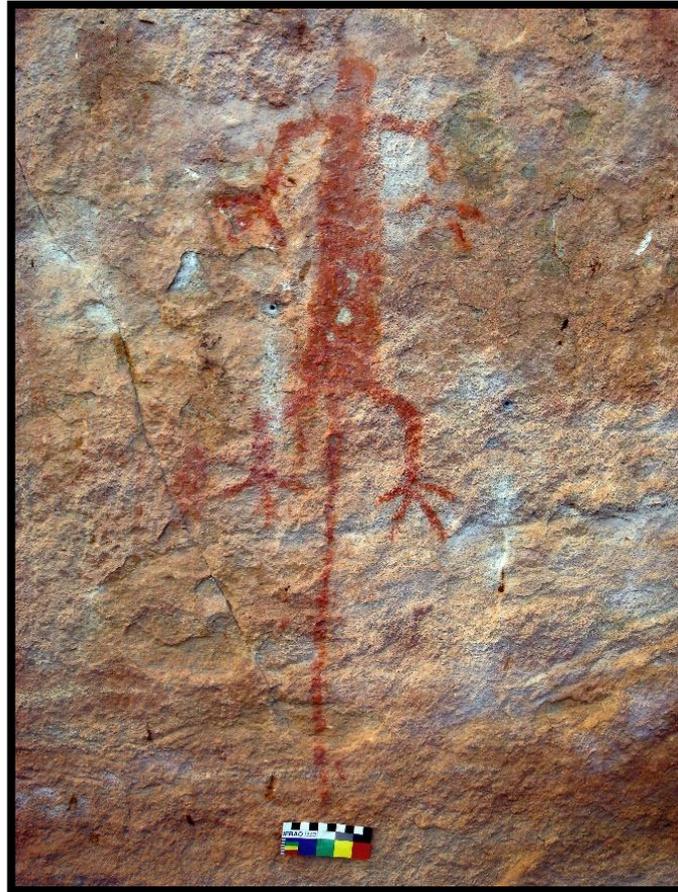
Número Figura
RZ-05

A figura RZ-05 (**Figura 13**) contém a cabeça quadrada; o tronco retangular, na posição vertical; não possui pescoço; apresenta os quatro membros, na posição vertical; com patas tetradáctila; e cauda na forma de linha, na posição vertical.

Quanto à dimensão cenográfica, a figura está representada de forma estática e isolada das demais pinturas, apresenta uma altura de 64,27 cm e comprimento de 32,53 cm; preenchimento total, na cor vermelha, de tom ocre.

Em relação à dimensão técnica, pode-se dizer que os traços da figura foram produzidos pelos dedos das mãos do pintor; e que o suporte não recebeu nenhum tipo de tratamento prévio.

Figura 13 - Sítio Furna do Letreiro da Mina Grande, situado fora dos limites do Parque Nacional Catimbau, Município de Buíque. Foto da figura RZ-05, zoomorfo isolado



*Contexto Regional:* O sítio tem sua orientação voltada para o Nordeste–Sudoeste; está associado à Bacia Hidrográfica do Ipanema; a fonte atual de água (caldeirão) dista aproximadamente 4 Km do sítio. O sítio está localizado a 13,5 Km do Sítio Loca da Cinza.

#### 4.3 - SÍTIO FURNA DO MORCEGO

*Localização:* O Sítio Furna do Morcego está situado no Município de Ibimirim, nas coordenadas UTM 678075 E e 9052278 N, Zona 24L; está localizado no sudoeste do Parque

Nacional Catimbau, na unidade de relevo Serra do Quiri D'Alho; com ponto altimétrico de 556 m (**Mapa 3**).

*Contexto Morfológico do Sítio:* O sítio configura-se como uma caverna escavada no arenito, provavelmente, por forças hídricas. O sítio encontra-se em situação topográfica de baixa vertente, com abertura voltada para o Noroeste. O sítio contém uma área abrigada de 750 m<sup>2</sup>, onde jazem as pinturas rupestres; suas dimensões foram mensuradas em: 15 m comprimento, 50 m de largura e 3,30 m de altura (**Figura 14**).

Figura 14 - Sítio Furna do Morcego, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Contexto geomorfológico, visão frontal do sítio



*Estado de Conservação:* O sítio contém manchas gráficas nas paredes de entrada. O suporte possui algumas fraturas e elevado grau de desagregação da rocha, mostrando-se bastante friável comprometendo, em alguns casos, a integridade das pinturas.

*Ordenamento Temporal:* O sítio exhibe áreas de sobreposições de pinturas, nas quais são identificadas duas tonalidades de vermelho. As pinturas realizadas em vermelho claro antecedem às pinturas efetuadas em vermelho ocre.

*Mancha Gráfica:* No sítio são observadas 4 manchas gráficas: a Mancha gráfica 1 tem face voltada para o noroeste; a Mancha gráfica 2 tem face voltada para o sudoeste; as Manchas gráficas 3 e 4 têm faces voltadas para o nordeste. As manchas gráficas 1 e 2 são

compostas por antropomorfos, zoomorfos e grafismos puros, todos pertencentes à Tradição Agreste de pinturas rupestres (**Figura 15**). A mancha gráfica 3 é composta por um zoomorfo isolado (**Figura 16**).

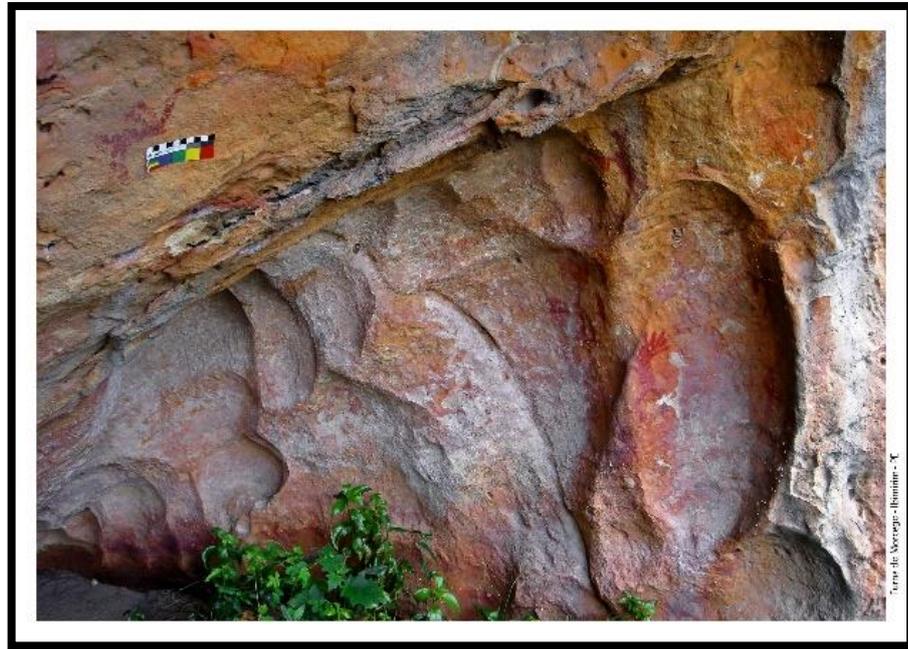
Na mancha gráfica 4 os antropomorfos constituem a temática dominante, com características similares às descritas para a Tradição Nordeste, Subtradição Seridó. As representações humanas, na sua maioria, apresentam-se de perfil e portam atributos culturais, tais como: cocares, maracás, bordunas e objetos cujas morfologias remetem a uma bolsa ou sacola.

Os grafismos rupestres estão expostos aos agentes naturais do intemperismo, como o vento, a chuva e o sol, que incidem diretamente sobre as pinturas; há sobre o suporte rochoso manchas de águas pluviométricas, ninhos de maria-pobre, líquens, deslocamentos e fraturas.

Figura 15 - Sítio Furna do Morcego, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia da Mancha Gráfica 1 e 2, com representações de zoomorfos, antropomorfos e grafismos puros. Foto com tratamento digital DStretch



Figura 16 - Sítio Furna do Morcego, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia da Mancha Gráfica 3, com representação de um zoomorfo



*Pinturas Zoomórficas:* O sítio contém quatro representações zoomórficas (**Tabela 6**), assim distribuídas: duas unidades zoomórficas (figuras RZ-06 e RZ-07) encontram-se na mancha gráfica 1; uma única (figura RZ-08) na macha gráfica 2; outra isolada (figura RZ-09) na macha gráfica 3.

Tabela 6 - Enumerações das Figuras Zoomórficas no Sítio Furna do Morcego

Número Figura
RZ-06
RZ-07
RZ-08
RZ-09

A figura RZ-06 (**Figura 17**) contém cabeça, porém houve um deslocamento que comprometeu a integridade de parte deste componente anatômico, impossibilitando a identificação da forma; o tronco tem forma arredondada, na posição horizontal; e pescoço na forma de linha; apresenta quatro membros (duas patas e duas asas), as patas estão na posição vertical e as asas na horizontal; todas as patas são tridactílicas; e não possui cauda.

Em que pese às questões cenográficas, a figura RZ-06 encontra-se agrupada com a figura RZ-07 (ema), apresenta altura de 39,63 cm e comprimento de 22,54 cm, em posição de ação, tem preenchimento total, na cor vermelha, de tonalidade ocre.

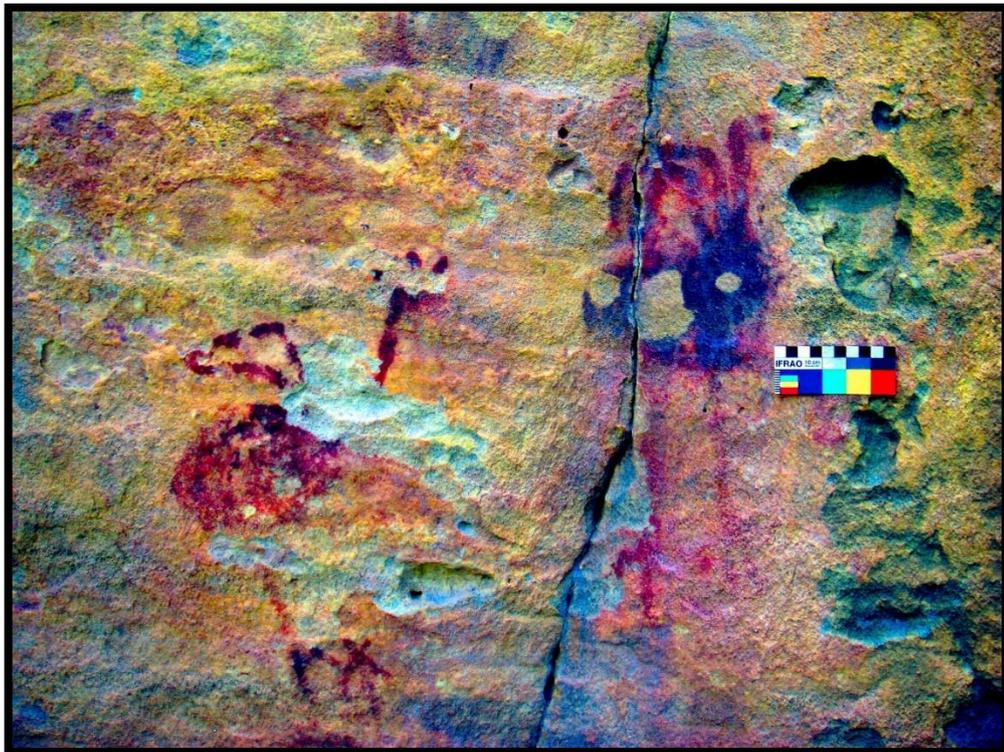
Em relação à técnica, pode-se dizer que o autor usou os dedos das mãos para executar os traços; e que não há sinais de tratamento prévio do suporte.

A figura RZ-07 (**Figura 17**), em relação à dimensão temática, possui cabeça em forma de caju; contém tronco arredondado, na posição vertical; o pescoço em forma de linha; apresenta quatro membros (duas patas e duas asas), as patas estão na posição vertical e as asas na posição horizontal; as patas apresentam forma tridáctila; e não possui cauda.

Quanto à dimensão cenográfica, a figura encontra-se agrupada; com altura de 43,32 cm e comprimento de 16,60 cm; apresenta-se em quadro de ação, tem preenchimento total, na cor vermelha, de tonalidade ocre.

Em relação à técnica, pode-se dizer que o autor usou os dedos para aplicar a tinta; e que não há sinais de tratamento prévio do suporte.

Figura 17 - Sítio Furna do Morcego, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia das pinturas, da direita para esquerda, RZ-06 e RZ-07. Fotografia com tratamento digital DStretch



A figura RZ-08 (**Figura 18**) apresenta cabeça, mas devido ao deslocamento de parte do suporte torna-se impossível a identificação de alguns detalhes anatômicos; o tronco mostra-se arredondado, na posição horizontal; o pescoço e as patas não podem ser identificados, frente ao deslocamento; possui dois membros (asas) na posição horizontal; e cauda representada por 5 linhas horizontais.

Quanto à dimensão cenográfica, a figura compõe cena com as representações antropomórficas; tem a parte frontal degradada, impossibilitando assim a análise da cabeça; possui altura de 8,11 cm (deg.) por 12,20 cm de comprimento (deg.)<sup>45</sup>. Não apresenta movimento; tem preenchido total, na cor vermelha, de tom ocre.

Em relação à técnica, há indícios de que o autor usou os dedos das mãos para sua elaboração da figura; e não há sinais de tratamento prévio do suporte.

Figura 18 - Sítio Furna do Morcego, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibirimir. Fotografia da pintura, RZ-08



A figura RZ-09 (**Figura 19**) possui cabeça, porém sua forma não pode ser identificada<sup>46</sup>; apresenta tronco em forma retangular, posicionado na horizontal; pescoço em forma de linha; apresenta quatro membros (duas patas e duas asas), estando as patas

<sup>45</sup>“deg.”, abreviatura de degradada.

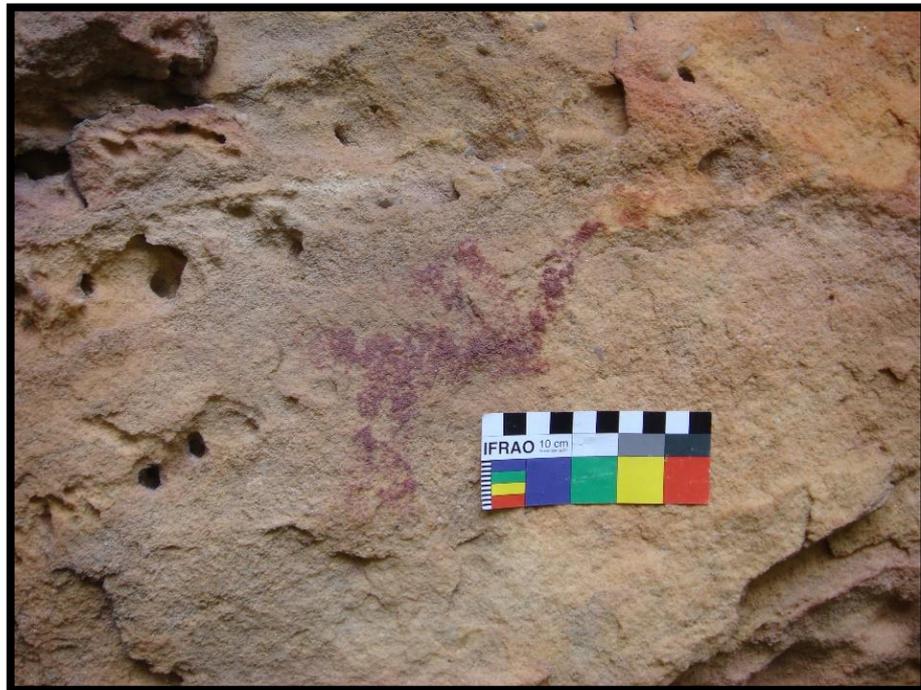
<sup>46</sup>Devido ao desgaste da tinta.

posicionadas na vertical e as asas na horizontal; a forma das patas não pode ser identificada; não possui cauda.

Em relação à cenografia, a figura apresenta-se isolada na macha gráfica 3, com altura de 13,16 cm e comprimento de 13,94 cm; em estado estático; apresenta preenchimento total, na cor vermelha, em tom ocre.

Em que pese à questão da técnica, pode-se dizer que o autor utilizou os dedos para executar a figura; e não há sinais de tratamento prévio do suporte.

Figura 19 - Sítio Furna do Morcego, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia da pintura, RZ-09



*Contexto Regional:* O Sítio tem orientação voltada para o Sudoeste – Nordeste, está associado à Bacia Hidrográfica do Moxotó; a fonte atual de água dista aproximadamente 15 m (Riachinho); o sítio está localizado nas proximidades do Sítio Loca dos Caboclos.

#### 4.4 - SÍTIO FURNA DOS VEADOS

*Localização:* O Sítio Furna dos Veados está localizado no Município de Ibimirim, nas coordenadas UTM 675875 E e 9060059 N, Zona 24L; posicionado no centro-oeste do Parque

Nacional Catimbau; está situado na unidade de relevo Serra do Barreiro, com altitude de 574 m (**Mapa 3**).

*Contexto Morfológico do Sítio:* O sítio configura-se como um abrigo sob rocha sedimentar, contendo pinturas e gravuras; em situação topográfica de baixa vertente. A abertura está orientada para o Sudoeste. Apresenta uma área abrigada de 47,95 m<sup>2</sup>; contém as seguintes dimensões: comprimento de 13,70 m; largura de 3,5 m; e altura de 4 m (**Figura 20**).

Figura 20 - Sítio Furna dos Veados, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Contexto geomorfológica, fotografia frontal do abrigo



*Estado de Conservação:* O sítio apresenta suporte arenítico de fina granulometria, contudo, bastante irregular; contém fraturas, áreas de esfoliação e de deslocamento.

*Ordenamento Temporal:* As sobreposições foram observadas em pinturas nas manchas gráficas; partindo-se da sobreposição mais antiga para a mais recente: cor vermelha, de tonalidade clara; cor vermelha, de tonalidade ocre; e cor amarela.

*Mancha Gráfica:* O sítio contém 5 manchas gráficas, as manchas 1, 2 e 4 têm as faces voltadas para o Oeste e as manchas gráficas 3 e 5 têm faces voltadas para o Sudoeste. Na mancha gráfica 1 foram observados quatro antropomorfos, um zoomorfo, e diversos grafismos puros, tais como: linhas em ziguezague e linhas sinuosas. Na mancha gráfica 2 é

observado um cervídeo isolado, de reduzidas dimensões, que foi realizado numa concavidade natural da rocha que serviu de suporte para o corpo do animal (pintura integrada à morfologia da rocha), a cabeça e os membros projetam-se para além desta concavidade.

Na mancha gráfica 3 (**Figura 21**) são observados quatro cervídeos e um antropomorfo. Os cervídeos estão dispostos paralelamente à linha de solo, dois contêm a cavidade bucal, apresenta a boca aberta. Nas manchas gráficas 4 e 5 veem-se gravuras, formando um conjunto de pontos (cúpules). Nas faces sudeste e nordeste do suporte observam-se áreas de sobreposição de pinturas.

Figura 21 - Sítio Furna dos Veados, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia da Mancha Gráfica 3, com representações zoomórficas e antropomorfas



Sobre o estado de conservação das manchas gráficas, os grafismos estão expostos à ação dos agentes naturais do intemperismo, como o vento e o sol. Incidindo sobre as pinturas observaram-se ninhos de vespas, fraturas estruturais, deslocamentos, marcas de escorrimento de águas pluviométricas.

*Pinturas Zoomórficas:* No interior do sítio foram identificadas sítio 5 manchas gráficas, onde jazem seis representações zoomórficas (**Tabela 7**). Na mancha gráfica 1 há um

zoomorfo, na mancha gráfica 2 há outro zoomorfo e na mancha gráfica 3 veem-se quatro representações zoomórficas.

Tabela 7 - Enumerações das figuras zoomórficas do Sítio Furna dos Veados

Número Figura
RZ-10
RZ-11
RZ-12
RZ-13
RZ-14
RZ-15

A figura RZ-10 (**Figura 22**) apresenta-se sem a cabeça; o tronco arredondado, na posição horizontal; pescoços em forma de linha; contém os 4 membros na diagonal; cauda em forma de linha, na diagonal.

Quanto à dimensão cenográfica, a figura encontra-se num quadro de ação, está agrupada a outros grafismos; apresenta altura de 55,87 cm e comprimento de 78,80 cm; possui preenchimento total, na cor vermelha, de tonalidade ocre.

Em relação às técnicas de execução, há evidências de que o autor utilizou os dedos das mãos para produzir a figura; e não indícios de tratamento prévio do suporte.

A figura RZ-11 (**Figura 22**) não possui cabeça; apresenta tronco arredondado, na posição diagonal; pescoço em forma de linha; apresenta os 4 membros na diagonal, com duas patas (posteriores) côncavas e as outras duas não tiveram sua forma identificada, devido a degradação do suporte; possui a cauda em forma de linha, na posição diagonal.

Em relação à dimensão cenográfica, a figura encontra-se agrupada, num quadro de ação; possui altura de 52,78 cm e comprimento de 57,56 cm; com preenchimento total, no tom vermelho ocre.

Quanto à técnica de execução, há indícios de que o autor utilizou os dedos das mãos para realização dos traços; não foi realizado tratamento prévio do suporte.

A figura RZ-12 (**Figura 22**) não possui cabeça; apresenta tronco circular, na posição horizontal; e pescoço em forma de linha; apresenta os 4 membros: duas patas anteriores na posição diagonal; e as duas posteriores na horizontal; as duas patas posteriores são côncavas,

e as duas anteriores não tiveram suas formas identificadas, devido a degradação do suporte; apresenta cauda em forma de linha, na posição diagonal.

Em relação à dimensão cenográfica, a figura encontra-se agrupada; com altura de 35,10 cm e comprimento de 38,11 cm; apresenta-se em quadro de ação; com preenchimento total, na cor vermelha, de tom ocre.

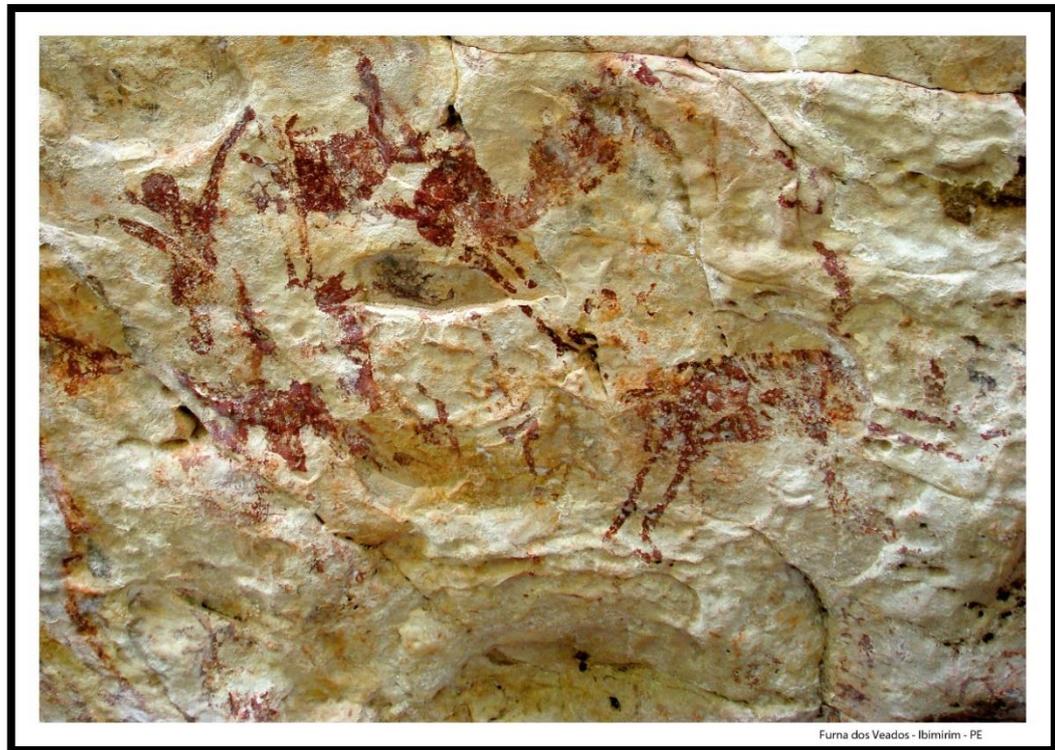
Quanto à técnica de realização, há indícios de que o autor utilizou os dedos das mãos para executar os traços; não há sinais de tratamento prévio do suporte.

A figura RZ-13 (**Figura 22**) é a única na cena com cabeça em forma de caju; apresenta tronco bastante degradado, que impede a identificação da sua forma, contudo percebe-se que está na posição horizontal; tem pescoço em forma de linha; apresenta os membros, as patas e a cauda degradados, impedindo a coleta de informações mais detalhadas.

Quanto à dimensão cenográfica, a figura mostra-se agrupada a outros grafismos; apresenta altura de 31,41 cm (contém parte degradada) e comprimento de 35,40 cm (contém parte degradada), de modo a impedir a percepção de um possível movimento; há indícios de um possível preenchimento total, na cor vermelha, de tonalidade ocre.

Em relação à técnica de execução, há sinais de que o autor utilizou os dedos das mãos para realizar os traços; não há indícios de tratamento prévio do suporte.

Figura 22 - Sítio Furna dos Veados, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia das representações zoomórficas; indicadas no sentido anti-horário: RZ-10, RZ-11, RZ-12, RZ-13



Na figura RZ-14 (**Figura 23**), em relação à dimensão temática, a cabeça exibe dois chifres, contudo o desgaste da rocha impossibilita análise mais detalhada; o tronco apresenta forma arredondada, na posição horizontal; não possui pescoço; apresenta os quatros membros na posição horizontal e patas côncavas; a forma da cauda não pode ser identificada, devido à degradação da pintura.

Quanto à dimensão cenográfica, pode-se dizer que a pintura se encontra agrupada com as demais; que possui altura de 18,10 cm e comprimento de 29,15 cm; apresenta-se de forma estática; tem preenchimento total, na cor amarela.

Em relação à técnica de execução, pode-se dizer que o autor utilizou os dedos das mãos para efetuar a figura; e que não há indícios de tratamento prévio do suporte.

Figura 23 - Sítio Furna dos Veados, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Foto da representação zoomórfica RZ-14

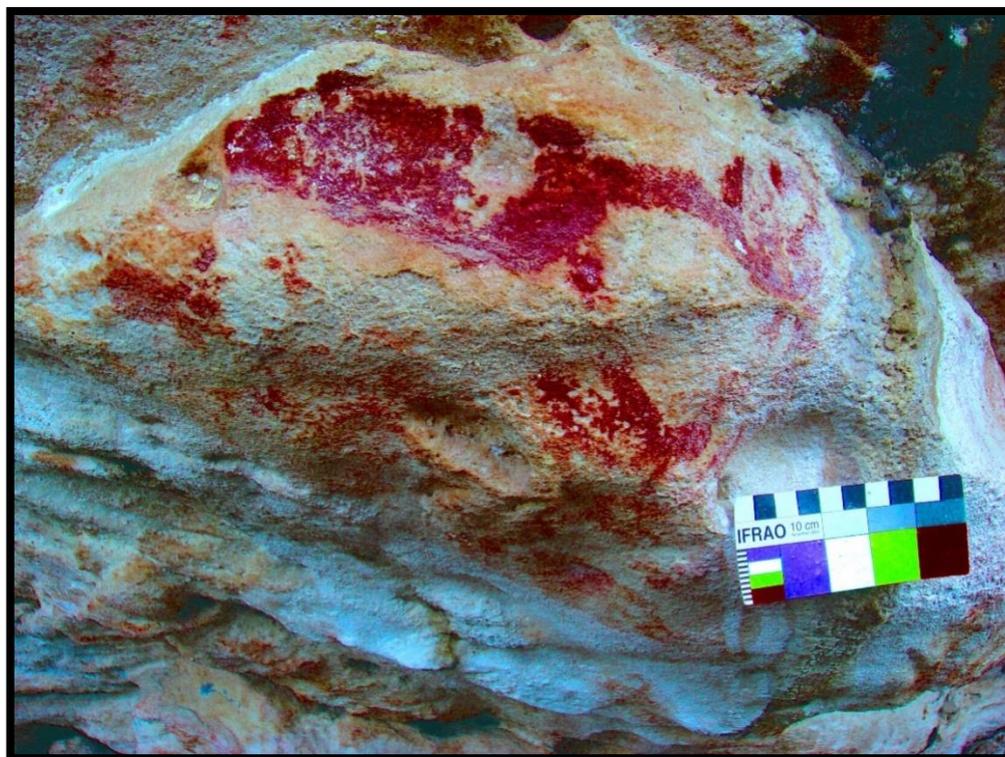


Em relação à dimensão temática, a figura RZ-15 (**Figura 24**) apresenta as seguintes características: possui cabeça dotada de chifres, bastante degradada; tronco arredondado, cujo formato integra-se organicamente à concavidade da rocha-suporte, na posição horizontal; pescoço em forma de linha; podem ser observados os dois membros dianteiros, na posição diagonal, e os traseiros estão bastante desgastados, impedindo identificar suas formas; este desgaste se estende para as áreas das patas e da cauda.

Em que pese às questões pertinentes a cenografia, pode-se afirmar que a figura se encontra isolada; com altura de 12,47 cm e comprimento de 22,77 cm; o quadro de movimento não pôde ser identificado; apresenta preenchimento total; na cor vermelha, ocre.

Quanto à técnica de realização, há indícios de que o pintor usou os dedos das mãos como pincel; não houve tratamento prévio do suporte.

Figura 24 - Sítio Furna dos Veados, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Foto da representação zoomórfica RZ-15. Foto com tratamento digital DStretch



*Contexto Regional:* O Sítio Furna dos Veados tem sua orientação voltada para o Noroeste – Sudeste; está relacionado à Bacia Hidrográfica do Moxotó, com fonte atual de água (Riachinho) a aproximadamente 3 Km e, aproximadamente, 12 Km do Riacho do Mel; o sítio em apreço está situado nas proximidades do Sítio Tauá II.

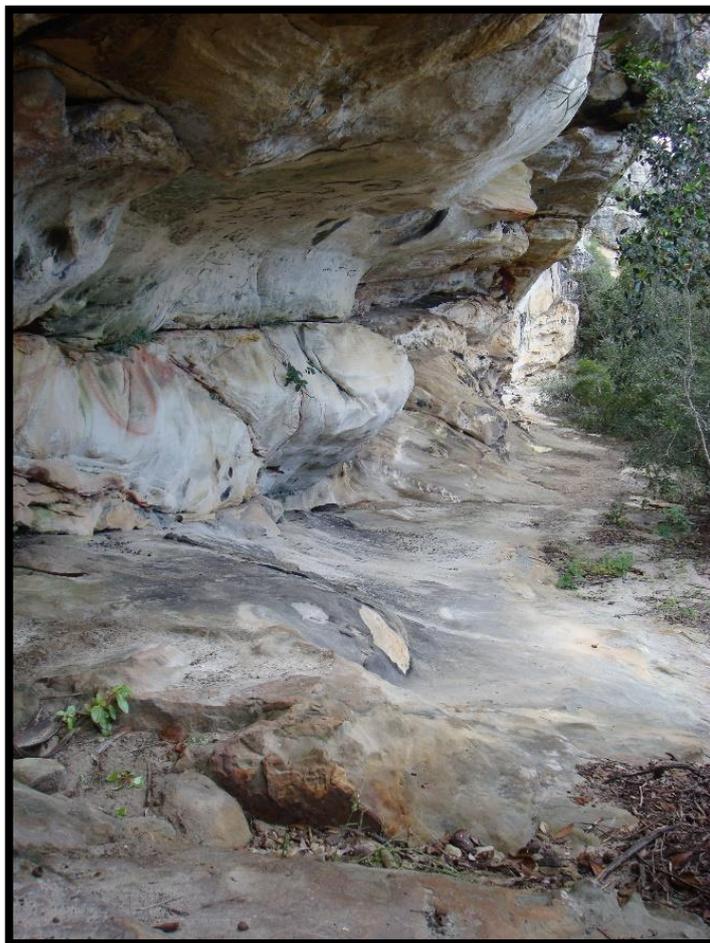
#### 4.5 - SÍTIO LOCA DA CINZA

*Localização:* O Sítio Loca da Cinza está localizado no Município de Buíque, nas coordenadas UTM 694376 E e 9054028 N, na Zona 24L, posicionado no sudeste do Parque Nacional Catimbau. Encontra-se inserido na unidade de relevo Serra do Jerusalém, com altitude de 893 m (**Mapa 3**).

*Contexto Morfológico do Sítio:* O sítio caracteriza-se como abrigo sob rocha arenítica, em situação topográfica de baixa vertente, com abertura voltada para o Leste, contendo

pinturas e gravuras; contém uma área abrigada de 512 m<sup>2</sup>; o sítio teve suas dimensões mensuradas em: 80 m de comprimento, 6,40 m de largura e 6 m de altura (**Figura 25**).

Figura 25 - Sítio Loca da Cinza, Parque Nacional Catimbau, Município de Buíque. Contexto geomorfológico, fotografia do lado direito do abrigo



*Estado de Conservação:* O sítio apresenta um paredão rochoso que exhibe diversos graus de cimentação, por vezes, apresenta-se bastante friável, com zonas de desfazimento do suporte. O sítio traz à amostra a rocha matriz, com ausência de sedimento, inibindo assim qualquer possibilidade da realização de sondagens ou escavações. Este piso, formado pela rocha matriz, estende-se para além da linha de chuva do abrigo, no seu limite tem início o agudo declive da encosta.

*Ordenamento Temporal:* Há sobreposições no interior das manchas gráficas, onde são observados três tons: primeiro, o vermelho claro; segundo, o vermelho ocre; e, posteriormente, o amarelo.

*Mancha Gráfica:* O sítio contém quatro manchas gráficas – Mancha gráfica 1, apresenta face voltada para o nordeste; e as Manchas gráficas 2, 3 e 4 têm as faces voltadas para o leste.

A mancha gráfica 1 (**Figura 26**) é composta por antropomorfos pertencentes à Tradição Nordeste, estas representações humanas portam atributos culturais, tais como: cocares, bordunas, maracás e outros objetos. São comuns os antropomorfos dispostos em fileiras, de perfil e de face, nas duas situações aparece a representação do falo. Também aparece a representação de um zoomorfo.

Dentre as fileiras de antropomorfos, destaca-se uma composta por 17 membros, posicionados em planos subsequentes, que pode ser traduzida como uma solução técnica para representar a ‘profundidade’.

De modo geral, a interação entre as figuras é comum, mas há situação onde esta interação torna-se muito complexa, são as cenas de sexo, por vezes, representadas com três elementos participantes.

A mancha gráfica 2, que também está no setor sul do sítio, é composta por um grafismo isolado, pertencente à Tradição Agreste. As manchas 3 e 4, que têm proximidade física com o setor norte do sítio, apresentam os ‘grafismos puros’ como temática dominante; dentre os grafismos puros constam linhas paralelas e entrecruzadas, variedade de ponteados e círculos concêntricos.

Figura 26 - Sítio Loca da Cinza, Parque Nacional Catimbau, Município de Buíque. Fotografia da Mancha Gráfica 1, com representações de zoomorfo, antropomorfos e grafismos puros



Os grafismos rupestres estão expostos aos agentes naturais do intemperismo, como o vento, a chuva e o sol. No sítio há manifestação de micro-organismos (fungos) sobre os grafismos rupestres da mancha gráfica 1, além dos cupins e das fuligens sobre as pinturas. As fraturas e o deslocamentodo do suporte rochoso impactam, fortemente, os conjuntos gráficos.

O sítio apresenta infiltração d'água (percolação), que compromete a integridade de algumas pinturas. Também são observadas degradações: a) de ordem antrópica, como a queima do suporte para remoção de insetos; b) de natureza biológica, tais como: marimbondos, maria-pobre, cupim e fungos.

*Pinturas Zoomórficas:* Na mancha gráfica 1 há uma representação de zoomorfo (**Tabela 8**).

Tabela 8 - Enumeração da Figura de Representação Zoomórfica no Sítio Loca da Cinza

Número Figura
RZ-16

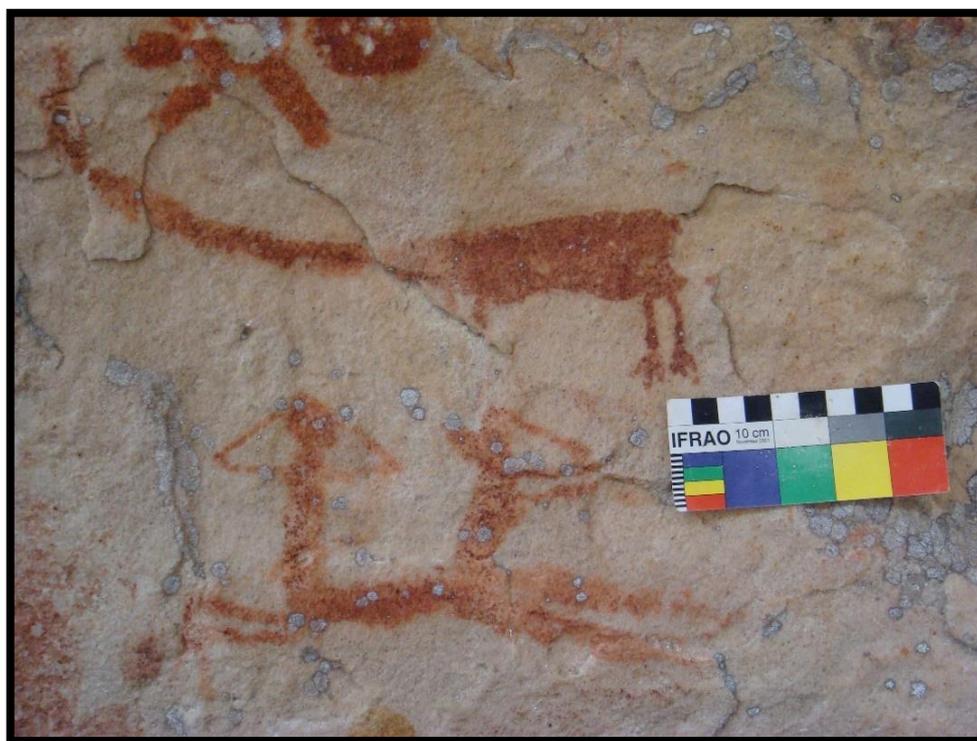
A figura RZ-16 (**Figura 27**) não possui cabeça; seu tronco tem forma arredondada, na posição horizontal; o pescoço em forma de linha longa e curvada; os quatro membros na

posição horizontal; as duas patas posteriores são tridactílicas, as duas anteriores não tiveram suas formas identificadas, devido ao deslocamento do suporte; a parte da cauda também foi atingida pelo deslocamento, impossibilitando a obtenção de informações.

Quanto à dimensão cenográfica, a figura apresenta-se de modo agrupado; com altura de 13,45 cm e 25,56 cm de comprimento; sem movimento, demonstrando um quadro estático; com preenchimento total, na cor vermelha, de tom ocre.

Em relação à técnica de realização, pode-se dizer que foram utilizados os dedos das mãos para efetuar os traços componenciais do zoomorfo; e não há sinais de tratamento prévio do suporte.

Figura 27 - Sítio Loca da Cinza, Parque Nacional Catimbau, Município de Buíque. Fotografia da pintura RZ-16



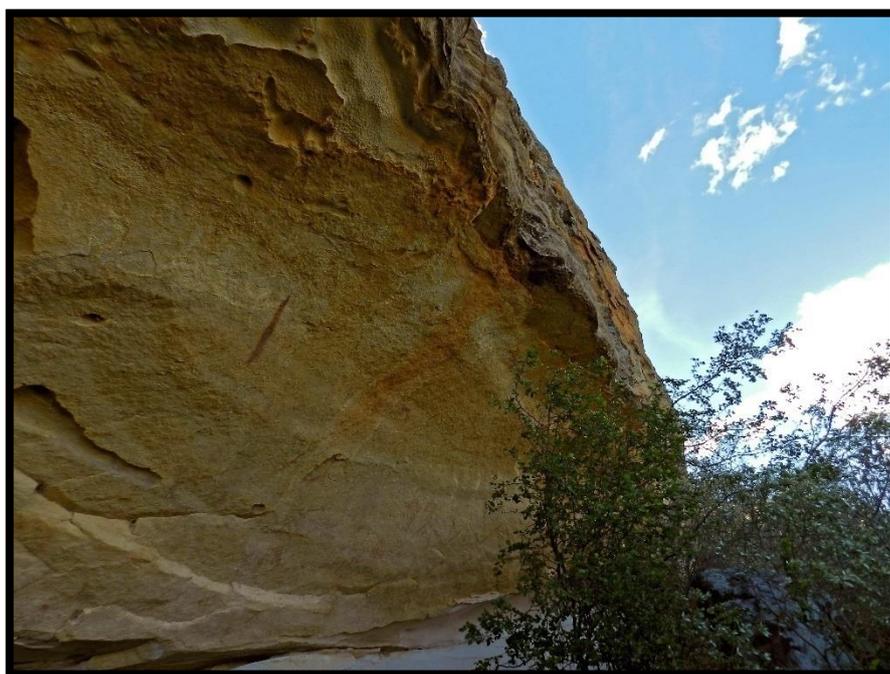
*Contexto Regional:* O sítio Loca da Cinza tem sua orientação voltada para o Norte – Sul, e está relacionado à Bacia Hidrográfica do Moxotó. O sítio dista da fonte atual de água aproximadamente 3 Km, o poço de Jerusalém; o sítio encontra-se nas proximidades do Sítio do Veado.

## 4.6 - SÍTIO DA EMA

*Localização:* O Sítio da Ema está localizado no Município de Ibimirim, sob as coordenadas UTM 0668942 E e 9032839 N, Zona 24L, na porção sudeste do Parque Nacional Catimbau; situado na unidade de relevo Serra do Letreiro, com altitude aproximada de 580 m (**Mapa 3**).

*Contexto Morfológico do Sítio:* O sítio configura-se como abrigo sob rocha arenítica, em situação topográfica de média vertente, com abertura para o Sudeste, contendo pinturas e gravuras. A área abrigada do sítio é na ordem de 273,9 m<sup>2</sup>; o sítio apresenta as seguintes dimensões: comprimento 33 m, largura 8,30 m, e altura de 16 m (**Figura 28**).

Figura 28 - Sítio da Ema, a sudoeste do Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Contexto geomorfológico, fotografia realizada no lado esquerdo do abrigo



*Estado de Conservação:* De modo geral o sítio apresenta bom estado de conservação, contudo há efluorescência de sais, marcas de água, suporte desgastado (desplacado); também há ninho de maria-pobre, por vezes, sobre as pinturas.

*Ordenamento Temporal:* No sítio são encontradas sobreposições de pinturas no interior das manchas gráficas, onde são percebidas duas tonalidades de vermelho. O vermelho ocre, mais antigo que o vermelho claro; situação que o diferencia dos demais sítios da região.

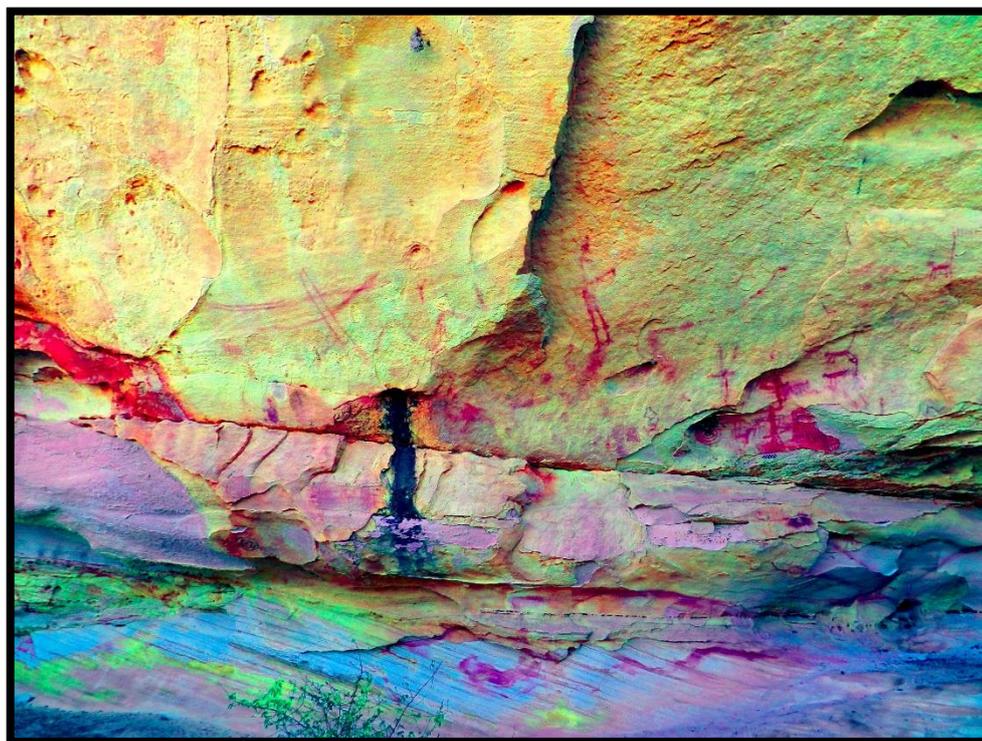
*Mancha Gráfica:* O sítio apresenta 15 manchas gráficas, com presença de 15 representações zoomórficas, segue descrição das manchas (**Figura 30**):

- 1 – Grafismo puro isolado, caracterizado por 04 linhas paralelas verticais.
- 2 – Mancha gráfica composta por dois zoomorfos, grafismos puros caracterizados por linhas paralelas, formas circulares concêntricas, linhas entrecruzadas e grafismos disformes; há sobreposições de pinturas.
- 3 – Grafismos puros isolados, caracterizado por círculos concêntricos.
- 4 – Mancha gráfica composta por três círculos concêntricos, um círculo encoberto por efluorescência de sais, com uma linha sinuosa que o divide em dois.
- 5 – Mancha gráfica comporta por linhas entrecruzadas; grafismos intemperizados, recobertos por efluorescência de sais; fraturas estruturais; deslocamentos; e manchas de água pluviométricas.
- 6 – Grafismos puros caracterizados por círculos concêntricos, antropomorfos, linhas entrecruzadas, duas linhas paralelas, conjunto de pontos alinhados verticalmente, nicho com três zoomorfos (felinos).
- 7 – Mancha disforme de tinta.
- 8 – Grafismo puro próximo fisicamente ao citado nicho.
- 9 – Grafismo puro, tridígito, linha em ziguezague.
- 10 – Dois zoomorfos (felinos).
- 11 – Um antropomorfo, quatro zoomorfos e múltiplos grafismos puros. Os grafismos puros formam linhas paralelas, linhas cruzadas e duas linhas gravadas, em ziguezague, que se sobrepõem às representações das emas (duas emas pintadas). Entre as linhas gravadas há um segmento em ziguezague pintado, na cor vermelha. Os corpos das três emas apresentam preenchimento vermelho, uma delas mostra-se bastante desbotada; a terceira, da esquerda para direita, contém picoteamento efetuado por percussão (**Figura 29**).
- 12 – Círculos concêntricos gravados, efetuados com a técnica de picoteamento, com sucos rasos; e grafismos puros em forma de linhas paralelas. As gravuras, de quando em vez, estão sobrepostas as pinturas em forma de linhas paralelas.
- 13 – Dois zoomorfos (felinos) na cor vermelha.
- 14 – Dois zoomorfos (felinos) na cor vermelha.
- 15 – Linhas paralelas verticais e grafismos puros.

Figura 29 - Sítio da Ema, posicionado no sudoeste do Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia da Mancha Gráfica 11, com representações de zoomorfos, antropomorfos e grafismos puros. Fotografia com tratamento digital pelo DStretch



Figura 30 - Sítio da Ema, situado no sudoeste do Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia das Manchas Gráficas 2, 3, 4, 5, 6,7, 8, 9, 10, com representações de zoomorfos e grafismos puros. Fotografia com tratamento digital pelo DStretch



Sobre o estado de conservação das manchas gráficas, pode-se dizer que há importantes áreas de deslocamento, de efluorescência de sais, de escamação da rocha, fraturas estruturais e micro-organismos (fungos).

*Pinturas Zoomórficas:* O sítio apresenta 15 manchas gráficas. O corpus gráfico do sítio reúne um total de 15 representações zoomórficas (**Tabela 9**), assim distribuídas: a mancha gráfica 2 contém dois zoomorfos, na mancha gráfica 6 há três zoomorfos, a mancha gráfica 10 contém dois zoomorfos, a mancha gráfica 11 apresenta quatro zoomorfos, na mancha gráfica 13 há dois zoomorfos e a mancha gráfica 14 contém dois zoomorfos.

Tabela 9 - Enumerações das Representações Zoomórficas no Sítio da Ema

Número Figura
RZ-17
RZ-18
RZ-19
RZ-20
RZ-21
RZ-22
RZ-23
RZ-24
RZ-25
RZ-26
RZ-27
RZ-28
RZ-29
RZ-30
RZ-31

A figura RZ-17(**Figura 31**), em relação à dimensão temática, apresenta a cabeça em forma de caju; o tronco em forma retangular, na posição horizontal; o pescoço em forma de linha. A figura apresenta quatro membros: os posteriores na posição vertical e os anteriores na horizontal; as patas em forma tridáctila e não possui cauda.

Em que pese as questões relacionadas à dimensão cenográfica, pode-se afirmar que a figura se encontra agrupada a outros grafismos; apresenta as seguintes dimensões: 64,29 cm de altura e 24,70 cm de comprimento; mostra-se num quadro estático, parada; apresenta preenchimento total, na cor vermelha, de tonalidade ocre.

Quanto à técnica de execução, assegura-se que o traço foi produzido pelos dedos das mãos do pintor, e não há sinais de tratamento prévio do suporte.

A figura RZ-18 (**Figura 31**) apresenta a cabeça em forma de caju; o tronco retangular, na posição horizontal; o pescoço em forma de linha; apresenta os quatro membros: os posteriores na posição vertical e os anteriores na horizontal; as patas mostram-se na forma de tridáctila e não possui cauda.

Quanto à dimensão cenográfica, a figura encontra-se agrupada; com 72 cm de altura e 22,89 cm de comprimento; apresenta-se num quadro estático, sem movimento; contém preenchimento total, no tom vermelho ocre.

Em relação à técnica de execução, pode-se afirmar que o traço foi produzido pelos dedos das mãos do executor, e que não há sinais de tratamento prévio do suporte.

A figura RZ-19 (**Figura 31**) apresenta cabeça em forma de caju; o tronco retangular, na posição horizontal; pescoço em forma de linha; o zoomorfo exhibe os quatro membros, os posteriores na posição vertical e os anteriores na horizontal; patas em forma tridáctila; e não possui cauda.

Em que pese às questões da dimensão cenográfica, a figura encontra-se de modo agrupado; com tamanho de 95,58 cm de altura e comprimento de 46,95 cm; apresenta-se num quadro estático; com possível<sup>47</sup> preenchimento total; na cor vermelha, de tonalidade ocre.

Em relação à técnica de execução, pode-se assegurar que os dedos das mãos foram utilizados para elaborar a figura; e não há sinais de que o suporte tenha recebido tratamento prévio.

---

<sup>47</sup>Neste caso específico, a utilização do DStretch demonstrou que houve preenchimento do tronco da figura.

Figura 31 - Sítio da Ema, situado no sudoeste do Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia das representações zoomórficas, ordenadas da esquerda para a direita: RZ-17, RZ-18 e RZ-19. Fotografia com tratamento digital pelo DStretch



A figura RZ-20 (**Figura 32**), em relação à dimensão temática, possui cabeça de forma circular; tronco arredondado, na posição horizontal; o pescoço em forma de linha, mais grossa que as demais representações dos felinos que estão fisicamente próximos; a figura apresenta os quatro membros, na posição vertical; com patas circulares; e cauda em forma de linha, com curvas que se fecham formando um triângulo na ponta, em posição horizontal.

Quanto à dimensão cenográfica, pode-se dizer que a figura se encontra agrupada; com tamanho de 16,15 cm altura e 19,52 cm de comprimento; e mostra-se num quadro de ação, com movimento; apresenta preenchimento total; na cor vermelha, de tonalidade ocre.

Em relação à técnica de execução, há indícios de que foram utilizados os dedos das mãos para plasmar a figura; não há sinais de que o suporte recebeu tratamento prévio.

A figura RZ-21 (**Figura 32**), em relação à dimensão temática, possui cabeça em forma circular; tronco de forma arredondada e na posição horizontal; o pescoço em forma de linha; apresenta os quatro membros na posição diagonal; com patas circulares; e cauda em forma de linha, na posição diagonal.

Quanto à dimensão cenográfica, pode-se asseverar que a figura se encontra agrupada; apresenta altura de 26,49 cm e 19,68 cm de comprimento; mostra-se num quadro de ação; com preenchimento total; na cor vermelha, de tom ocre.

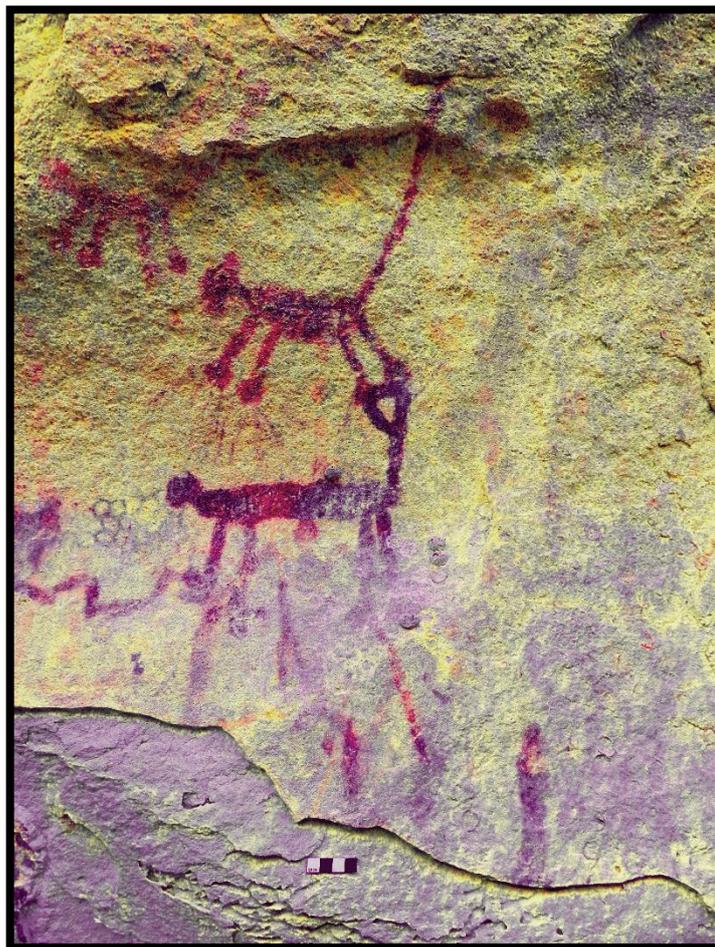
Em relação à técnica de execução, pode-se dizer que o pintor utilizou os dedos das mãos para efetuar a pintura; não há sinais de tratamento prévio do suporte.

A figura RZ-22 (**Figura 32**), em relação à dimensão temática, possui cabeça em forma circular; tronco arredondado, na posição horizontal; o pescoço no formato de linha; apresenta os quatro membros na posição diagonal; com patas circulares; e cauda na forma de linha, na posição diagonal.

Quanto à dimensão cenográfica, a figura apresenta-se de modo agrupado; com 15,94 cm de altura e 18,13 cm de comprimento; encontra-se num quadro de ação; com preenchimento total; na cor vermelha, de tonalidade ocre.

Em relação à técnica de execução, assevera-se que os dedos das mãos foram utilizados na aplicação da tinta; não há indícios de que o suporte recebera tratamento prévio.

Figura 32 - Sítio da Ema, situado no sudoeste do Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia das representações zoomórficas, ordenadas de baixo para cima: RZ-20, RZ-21, RZ-22. Fotografia com tratamento digital pelo DStretch



A figura RZ-23 (**Figura 33**), em relação à dimensão temática, contém as seguintes informações: cabeça circular; tronco arredondado, na posição horizontal; o pescoço na forma de linha; apresenta os quatro membros, na posição vertical; com patas circulares; e cauda em forma de linha, na posição vertical.

Em relação à dimensão cenográfica, pode-se dizer que a figura se apresenta de modo agrupado; com altura de 39,40 cm e comprimento de 18,94 cm; mostra-se dentro de um quadro estático, sem movimento; com preenchimento total; na cor vermelha, na tonalidade ocre.

Quanto à dimensão técnica, diz-se que o traço foi efetuado com intermeio dos dedos das mãos; e não apresenta indícios de que o suporte recebera tratamento prévio.

Figura 33 - Sítio da Ema, posicionado no sudoeste do Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia da representação zoomorfa RZ-23. Foto com tratamento digital pelo DStretch

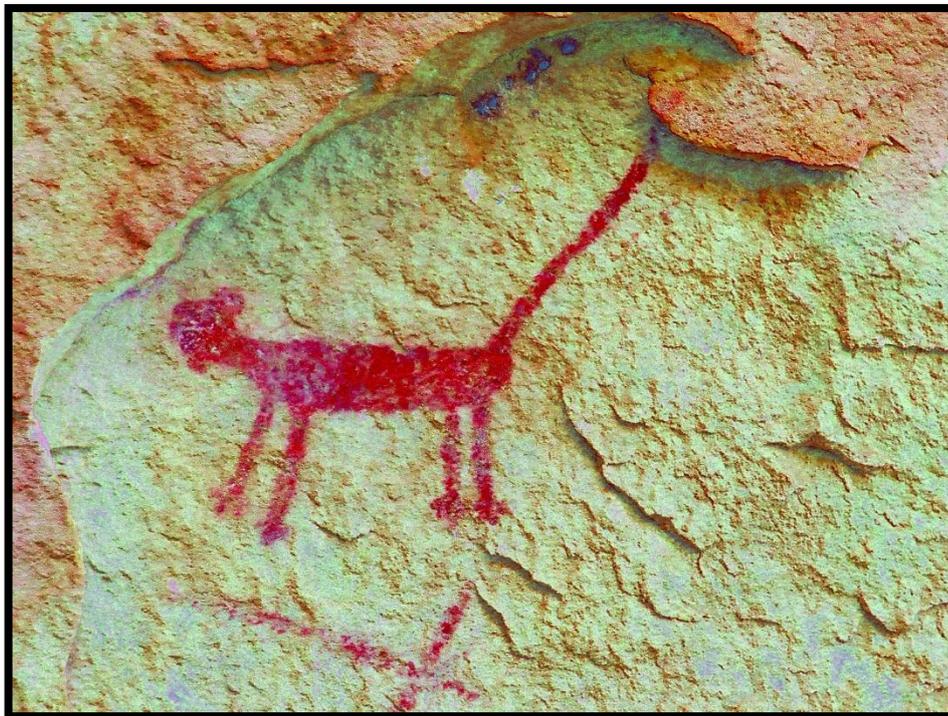


A figura RZ-24 (**Figura 34**), em que pese à dimensão temática, possui cabeça circular; o tronco de forma arredondada, na posição horizontal; o pescoço em forma de linha; apresenta os quatro membros na posição vertical; com patas tridactílicas, é a única representação de felino no sítio com essa forma de pata; e cauda em forma de linha, na posição diagonal.

Em relação à dimensão cenográfica, a figura aparece de maneira isolada; com altura de 27,66 cm e comprimento de 32 cm; num quadro estático; com preenchimento total; na cor vermelha, de tom ocre.

Quanto à técnica de execução, pode-se assegurar que o traço foi realizado com dedos das mãos do autor; como também pode-se dizer que não há indícios de que o suporte recebera tratamento prévio.

Figura 34 - Sítio da Ema, situado no sudoeste do Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia da representação zoomorfa RZ-24. Foto com tratamento digital pelo DStretch

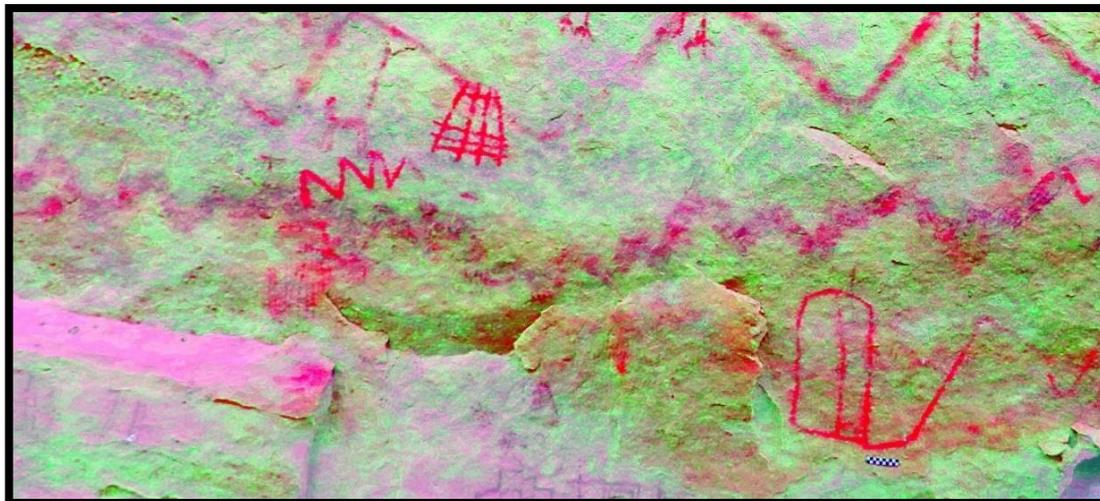


Ver-se que a figura RZ-25 (**Figura 35**), a partir dos estudos da dimensão temática, apresenta cabeça em forma circular; o tronco arredondado, na posição horizontal; o pescoço em forma de linha; a figura contém os membros fixados na posição diagonal; as patas circulares; e a cauda na forma de linha, na posição diagonal.

Quanto à dimensão cenográfica, afirma-se que a figura aparece de maneira agrupada, justaposta à representação geométrica e linhas em ziguezague e inter cruzadas; com altura de 35,30 cm e comprimento de 25,54 cm; apresenta-se dentro de quadro estático, sem movimento; com preenchimento total; na cor vermelha, de tom ocre.

Em que pese às questões referentes a dimensão técnica, assegura-se que o traço foi concebido a partir dos dedos das mãos; como também pode-se dizer que o suporte não recebeu nenhum tipo de tratamento prévio.

Figura 35 - Sítio da Ema, situado no sudoeste do Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia da representação zoomorfa RZ-25. Foto com tratamento digital pelo DStretch



A figura RZ-26 (**Figura 36**), em relação à dimensão temática, possui a cabeça em forma de caju; o tronco retangular, na posição de diagonal; o pescoço em forma de linha; apresenta os quatro membros na posição diagonal; com patas circulares; e cauda em forma de linha, na posição vertical.

Em relação à dimensão cenográfica, diz-se que a figura se encontra agrupada com outro felino; num quadro estático; com preenchimento total; na cor vermelha, de tonalidade ocre.

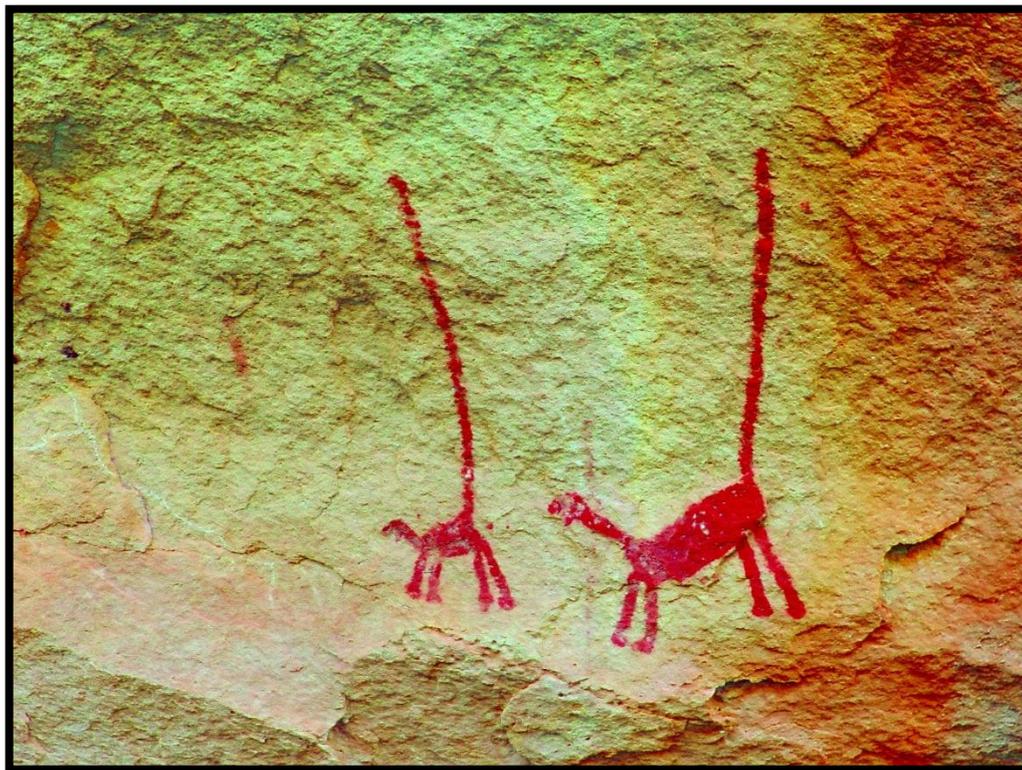
Quanto à técnica de execução, fica claro que o traço fora realizado com dedos das mãos; e que o suporte não recebera qualquer tipo de tratamento prévio.

A figura RZ-27 (**Figura 36**), no tocante à dimensão temática, apresenta as seguintes características: a cabeça na forma de caju; o tronco retangular, na posição de diagonal, neste caso específico, foi utilizado a estrutura natural da rocha para desenhar o tronco do zoomorfo; pescoço em forma de linha; apresenta os quatro membros na posição diagonal; patas circulares; e cauda em forma de linha, na posição vertical.

Quanto à dimensão cenográfica, a figura encontra-se agrupada com outro felino; num quadro de não-movimento, estática; apresenta preenchimento total; na cor vermelha, de tom ocre.

Quanto à técnica de manufatura da pintura, pode-se dizer que o traço foi realizado com os dedos das mãos; e não há indícios de que o suporte recebera tratamento prévio<sup>48</sup>.

Figura 36 - Sítio da Ema, situado no sudoeste do Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia das representações zoomorfas, indicadas da direita para esquerda: RZ-26 e RZ-27. Foto com tratamento digital pelo DStretch



Do ponto de vista cenográfico, a figura RZ-28 (**Figura 37**) possui cabeça em forma circular; o tronco arredondado, na posição horizontal; pescoço na forma de linha; apresenta os quatro membros na posição diagonal; com patas em forma de círculo; e cauda na forma de linha, na posição diagonal.

Na dimensão cenográfica, a figura aparece agrupada; em quadro de ação; com preenchimento total; na cor vermelha, na tonalidade ocre.

Quanto à técnica de execução, há indicação de que o traço foi produzido pelos dedos das mãos do autor; e não apresenta sinais de tratamento prévio do suporte.

A figura RZ-29 (**Figura 37**), quanto à dimensão temática, apresenta cabeça em forma circular; o tronco arredondado, na posição horizontal; o pescoço na forma de linha; observam-

<sup>48</sup>As figuras RZ-26 e RZ-27 não foram mensuradas durante as campanhas e não possuem escala.

se quatro membros na posição diagonal; as patas em forma de círculo; e cauda na forma de linha, na posição diagonal.

Na dimensão cenográfica, a figura aparece de modo agrupado; em quadro de ação; com preenchimento total; na cor vermelha, na tonalidade ocre.

Quanto à técnica, assinala-se, a partir dos vestígios, que o traço foi produzido pelos dedos das mãos; e que não há sinais de tratamento prévio do suporte<sup>49</sup>.

Figura 37 - Sítio da Ema, situado no sudoeste do Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia das representações zoomórficas, postas da direita para esquerda: RZ-28 e RZ-29. Foto com tratamento digital pelo DStretch



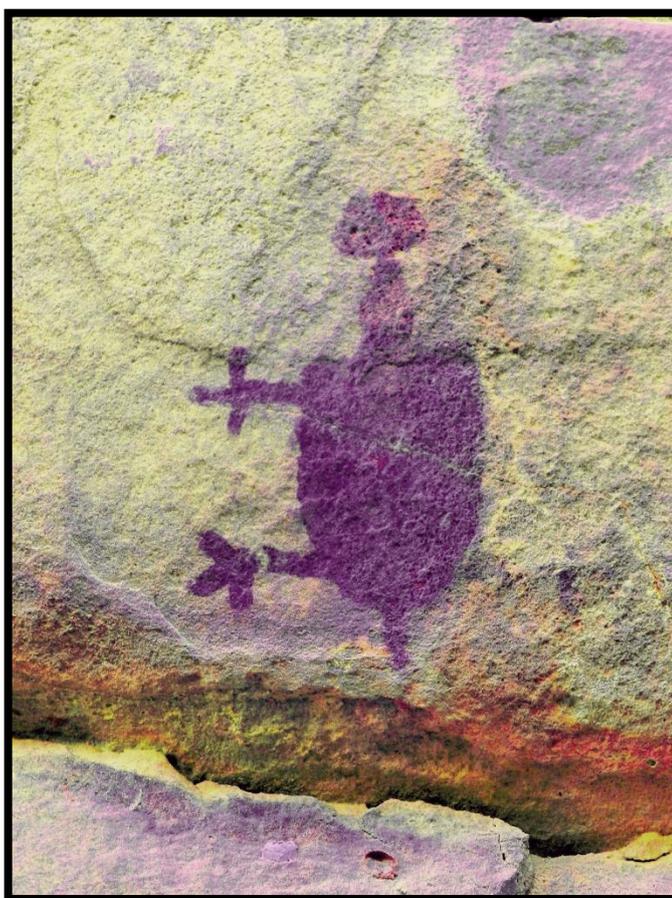
A figura RZ-30 (**Figura 38**), em relação à cenografia, possui cabeça na forma circular; o tronco arredondado, na posição vertical; com o pescoço em forma de linha (grossa); a figura contém quatro membros: os dois do lado esquerdo estão bastante visíveis, na posição horizontal, com patas tridáctilas; os dois do lado direito encontram-se num avançado grau de intemperismo, portanto sem possibilidades de identificação; a figura apresenta cauda em forma de linha curta (apontada no final), na posição vertical.

<sup>49</sup>As figuras RZ-28 e RZ-29 não foram mensuradas durante as campanhas e não possuem escala.

Na dimensão cenográfica, a figura está em composição isolada; com medidas na ordem de 22,29 cm de altura e 13,73 cm de comprimento; encontra-se num quadro estático; contém preenchimento total; na cor vermelha, no tom ocre.

Em relação à técnica, afirma-se que os traços foram realizados com os dedos das mãos, e que não há sinais de tratamento do suporte.

Figura 38 - Sítio da Ema, posicionado no sudoeste do Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia da representação zoomorfa RZ-30. Foto com tratamento digital pelo DStretch



A figura RZ-31 (**Figura 39**), em relação à dimensão temática, contém cabeça, contudo não foi possível identificar sua forma, dado o elevado grau de intemperismo; o tronco na forma retangular, na posição vertical; o pescoço em forma de linha; possui quatro membros (duas patas e duas asas), as patas na posição vertical, na forma tridáctila, e as asas na posição horizontal; e não possui cauda.

Em relação à dimensão cenográfica, a figura encontra-se isolada; com 75,76 cm de altura e 27 cm de comprimento; encontra-se num quadro estático; com preenchimento total; na cor vermelha, de tom ocre.

Na dimensão técnica, pode-se assegurar que os traços foram produzidos com os dedos das mãos; e que não há sinais de tratamento do suporte.

Figura 39 - Sítio da Ema, posicionado no sudoeste do Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia da representação zoomórficaRZ-31. Foto com tratamento digital pelo DStretch



*Contexto Regional:* O Sítio da Ema tem sua orientação voltada para o Sudoeste–Nordeste; e está associado à Bacia Hidrográfica do Moxotó, com distância da fonte atual de água (Riacho da Ema) a 500 m, e está situado nas proximidades do Sítio Furna da Serra do Barreiro.

#### 4.7 - SÍTIO DO VEADO

*Localização:* O Sítio do Veado está localizado no Município de Buíque, nas coordenadas UTM 0693356 E e 9056270 N, Zona 24L, está posicionado no extremo leste do

Parque Nacional Catimbau, e encontra-se no ponto altimétrico de 805 m. Situado na unidade de relevo Serra de Jerusalém (**Mapa 3**).

*Contexto Morfológico do Sítio:* O sítio configura-se como um abrigo sob rocha arenítica, em situação topográfica de média vertente, com abertura voltada para o Leste. O sítio exhibe as seguintes dimensões: comprimento de 29,80 m, com largura de 8,10 m, e altura de 7 m; com uma área abrigada na ordem de 29,80 m<sup>2</sup> (**Figura 40**).

Figura 40 - Sítio do Veado, Parque Nacional Catimbau, Município de Buíque. Contexto geomorfológico, fotografia do lado esquerdo do abrigo



*Estado de Conservação:* O sítio contém importantes pontos de efluorescência de sais, e áreas de deslocamento e de escamação; jazem sobre o suporte diversos ninhos de marimbondo e de maria-pobre, como também pichação.

*Ordenamento Temporal:* O sítio contém sobreposições de pinturas, nas quais são observados três níveis cromáticos, descritos do mais antigo para o recente: vermelho claro, representando grafismos puros; vermelho ocre, com representações zoomórficas; e, por fim, aparece o vermelho ocre sobre os zoomorfos, com representações de grafismos puros.

*Mancha Gráfica:* No sítio foram identificadas 18 manchas gráficas (**Figura 41**), destas apenas duas contêm representações zoomórficas.

- 1 – Um zoomorfo, que se apresenta de perfil, com a cabeça voltada para o lado.
- 2 – Um zoomorfo, com sobreposição de linhas paralelas, na vertical; pontos, disposto sem forma de linha; e um círculo concêntrico.
- 3 – Grafismos puros representando pontos, dispostos em duas linhas paralelas.
- 4 – Grafismos puros, que representam círculos concêntricos; linhas na vertical; e um antropomorfo, bastante intemperizado.
- 5 – Grafismos puros, que representam linhas na vertical e uma mancha de tinta, bastante disforme.
- 6 – Contém apenas uma mancha de tinta, bastante disforme.
- 7 – Contém apenas uma mancha de tinta, disforme.
- 8 – Dois antropomorfos, um de frente para o outro, unidos pelas mãos.
- 9 – Grafismos puros, que representam linhas paralelas, na vertical.
- 10 – Grafismos puros, que representam pontos, formando uma linha, na horizontal.
- 11 – Grafismos puros, que representam linhas paralelas, na vertical.
- 12 – Dois antropomorfos, disposto sem fila, com os braços estendidos para frente.
- 13 – Grafismo puro, representa um círculo, com linhas na vertical, ao centro.
- 14 – Grafismos puros, que representam círculos concêntricos.
- 15 – Grafismos puros, representam pontos, dispostos em linhas paralelas, na vertical, contendo entre si uma forma circular.
- 16 – Grafismos puros, linhas paralelas, na vertical.
- 17 – Contém uma mancha de tinta, bastante disforme.
- 18 – Contém manchas de tinta, disforme.

Sobre o estado de conservação das manchas gráficas, pode-se dizer que há múltiplas áreas de deslocamento, de escamação e de efluorescência de sais; e ninhos de insetos (maria-pobre e marimbondo).

Figura 41 - Sítio do Veado, Parque Nacional Catimbau, Município de Buíque. Fotografia da Mancha Gráfica 1, 2 e 3, com representações de zoomorfos e de grafismos puros



*Pinturas Zoomórficas:* Dentre as manchas gráficas foram identificadas duas representações zoomórficas (**Tabela 10**).

Tabela 10 - Enumerações das Representações Zoomórficas

Número Figura
RZ-32
RZ-33

A figura RZ-32 (**Figura 42**) apresenta cabeça retangular, com chifres e boca côncava; o tronco arredondado, na posição horizontal; o pescoço em forma de linha (grossa). Apresenta os quatro membros: as patas anteriores na diagonal e as patas posteriores na vertical; todas as patas são artiodáctilas. Apresenta a cauda na forma de linha, curta e grossa.

Em relação à dimensão cenográfica, pode-se dizer que a figura está isolada; e apresenta altura de 43,51 cm e comprimento de 75,71 cm; encontra-se em movimento (ação); apresenta preenchimento total, na cor vermelha, de tom ocre.

Quanto à técnica de realização, pode-se assegurar que foram utilizados instrumentos na concepção da pintura; e que não há sinais de tratamento prévio do suporte.

Figura 42 - Sítio do Veado, Parque Nacional Catimbau, Município de Buíque. Fotografia da representação zoomórfica RZ-32



A figura RZ-33 (**Figura 43**) mostra-se bastante parecida com os traços da figura RZ-32, contudo o suporte em que a figura foi fixada encontra-se intemperizado, acometido pelo deslocamento, comprometendo assim a integridade da figura (cabeça e a parte posterior da figura); também são observados múltiplos grafismos puros sobre a mesma. A figura em apreço possui tronco arredondado, na horizontal; o pescoço em forma de linha (grossa); foram identificados apenas dois membros anteriores, na horizontal; com patas em forma artiodáctila; a cauda não foi identificada.

Em relação à cenográfica, assegura-se que a figura se apresenta de forma agrupada; e contém 49,17 cm de altura e de 94,63 cm comprimento; encontra-se num possível quadro de ação; e preenchimento total na cor vermelha, de tom ocre.

Quanto à realização técnica, pode-se afirmar que o traço foi produzido por instrumentos; e que não há sinais de tratamento prévio do suporte.

Figura 43 - Sítio do Veado, Parque Nacional Catimbau, Município de Buíque. Fotografia da representação zoomórfica RZ-33



*Contexto Regional:* O sítio tem orientação voltada para o Norte– Sul; e está associado à Bacia Hidrográfica do Moxotó; dista 500 m da fonte atual de água (uma grota); está situado nas proximidades do Sítio Loca da Cinza.

#### 4.8 - SÍTIO TAUÁ II

*Localização:* O Sítio Tauá II que está localizado no Município de Ibimirim, nas coordenadas UTM 673599 E e 9061319 N, na Zona 24L, região noroeste do Parque Nacional Catimbau. O sítio encontra-se na unidade de relevo Chapada de São José, com altitude de 654 m (**Mapa 3**).

*Contexto Morfológico do Sítio:* O sítio configura-se como um abrigo sob rocha arenítica, em situação topográfica de média vertente, com abertura para voltada para o Norte. Contém uma área abrigada de 35 m<sup>2</sup>; o sítio teve suas dimensões mensuradas em: 12,15 m de comprimento; 2,95 m de largura; e 4,30 m de altura (**Figura 44**).

Figura 44 - Sítio Tauá II, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Contexto geomorfológico, fotografia do lado esquerdo do abrigo



*Estado de Conservação:* O sítio apresenta diversos graus de cimentação, exhibe áreas bastante friáveis. No setor leste da área abrigada há uma zona de desagregação de blocos e uma queda d'água.

*Ordenamento Temporal:* No sítio aparecem duas cores de tinta, partindo da mais antiga para a mais recente: a cor vermelha, em tons claro e ocre, e a cor amarela.

*Mancha Gráfica:* No sítio foram identificadas 5 manchas gráficas, nas quais os antropomorfos aparecem como temática principal (**Figura 45**). A presença de zoomorfos isolados ou associados a antropomorfos é uma característica recorrente no conjunto gráfico do sítio.

Aparecem antropomorfos enfileirados, de perfil, e em cenas de sexo; de forma recorrente, os antropomorfos apresentam atributos culturais, como “bolsas” e cocares. Também estão presentes os grafismos puros, tais como: linhas paralelas / cruzadas e círculos concêntricos.

Nas faces leste e oeste do suporte observam-se áreas de sobreposições de pinturas. Vale frisar que, neste sítio específico, as manchas gráficas não foram mensuradas, pois existia

sobre os grafismos uma concentração de insetos agressivos, abelhas africanizadas e marimbondos.

Quanto à conservação dos grafismos, pode-se dizer que estes estão expostos aos agentes intempéricos: o vento e o sol, ambos incidem diretamente sobre as pinturas; as águas pluviométricas que escorrem sobre o paredão, deixam expressivas marcas d'água e provocam efluorescência de sais. Há fraturas estruturais e deslocamento do suporte.

Figura 45 - Sítio Tauá II, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia das Manchas Gráficas 1, 2, 3, 4, 5, com representações de zoomorfos, antropomorfos e grafismos puros



*Pinturas Zoomórficas:* No sítio foram identificadas 5 manchas gráficas, com presença de seis representações zoomórficas (**Tabela 11**).

Tabela 11 - Enumerações das Representações Zoomórficas

Número Figura
RZ-34
RZ-35
RZ-36
RZ-37
RZ-38
RZ-39

A figura RZ-34 (**Figura 46**) apresenta cabeça em forma de caju; tronco arredondado, na posição horizontal; o pescoço em forma de linha (grossa); exhibe os quatro membros (duas patas e duas asas) na posição horizontal; suas patas mostram-se tridactílicas; e cauda representada por quatro linhas diagonais.

Quanto à dimensão cenográfica, afirma-se que a figura em apreço se encontra agrupada com um antropomorfo; num quadro estático, sem movimento; com preenchimento total, na cor vermelha, em tom ocre.

Em relação à técnica de execução, pode-se assegurar que o traço foi realizado com os dedos das mãos do autor; e que não há sinais de tratamento prévio do suporte.

Figura 46 - Sítio Tauá II, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia da representação zoomorfa RZ-34



A figura RZ-35 (**Figura 47**) apresenta a cabeça em forma de caju; o tronco arredondado, na posição horizontal; o pescoço em forma de linha (grossa); apresenta os quatro membros (duas patas e duas asas), na posição horizontal; as patas mostram-se tridactílicas; e a cauda representada por quatro linhas, nas posições horizontal.

Quanto à dimensão cenográfica, a figura apresenta-se de forma agrupada com outros zoomorfos; sem movimento, num quadro estático; apresenta preenchimento total; na cor vermelha, de tonalidade ocre.

Em relação à técnica de execução, pode-se dizer que foram utilizados os dedos das mãos para efetuar a pintura; e que não há sinais de tratamento prévio do suporte.

Figura 47 - Sítio Tauá II, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia da representação da pintura RZ-35



A figura RZ-36 (**Figura 48**) possui cabeça circular; o tronco arredondado, na posição vertical; o pescoço na forma de linha (grossa); apresenta os quatro membros na posição horizontal; as patas em forma tridáctila; e a cauda em forma de linha (grossa), na posição vertical.

Em que pese à questão cenográfica, pode-se afirmar que a figura se encontra agrupada com dois outros zoomorfos; num quadro estático; com preenchimento total; na cor vermelha, de tom ocre.

Quanto à dimensão técnica, assegura-se que os traços foram produzidos com dedos das mãos do autor; e que não há evidências de que o suporte recebera qualquer tipo de tratamento prévio.

Figura 48 - Sítio Tauá II, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia da representação zoomórfica RZ-36



A figura RZ-37 (**Figura 49**), em relação à dimensão temática, apresenta cabeça circular; o tronco na forma arredondada, na posição vertical; o pescoço em forma de linha (grossa); com os quatro membros na posição horizontal; as patas não foram identificadas, frente ao intemperismo da pintura; e cauda na forma de linha, na posição vertical.

Quanto à dimensão cenográfica, diz-se que a figura se encontra agrupada com dois outros zoomorfos; apresenta-se num quadro estático; e exibe preenchimento total do seu interior, na cor vermelha, de tom ocre.

Em relação à técnica de execução, pode-se afirmar que foram usados os dedos das mãos para realizar os traços que definem a figura; e que não há evidências de qualquer tipo de tratamento do suporte.

A figura RZ-38 (**Figura 49**) exibe a cabeça na forma circular; o tronco arredondado, na posição vertical; e o pescoço em forma de linha (grossa), longa e com curva, de modo que a diferenciadas outras representações (RZ-36 e RZ-37); as patas não foram identificadas

devido ao desgaste da tinta e o deslocamento da rocha, que atinge o lado esquerdo da figura; apresenta a cauda em forma de linha, na posição vertical.

Em relação à dimensão cenográfica, pode-se assegurar que a figura se encontra agrupada com dois outros zoomorfos; e apresenta-se num quadro estático, sem movimento; com preenchimento total do seu interior; na cor vermelha, de tonalidade ocre.

Quanto à dimensão técnica, pode-se afirmar que os traços foram concebidos com os dedos das mãos; e que não há sinais de que o suporte recebera tratamento prévio.

Figura 49 - Sítio Tauá II, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia das representações zoomórficas, apontadas da esquerda para direita: RZ-38, RZ-37, RZ-36



A figura RZ-39 (**Figura 50**) contém a área da representação da cabeça bastante desgastada; exhibe o tronco de forma arredondada, na posição horizontal; não foi possível identificar a forma do pescoço; a figura apresenta dois membros parcialmente visíveis, na posição vertical; de modo que impossibilita a identificação das formas das patas; a cauda é formada por quatro (4) linhas, na posição horizontal.

Em relação à dimensão cenográfica, a figura apresenta-se de modo isolado, contudo possui um grafismo puro, no lado esquerdo, próximo a cauda; mostra-se num quadro estático; com possível preenchimento total; na cor vermelha, de tom claro.

Quanto à técnica de execução, ver-se que o traço que dá forma a figura foi produzido pelos dedos das mãos; e que não há sinais de tratamento prévio do suporte.

Figura 50 - Sítio Tauá II, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia da representação zoomorfa RZ-39. Foto com tratamento digital pelo DStretch



*Contexto Regional:* O Sítio Tauá II tem sua orientação voltada para o Leste – Oeste; está associado à Bacia Hidrográfica do Moxotó, dista aproximadamente 600 m da fonte atual de água (Riacho do Mel); encontra-se nas proximidades do Sítio Furna dos Veados.

#### 4.9 - SÍTIO TOCA DO GATO

*Localização:* O Sítio Toca do Gato está localizado no Município de Ibimirim, nas coordenadas UTM 675737 E e 9054479 N, Zona 24L, na parte sudoeste no Parque Nacional Catimbau. Encontra-se inserido na unidade de relevo Serra do Barreiro, com altitude de 574 m (**Mapa 3**).

*Contexto Morfológico do Sítio:* O sítio caracteriza-se como um abrigo sob rocha arenítica, em situação topográfica de baixa vertente. Contém abertura voltada para o Sudeste; e apresenta uma área abrigada de 90 m<sup>2</sup>. As dimensões do sítio foram mensuradas em: 21 m de comprimento, 4,30 m de largura e 2,70 m de altura (**Figura 51**).

Figura 51 - Sítio Toca do Gato, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Contexto geomorfológico, fotografia da parte externa, lado direito do abrigo



*Estado de Conservação:* O sítio apresenta suporte bastante irregular, com múltiplas fraturas estruturais e áreas de esfoliação e de deslocamento.

*Ordenamento Temporal:* O sítio contém áreas com sobreposições de pinturas, onde são observadas a existência de três cores, relacionadas da mais antiga para a mais recente: vermelha, de tom ocre, amarela e branca.

*Mancha Gráfica:* No sítio foram identificadas 5 manchas gráficas; as manchas gráficas 1, 2, 3 e 4 têm as faces voltadas para o sudeste e a mancha gráfica 5 tem a face voltada para o leste. Na mancha gráfica 1 observa-se a existência de antropomorfos e de grafismos puros. Nessa mancha há uma complexa cena envolvendo dois antropomorfos, cuja interação e disposição dos corpos remetem à cópula humana.

Na mancha gráfica 2 são observados: zoomorfos, grafismos puros e manchas disformes de tinta. Na mancha gráfica 3 observa-se um zoomorfo isolado. Na mancha gráfica 4 (**Figura 52**) são observados: zoomorfos, manchas disformes de tinta; um zoomorfo na cor vermelha e grafismos puros, na cor branca, sobrepostos a um felino.

A mancha gráfica 5 está localizada no setor nordeste do sítio, na área externa do abrigo; é composta por antropomorfos, parcialmente encobertos por manchas de água

pluviométricas. Nas faces norte e nordeste do suporte observam-se áreas de sobreposições de pinturas.

Os grafismos rupestres estão expostos aos agentes naturais do intemperismo (vento, sole águas pluviométricas). Incidem sobre as pinturas: manchas de água, líquens, fungos, efluorescência de sais, fraturas estruturais e deslocamento do suporte.

Figura 52 - Sítio Toca do Gato, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia da Mancha Gráfica 4, com representações de zoomorfos e antropomorfos



*Pinturas Zoomórficas:* No sítio foram identificadas 5 manchas gráficas: na mancha gráfica 2 observam-se representações de zoomorfos (espécie não identificadas); na mancha gráfica 3 observa-se um zoomorfo isolado (espécie não identificadas); na mancha gráfica 4 observam-se dois zoomorfos (**Tabela 12**).

Tabela 12 – Enumeração das Representações Zoomórficas

Número Figura
RZ-40
RZ-41

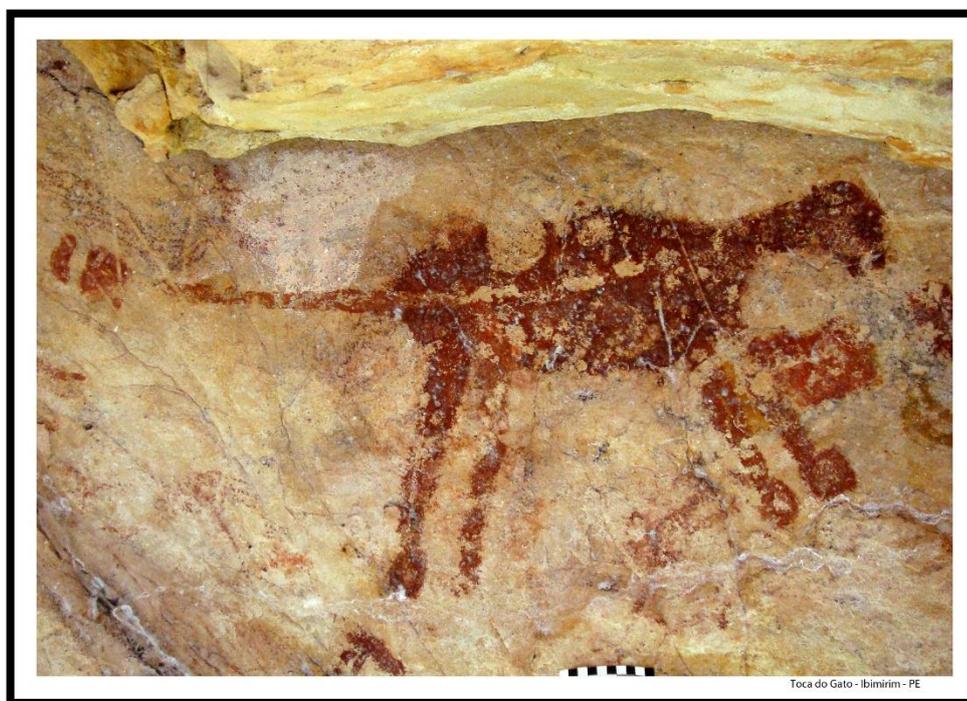
A figura RZ-40 (**Figura 53**) apresenta cabeça em forma de caju; tronco arredondado, na posição horizontal; pescoço em forma de linha (grossa); contém os quatro membros na posição diagonal; patas em forma circular; e cauda em forma de linha com ponta circular, na

posição horizontal. Vale salientar que a cauda possui características distintas do resto das pinturas, apresenta variação de cor: um misto das cores vermelha e amarela.

Quanto à dimensão cenográfica, pode-se dizer que o zoomorfo se apresenta de modo agrupado, formando cena com dois antropomorfos, a figura em exame apresenta um importante tamanho (45,05 cm de altura e 90,37 cm de comprimento); em um quadro de ação; com preenchimento total, na cor vermelha.

Em relação à técnica de execução, pode-se assegurar que o traço formador da figura foi efetuado com os dedos das mãos; e que não há sinais de tratamento prévio do suporte.

Figura 53 - Sítio Toca do Gato, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia da representação zoomorfa RZ-40

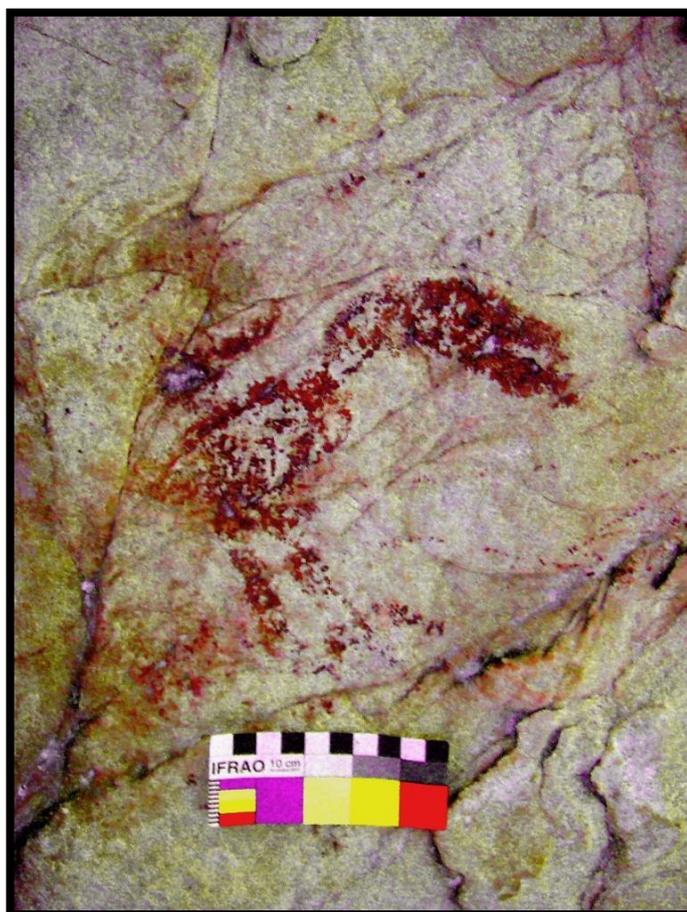


A figura RZ-41 (**Figura 54**) contém a representação da cabeça, contudo não foi identificada sua forma; o tronco mostra-se de forma arredondada, na posição diagonal; pescoço em forma de linha; contém dois membros visíveis (patas), na posição horizontal; as formas das patas e da cauda não foram identificadas, devido ao intemperismo da tinta.

Em relação à dimensão cenográfica, diz-se que a figura se encontra isolada; apresenta altura de 17,13 cm e 18,53 cm de comprimento; em um quadro estático; com preenchimento total; na cor vermelha, de tom ocre.

Quanto à técnica de execução, pode-se dizer que os traços foram produzidos com os dedos das mãos; e que não há vestígios de tratamento prévio do suporte.

Figura 54 - Sítio Toca do Gato, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia da representação zoomórfica RZ-41. Foto com tratamento digital pelo DStretch



*Contexto Regional:* O sítio tem orientação para o Nordeste – Sudoeste; está associado à Bacia Hidrográfica do Moxotó; dista 3 Km do Riachinho (fonte atual de água) e aproximadamente 12 Km do Riacho do Mel; está situado nas proximidades do Sítio Furna da Serra do Barreiro.

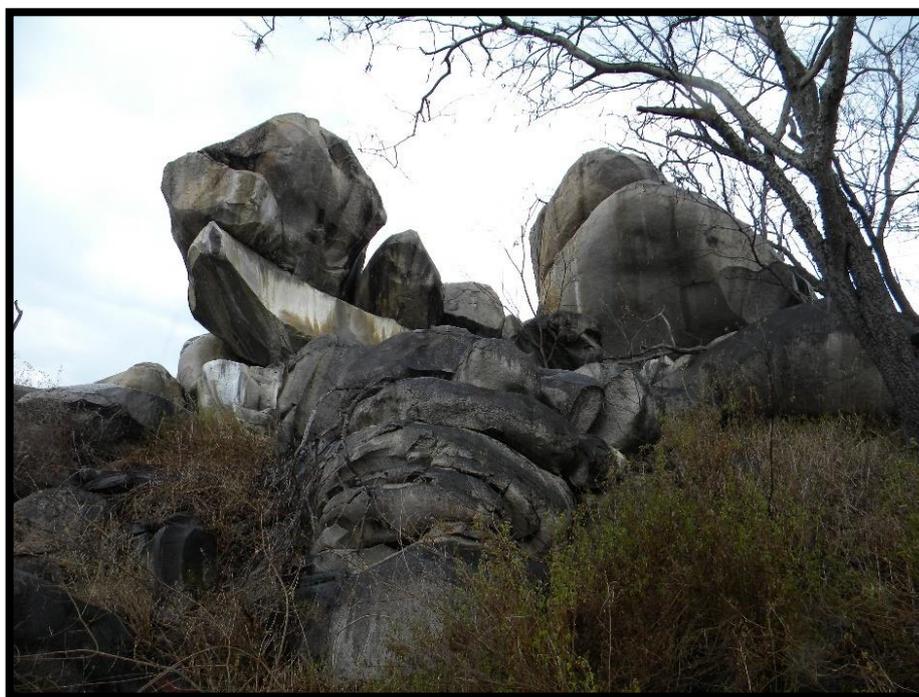
#### 4.10 - SÍTIO LAGOA DOS PATOS

*Localização:* O Sítio Lagoa dos Patos está localizado no Município de Sertânia, nas coordenadas UTM 0708161 E e 9089843 N, Zona 24L. O sítio encontra-se na direção

Nordeste, na divisa dos Estados de Pernambuco e Paraíba, distante do Parque Nacional Catimbau; está inserido na unidade de relevo da Serra da Mãe D'água, com altitude aproximada 747 m (**Mapa 3**).

*Contexto Morfológico do Sítio:* O sítio é formado por um conjunto de blocos graníticos superpostos, cujas fácies foram utilizadas como suporte para pinturas e gravuras; este conjunto de blocos encontra-se, do ponto de vista topográfico, situado na alta vertente. O sítio teve suas dimensões mensuradas em: 25,10 m de comprimento, 19 m de largura e 10 m de altura (**Figura 55**).

Figura 55 - Sítio Lagoa dos Patos, situado fora dos limites do Parque Nacional Catimbau, Município de Sertânia. Contexto geomorfológico, fotografia panorâmica do sítio



*Estado de Conservação:* O sítio apresenta alguns problemas em relação à conservação, como existência de áreas de escamação, desagregação, efluorescência de sais, manchas de água e múltiplos deslocamentos.

*Ordenamento Temporal:* No sítio não há nenhum elemento que possa servir de ancoragem temporal.

*Mancha Gráfica:* No sítio foram identificadas 5 manchas gráficas. A mancha gráfica 1 está voltada para o noroeste; a mancha gráfica 2 volta-se para o sudeste; a mancha gráfica 3 para o norte; a mancha gráfica 4 para o nordeste; e a mancha gráfica 5 volta-se para o sudeste.

Estas manchas gráficas são compostas por um zoomorfo e por múltiplos grafismos puros, assim distribuídos:

Mancha Gráfica 1: contém um zoomorfo.

Mancha Gráfica 2: contém gravuras (cupuliformes, linhas paralelas e entrecruzadas)

Mancha Gráfica 3: contém linhas paralelas horizontais e verticais.

Mancha Gráfica 4: apresenta linhas sinuosas, linhas paralelas verticais e um grafismo disforme.

Mancha Gráfica 5: contém cupuliformes, linhas verticais, antropomorfo e grafismos puros disformes.

As manchas gráficas estão expostas às intempéries (chuva e vento), de modo a comprometer a longevidade dos grafismos. Incidem sobre estas manchas gráficas: MG-1, manchas de água, efluorescência de sais, pátina branca; MG-2, mancha de água, efluorescência de sais, escamação, intervenções antrópicas recentes; MG-3, excrementos de animais, pátina, líquen, escamação, mancha de água, efluorescência de sais; MG-4, líquen, pátina, escamação, deslocamento, mancha de água, efluorescência de sais; MG-5, mancha de água, efluorescência de sais, escamação, deslocamento.

*Pinturas Zoomórficas:* No sítio há uma única representação zoomórfica na mancha gráfica 1 (**Tabela 13**).

Tabela 13 - Enumeração da Representação Zoomórfica do Sítio Lagoa dos Patos

<b>Número Figura</b>
RZ-42

A figura RZ-42 (**Figura 56**) apresenta cabeça circular; tronco arredondado, na horizontal; não possui pescoço; apresenta quatro membros, na horizontal; patas circulares; e cauda, na horizontal, em forma de linha, com curvatura acentuada na extremidade.

Quanto à dimensão cenográfica, diz-se que a figura se encontra isolada; com altura de 36,61 cm e 91,17 cm de comprimento; num quadro estático, sem movimento; com preenchimento total; na cor vermelha, de tom claro.

Em relação à técnica de realização, pode-se dizer que foram utilizados os dedos das mãos para efetuar os traços componenciais da figura; e que não há sinais de tratamento prévio do suporte.

Figura 56 - Sítio Lagoa dos Patos, situado fora dos limites do Parque Nacional Catimbau, Município de Sertânia. Fotografia da representação zoomorfa RZ-42



*Contexto Regional:* O sítio está relacionado à Bacia Hidrográfica do Moxotó; dista 50 m da fonte atual de água (Lagoa dos Patos); tem orientação Leste-Oeste; está situado a, aproximadamente, 2 km do Riacho do Tatu.

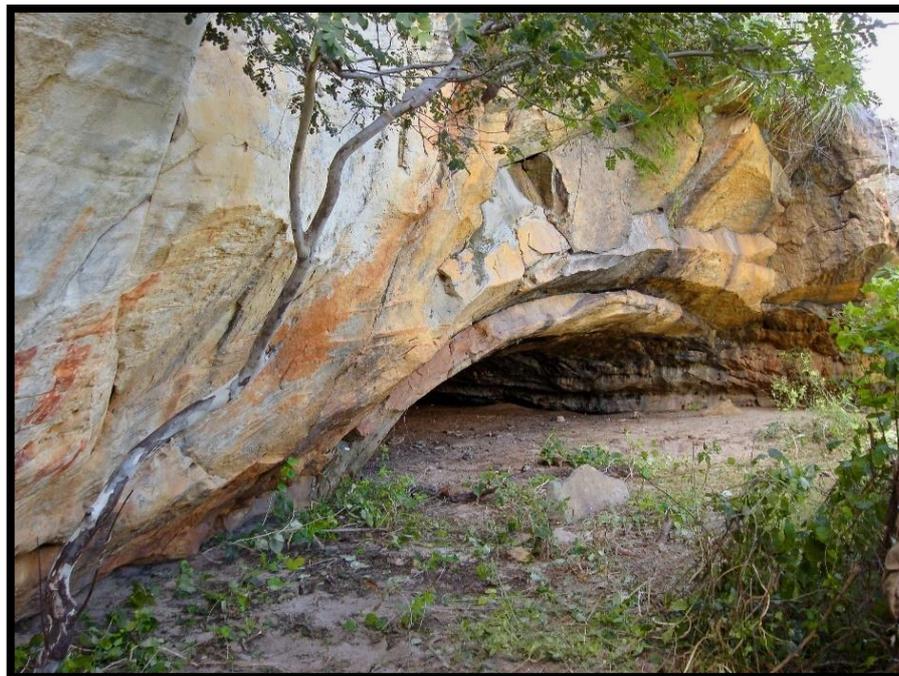
#### 4.11 - SÍTIO LOCA DOS CABOCLOS

*Localização:* O Sítio Loca dos Caboclos está situado no Município de Ibimirim, nas coordenadas UTM 679543 E e 9052330 N, Zona 24L, localizado ao sul do Parque Nacional Catimbau. Encontra-se inserido na unidade de relevo Serra do Quiri D'Alho, com 582 m de altitude (**Mapa 3**).

*Contexto Morfológico do Sítio:* O sítio está configurado como uma caverna de reduzida profundidade, escavada, por possíveis forças hídricas, numa formação arenítica; o

mesmo encontra-se em situação topográfica de baixa vertente. O sítio tem a abertura voltada para o Noroeste, contém uma área abrigada em torno de 330 m<sup>2</sup>; suas dimensões foram mensuradas em: comprimento 11,7 m, largura 30 m, e altura 3,30 m (**Figura 57**).

Figura 57 - Sítio Loca dos Caboclos, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Contexto geomorfológico



*Estado de Conservação:* O sítio exibe um elevado grau de desagregação da rocha, mostrando-se bastante fragmentário, comprometendo, em alguns casos, a integridade das pinturas; o suporte contém fraturas estruturais.

*Ordenamento Temporal:* No sítio há sobreposições de pinturas, os grafismos em vermelho claro foram efetuados primeiro e, posteriormente, os realizados em vermelho ocre.

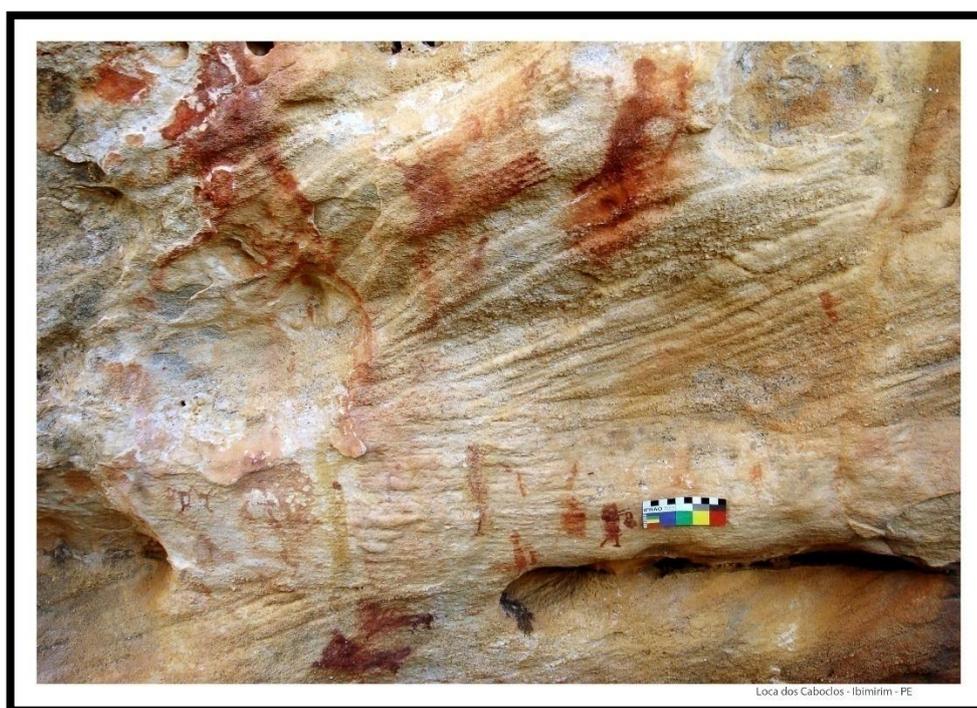
*Mancha Gráfica:* No sítio foram identificadas cinco (5) manchas gráficas: as MG-1 e MG-2 têm as faces voltadas para o noroeste do sítio; a MG-3 tem a face voltada para o sudoeste; a MG-4 volta-se para o sul; e a MG-5 está voltada para o oeste.

As manchas gráficas, na sua maioria, estão dispostas nas áreas onde o suporte encontra-se bastante degradado, com zonas de deslocamento. Há uma maior densidade pictural no lado esquerdo do sítio (Manchas Gráficas 1, 2, 3 e 4), onde são observadas figuras no nível do piso atual, por vezes, tocando-o; aventa-se a possibilidade de haver figuras encobertas pelo sedimento.

No interior da Mancha Gráfica 1 (**Figura 58**) observam-se antropomorfos de pequenas dimensões, uma parte destas figuras humanas porta atributos culturais que lembram bolsas ou sacolas; são abundantes os grafismos puros, tais como: pontos, linhas paralelas e cruzadas.

As Manchas Gráficas 2, 3 e 4 são compostas por antropomorfos isolados, atribuíveis à Tradição Agreste, e por grafismos puros. A Mancha Gráfica 5 está localizada na entrada da caverna, em uma fratura horizontal da rocha. Observam-se antropomorfos ornados com atributos culturais e vestimentas, em alguns casos, formando cenas, cuja disposição dos elementos remete à cópula humana. O preenchimento das figuras, na sua maioria, é total, mas há grafismos de contornos fechados sem preenchimento. Os zoomorfos são recorrentes nesta área do sítio.

Figura 58 - Sítio Loca dos Caboclos, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia da Mancha Gráfica 1, com representações de zoomorfos e antropomorfos



Os grafismos rupestres estão expostos aos agentes do intemperismo, como o vento, a chuva e o sol, que incidem sobre as pinturas, resultando no aparecimento de manchas de água pluviométrica; também há manifestação de insetos e de líquen, além dos deslocamentos e das fraturas estruturais.

*Pinturas Zoomórficas:* No sítio são observadas duas representações de zoomorfos, circunscritas na Mancha Gráfica 1 (**Tabela 14**).

Tabela 14 - Enumerações das Figuras Zoomórficas no Sítio Loca dos Caboclos

Número Figura
RZ-43
RZ-44

A Figura RZ-43 (**Figura 59**) apresenta cabeça, tronco e pescoço, cujas formas não foram identificadas, devido ao desgaste da tinta; os dois membros (patas) estão representados na vertical, contudo suas formas não puderam ser identificadas; a cauda foi representada por cinco (5) linhas, todas na horizontal.

Em relação à dimensão cenográfica, pode-se afirmar que a figura forma cena com um antropomorfo; apresenta 14,75 cm de altura e 15,95 cm de comprimento (falta parte da figura); contém preenchimento total; na cor vermelha, de tom na ocre.

Quanto à técnica de realização, diz-se que os traços delineadores da figura foram efetuados com os dedos das mãos; e que não há evidências de tratamento prévio do suporte.

Figura 59 - Sítio Loca dos Caboclos, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia da representação zoomorfa RZ-43



A Figura RZ-44 (**Figura 60**) contém cabeça em forma de caju; tronco arredondado, posicionado na horizontal; o pescoço em forma de linha; contém quatro membros

representados (duas patas e duas asas), as patas na vertical e as asas na horizontal; as patas são tridactílicas; a cauda, bastante desgastada, está representada por quatro (4) linhas horizontais.

Quanto à dimensão cenográfica, assegura-se que a figura se encontra agrupada com grafismo puro; contém 6,20 cm de altura e 12,58 cm de comprimento; foi representada de modo estático; apresenta preenchimento total, na cor vermelha, em tom ocre.

Em relação à técnica de execução, pode-se afirmar que os traços da figura foram efetuados com os dedos das mãos; e que não há evidência de que o suporte recebera tratamento prévio.

Figura 60 - Sítio Loca dos Caboclos, Parque Nacional Catimbau, Município de Ibimirim. Fotografia da representação zoomórfica RZ-44



*Contexto Regional:* O Sítio Loca dos Caboclos tem sua orientação voltada para o Sudoeste – Nordeste; e está associado à Bacia Hidrográfica do Moxotó; o Riachinho, fonte atual de água, dista aproximadamente 1 Km. A Loca dos Caboclos encontra-se nas proximidades do Sítio Furna do Morcego.

## **CAPÍTULO V – ANÁLISE DAS PINTURAS RUPESTRES ZOOMÓRFICAS E DA PAISAGEM**

O presente capítulo demonstra os resultados das análises realizadas para esse trabalho, no intuito de gerar um panorama geral dos sítios arqueológicos com pinturas zoomórficas e as relações de apropriação da paisagem no Parque Nacional Catimbau e área contigua.

De princípio foram analisadas as dimensões do fenômeno gráfico: Temática, Cenográfica e Técnica. Posteriormente foi realizada análise da distribuição espacial dos sítios arqueológicos com representações zoomórficas, também foram efetuadas correlações das pinturas com seu contexto geomorfológico. E, por fim, analisados os aspectos regionais da paisagem e suas correlações com os sítios.

### **5.1 - ANÁLISE DOS FENÔMENOS GRÁFICOS**

#### **5.1.1 – Análise da dimensão temática**

A análise da dimensão temática possibilita a identificação dos tipos de representação zoomórfica realizadas por grupos pré-históricos, com base nas variáveis hierarquizadas de modo a permitir a categorização das pinturas; desta maneira, a análise empreendida nesse trabalho permitiu tipificar as pinturas do Parque Nacional Catimbau.

Sobre os tipos zoomórficos, a partir dos estudos realizados por Matos & Mutzenberg (2015), buscou-se no banco de dados, com o apoio do *software SPSS*, identificar grupos de representações zoomórficas (**padrões gráficos**). Para esse trabalho específico considerou-se a análise da dimensão temática, contendo oito (8) variáveis, sendo duas (2) numéricas e seis (6) categóricas (presença/ausência). A escolha das variáveis foi orientada para à busca dos elementos fundamentais do reconhecimento das pinturas: Cabeça, Tronco, Pescoço,

Membros, Patas e Cauda; e a forma com a qual foi plasmada. De acordo com os citados pesquisadores, a análise do agrupamento destas formas pode:

ser definida comum procedimento estatístico que parte de um conjunto de dados contendo informações sobre uma amostra de entidades e o reorganiza, por meio de semelhanças/diferença, em grupos relativamente homogêneos, os quais são denominados *clusters*. É amplamente utilizado em diferentes áreas de pesquisa, a fim de reconhecer uma estrutura padrão de variabilidade entre os indivíduos ou objetos estudados (MATOS & MÜTZENBERG, 2015 apud VIDIGAL, 2013: p. 78).

Desta forma, a partir das análises (**Gráfico 1** e **Gráfico 2**) foram identificados 5 grupos de representações zoomórficas na região estudada: **Grupo 1**, formado por representação de pássaros (representado no dendrograma pelo número 5); o **Grupo 2**, formado por répteis, como os quelônios (representado pelo número 3) e um lagarto (representado pelo número 2)<sup>50</sup>; o **Grupo 3**, formado por felinos (representado pelo número 7)<sup>51</sup>; o **Grupo 4**, é formado por cervídeos (representado pelo número 6)<sup>52</sup> e por macacos (representado pelo número 1)<sup>53</sup>; e o **Grupo 5**, formado pelas emas (representado pelo número 4).

---

<sup>50</sup>Há uma intromissão de um felino neste grupo, devido o tipo de pata (tridáctila) e medições diferenciadas.

<sup>51</sup>Presença de um zoomorfo distinto dos felinos, que está nesse grupo por apresentar fina relação com os outros cervídeos.

<sup>52</sup>Contém a representação de macaco neste grupo devido à proximidade das medições e aspectos característicos dos marcadores da definição de reconhecimento de cada representação zoomórfica.

<sup>53</sup>Há poucas referências das representações dos macacos, dada a degradação (atual) destas figuras na região.

Gráfico 1 - Dendrograma dos Grupos Zoomórficos

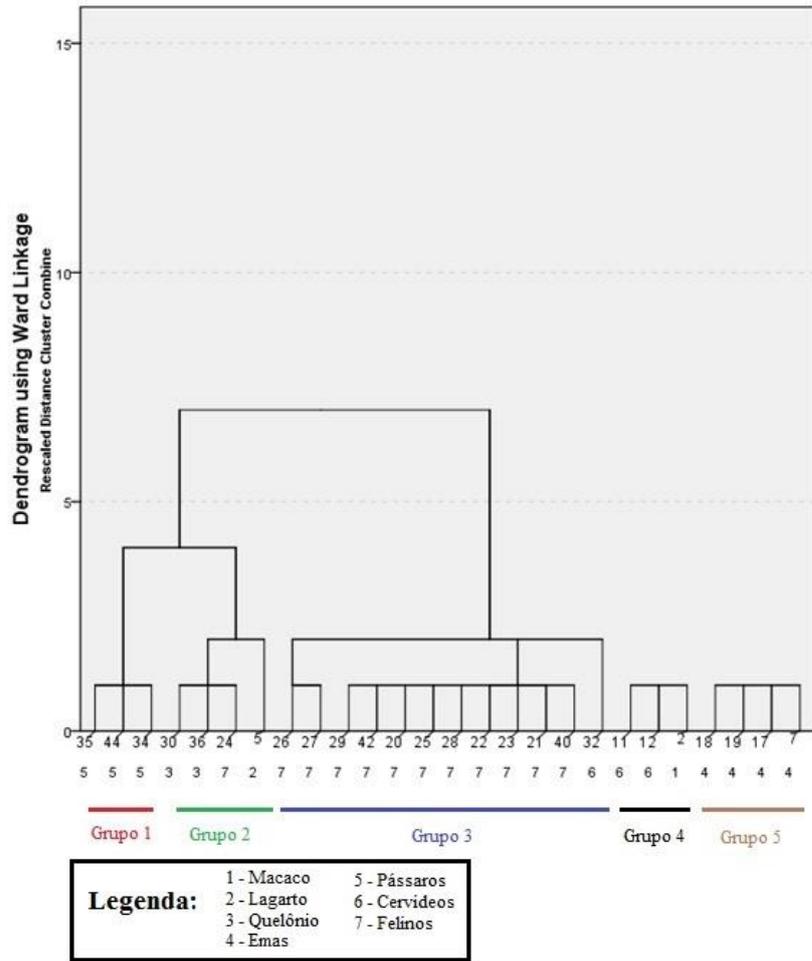
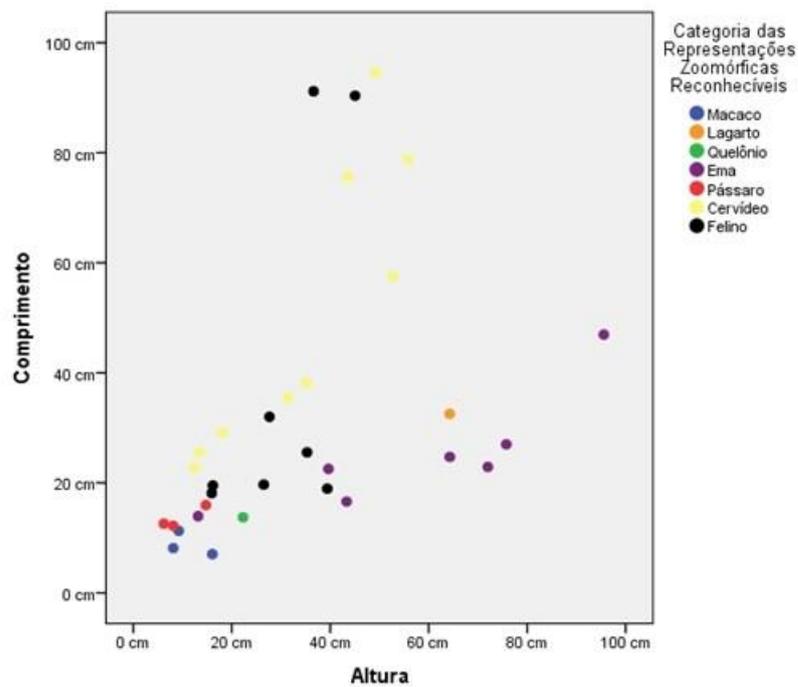


Gráfico 2 - Correlações entre medições dos tipos gráficos zoomórficos



- Símios

Dentre os sítios arqueológicos levantados foram identificadas quatro (4) representações de macaco (figuras RZ-01, RZ-02, RZ-03, RZ-04) no Sítio Furna da Serra do Barreiro: com cabeças arredondadas, uma delas apresenta cavidade bucal; troncos arredondados; pescoços em forma de linha; todas possuem a representação dos quatro membros; as patas côncavas; e caudas em forma de linha.

- Répteis

No grupo dos répteis foram identificadas 5 unidades, distribuídas em três (3) sítios arqueológicos: consta um lagarto (RZ-05) no Sítio Furna do Letreiro da Mina Grande, com cabeça retangular, tronco retangular, com os quatro membros representados e patas tetradactílicas, e cauda em forma de linha longa; há quatro (4) representações de quelônio, um (RZ-30) encontra-se no Sítio da Ema e três (RZ-36, RZ-37, RZ-38) no Sítio Tauá II, o grupo apresenta: cabeça circular, tronco arredondado, os quatro membros curtos, patas tridactílicas, pescoço curto e cauda que variam de tamanho, oscilando entre curta a longa.

- Felinos

O grupo dos felinos é representado por (12) unidades gráficas. Dez (10) unidades (RZ-20, RZ-21, RZ-22, RZ-23, RZ-24, RZ-25, RZ-26, RZ-27, RZ-28, RZ-29) estão contidas no Sítio da Ema; uma (1) representação felina (RZ-40) encontra-se no Sítio Toca do Gato; a outra (RZ-42) está no Sítio Lagoa dos Patos. Tais figuras apresentam as seguintes características: cabeça circular, tronco retangular, pescoço curto, os membros em forma de linha, patas circulares (apenas um felino apresenta pata tridactílica, figura RZ-24), e cauda longa, em forma de linha.

- Cervídeos

Quanto às representações de cervídeos, foram identificadas nove (9) unidades gráficas na área estudada. Estas unidades estão assim distribuídas: seis (RZ-10, RZ-11, RZ-12, RZ-13, RZ-14, RZ-15) encontram-se no Sítio Furna dos Veados; uma unidade (RZ-16) está no Sítio Loca da Cinza; e duas representações (RZ-32, RZ-33) estão no Sítio do Veado. Este grupo mostra-se bastante heterogêneo, dentre as unidades gráficas constam: figura sem cabeça; figura com cabeça, por vezes, contém chifres; tronco arredondado; membros em forma de linha; patas que variam entre artiodactílicas, tridactílicas e côncavas, e cauda curta.

- Aves

As aves são representadas por 14 unidades gráficas, segregadas em duas categorias: emas e pássaros.

As emas, representadas por sete unidades, estão assim distribuídas: três no Sítio Furna do Morcego (RZ-06, RZ-07, RZ-09) e quatro unidades (RZ-17, RZ-18, RZ-19, RZ-31) no Sítio da Ema. Estas representações possuem cabeça, em forma de caju; tronco arredondado, membros em forma de linha, patas tridáctilas, e sem cauda.

Os pássaros formam um universo de 6 unidades, uma das unidades (RZ-08) encontra-se no Sítio Furna do Morcego; três unidades (RZ-34, RZ-35, RZ-39) situam-se no Sítio Tauá II; e duas unidades (RZ-43, RZ-44) encontram-se no Sítio Loca dos Caboclos. Estas possuem cabeça de caju, tronco arredondado, membros em forma de linha, patas tridactílicas e cauda representada por traços ou linhas (quatro ou cinco).

Há uma representação de ave (RZ-41), no Sítio Toca do Gato, cujas ambiguidades das informações, nela contidas, não permitiram sua inclusão nas categorias acima definidas.

### 5.1.2 –Análise da dimensão cenográfica

A análise da dimensão cenográfica foi realizada a partir da identificação de elementos que evidenciem as escolhas cenográficas, expressões integrantes da comunicação social de um dado grupo, para efetuar as representações zoomórficas (PESSIS, 2003).

Tais elementos foram cognitivamente definidos no capítulo que trata dos procedimentos metodológicos, onde constam as seguintes variáveis<sup>54</sup>: Composição, Quadro, Cor, Medições e Cena.

- Símios

As representações de macacos, uma composição de quatro unidades, estão agrupadas numa mancha gráfica, que contém representações de grafismos puros; contudo, não estão arrançadas de modo que sugira a representação de uma cena. Entretanto, todos zoomorfos encontram-se num quadro de ação, em movimento: a figura RZ-01 é representada erguida sobre os membros traseiros (em pé); a figura RZ-02 tem os membros e a cauda em

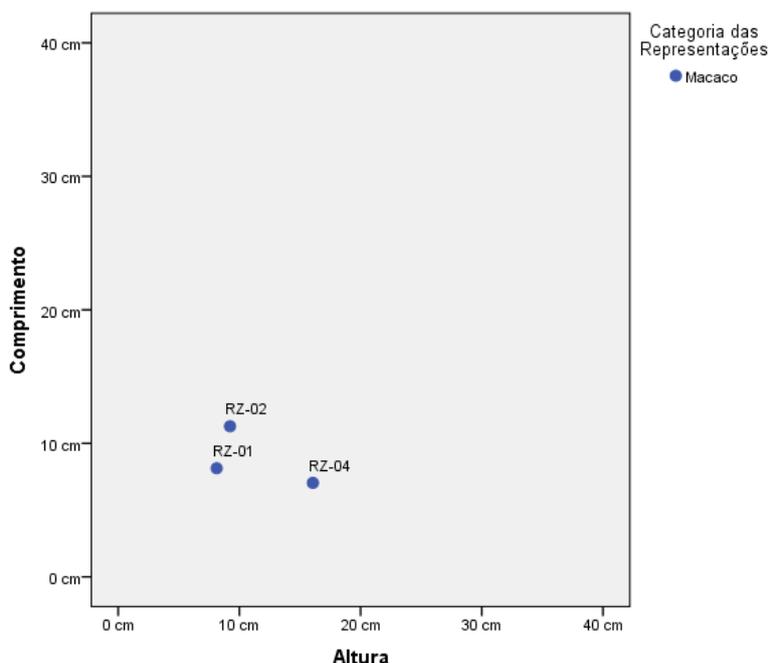
---

<sup>54</sup>Não se utilizou a variável preenchimento nesta análise, pois todos apresentam preenchimento total da figura.

movimento; a figura RZ-03 parece contida, presa pela cauda, por outro macaco; e a figura RZ-04 está equilibrada sobre os membros traseiros (em pé) e os membros dianteiros estendidos para o alto.

Quanto à cor, as representações foram pintadas em amarelo. Suas medições<sup>55</sup> apresentam pouca variação de tamanhos (**Gráfico 3**).

Gráfico 3 - Correlações entre as dimensões das representações de macacos



- Répteis

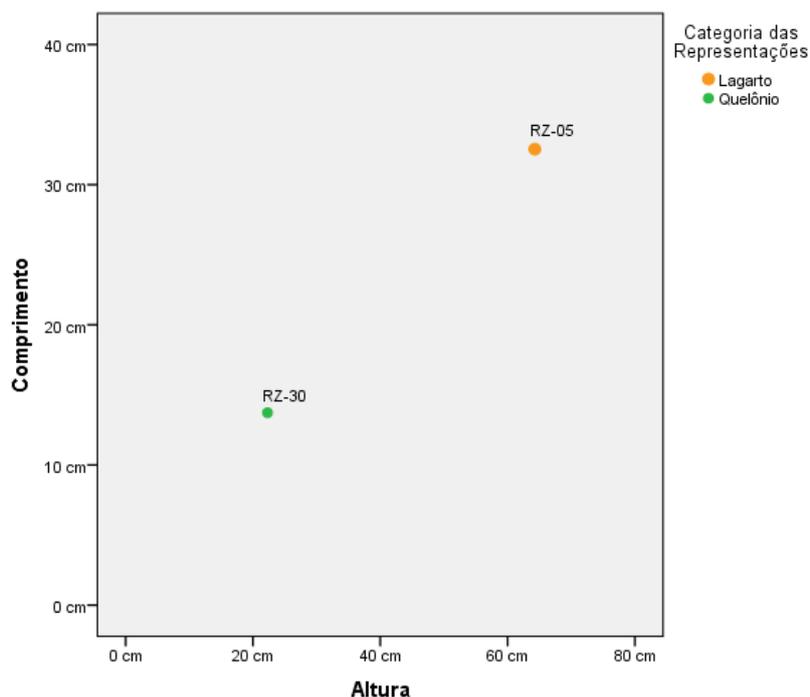
Em relação aos répteis, 40% apresenta composição isolada (RZ-05, RZ-30) e 60% agrupada (RZ-36, RZ-37, RZ-38); nenhuma das representações forma cena; e todas as pinturas encontram-se num quadro estático.

Quanto à cor, as representações de répteis apresentam preenchimento vermelho, na tonalidade ocre. Sobre as medições<sup>56</sup>, uma representação de lagarto destaca-se na mancha gráfica, já os quelônios apresentam-se em escalas medianas, em relação ao corpus gráfico (**Gráfico 4**).

<sup>55</sup>A figura RZ-03 não foi mensurada, pois há partes faltantes na representação, dado o deslocamento do suporte.

<sup>56</sup>As figuras RZ-36, RZ-37, RZ-38 não foram mensuradas medidas, pois durante a campanha houve manifestação de insetos.

Gráfico 4 - Correlações entre as dimensões das representações de répteis



- Felinos

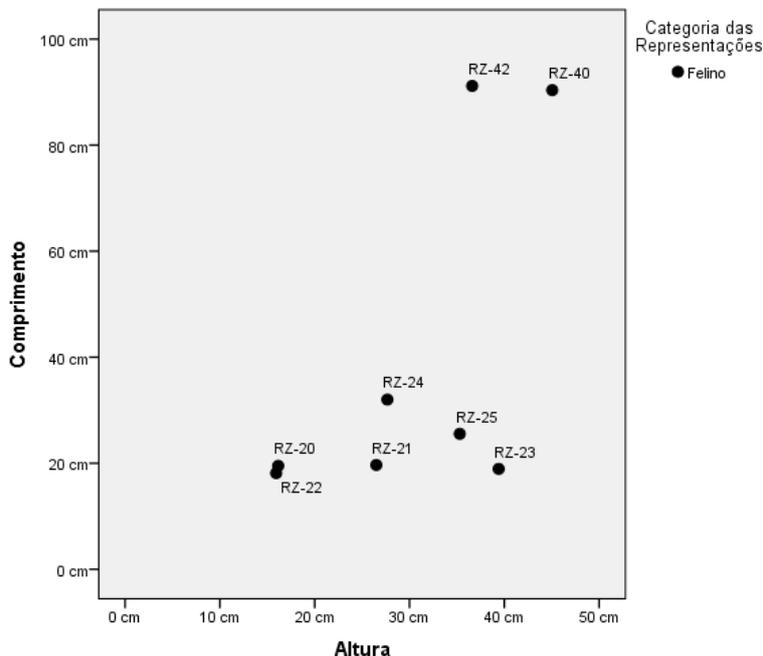
Os felinos apresentam-se em composição agrupada em 83% dos casos (RZ-20, RZ-21, RZ-22, RZ-23, RZ-25, RZ-26, RZ-27, RZ-28, RZ-29, RZ-40) e 17% isolada (RZ-24, RZ-42); em todos os casos os felinos não fazem parte ou formam uma cena; no âmbito do quadro, de ação, as unidades gráficas foram plasmadas, em 50% dos casos, em ação/movimento (RZ-20, RZ-21, RZ-22, RZ-28, RZ-29, RZ-40), possivelmente estão correndo, e 50% de modo estático (RZ-23, RZ-24, RZ-25, RZ-26, RZ-27, RZ-42).

Em relação à cor, as representações apresentam preenchimento vermelho nas figuras RZ-20, RZ-21, RZ-22, RZ-23, RZ-24, RZ-25, RZ-26, RZ-27, RZ-28, RZ-29, na tonalidade ocre; já a figura RZ-42 exibe uma tonalidade clara; na figura RZ-40 foram utilizadas duas cores: o vermelho ocre e, posteriormente, a cor amarela, mescladas entre si; tal situação torna-se mais evidente na cauda do felino.

Quanto às medições, ver-se variação de tamanho: as figuras RZ-20, RZ-21, RZ-22, RZ-23, RZ-24, RZ-25 apresentam-se em tamanho reduzido, escala baixa, em relação ao corpus gráfico dos respectivos sítios; e as figuras RZ-26, RZ-27, RZ-28, RZ-29, RZ-40, RZ-

42<sup>57</sup> apresentam-se de modo mais expressivo, escala alta, em relação ao corpus gráfico dos sítios (**Gráfico 5**).

Gráfico 5 - Correlações entre as dimensões das representações de felinos



- Cervídeos

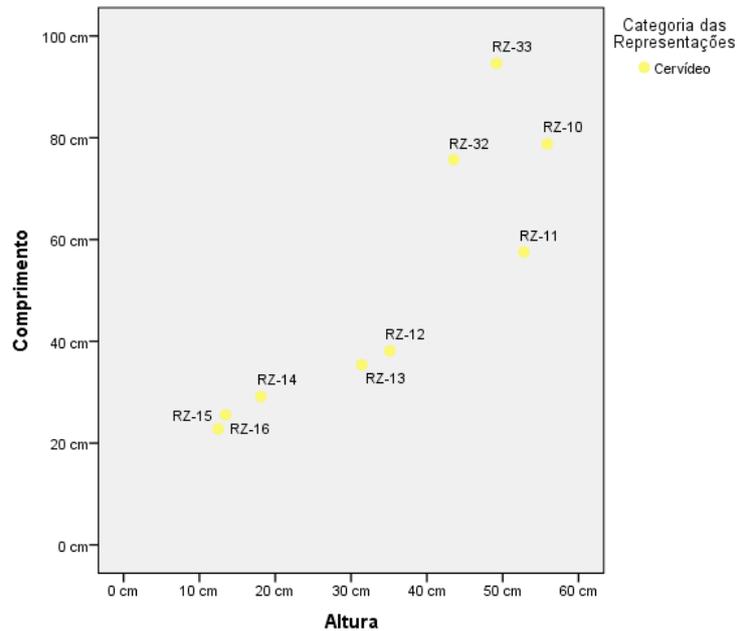
Em relação à composição das representações dos cervídeos, ver-se que 78% das figuras encontram-se agrupadas (RZ-10, RZ-11, RZ-12, RZ-13, RZ-14, RZ-16, RZ-33) e 22% isoladas (RZ-15, RZ-32); não se representam em cena; em relação ao quadro de movimento<sup>58</sup> 83% das figuras exibem características próprias da ação/movimento (RZ-10, RZ-11, RZ-12, RZ-32, RZ-33) e 17% das figuras encontram-se de modo estático (RZ-14, RZ-16).

No tocante à cor (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**), 89% das figuras têm seu reenchimento em vermelho, de tom ocre (RZ-10, RZ-11, RZ-12, RZ-13, RZ-16, RZ-32, RZ-33) e 11% na cor amarela (RZ-14). Em relação às medições (Gráfico 6), temos as figuras RZ-10, RZ-11, RZ-12, RZ-13, RZ-32, RZ-33 representadas em escala maior, em relação ao corpus gráfico do sítio, e as figuras RZ-14, RZ-15, RZ-16 representadas em escala menor, em relação ao corpus gráfico do sítio (**Gráfico 6**).

<sup>57</sup>Não possuímos os valores métricos das figuras RZ-26, RZ-27, RZ-28, RZ-29, contudo estas contêm escala.

<sup>58</sup>Nas figuras RZ-13 e RZ-15 não foi possível identificar o quadro de movimento, devido ao desgaste das pinturas.

Gráfico 6 - Correlações entre as dimensões das representações de cervídeos

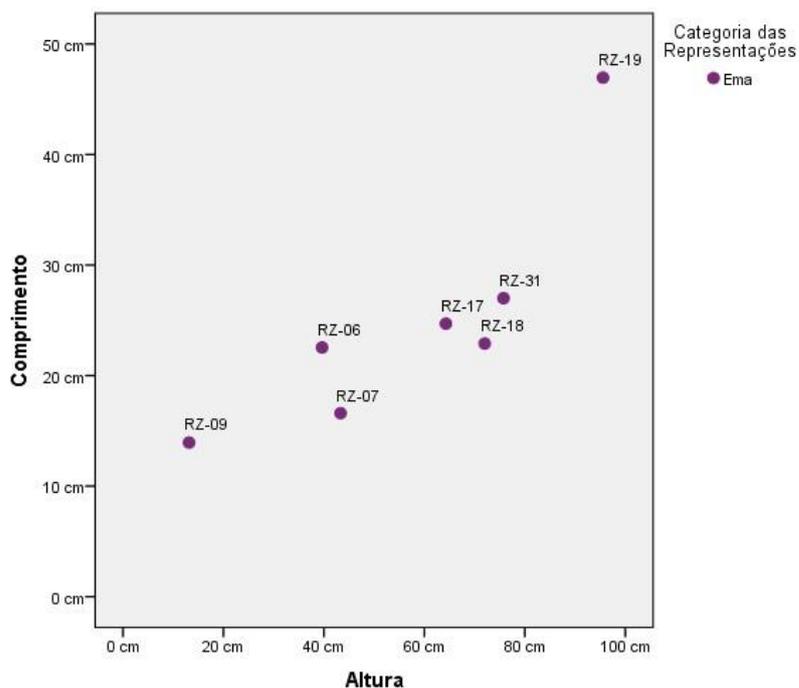


- Aves

Em que pese à questão da composição, 71% das emas apresentam-se agrupadas (RZ-06, RZ-07, RZ-17, RZ-18) e 29% isoladas (RZ-09, RZ-19, RZ-31); não há formação de cena em nenhum dos casos; sobre o quadro de movimento, 71% dos casos encontram-se de modo estático (RZ-09, RZ-17, RZ-18, RZ-19, RZ-31) e 29% em ação/movimento (RZ-06, RZ-07).

Quanto à cor, as figuras foram pintadas com cor vermelha, na tonalidade ocre; em relação às medições, as figuras RZ-06 e RZ-07 foram efetuadas em escala mediana, em relação ao corpus gráfico; a figura RZ-09 (isolada) foi realizada em escala menor; e as figuras RZ-17, RZ-18, RZ-19, RZ-31 em escala maior, que, no conjunto, pode haver figura com mais de um metro de altura e meio metro de comprimento (**Gráfico 7**).

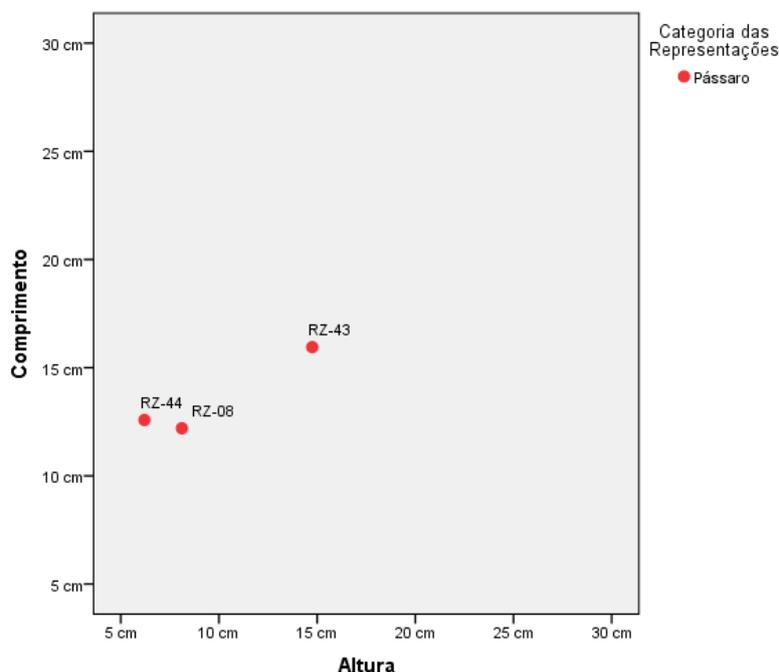
Gráfico 7 - Correlações entre as dimensões das representações de emas



Sobre os pássaros, 83% das representações apresentam-se em composição agrupada (RZ-08, RZ34, RZ-35, RZ-43, RZ-44) e 17% isolada (RZ-39); no âmbito da formação de cena, 67% das figuras não representam cena (RZ34, RZ-35, RZ-39, RZ-44) e 33% das figuram formam cena (RZ-08, RZ-43); todas as figuras são retratadas na cor vermelha, de tonalidade ocre. Quanto às medições das representações<sup>59</sup>, todas foram efetuadas em tamanho médio, em relação ao corpus gráfico dos respectivos sítios (**Gráfico 8**).

<sup>59</sup>As figuras RZ-34, RZ-35, RZ-39 não foram mensuradas, dada a manifestação de insetos.

Gráfico 8 - Correlações entre as dimensões das representações de pássaros.



### 5.1.3 –Análises da dimensão técnica

Quanto à dimensão técnica, neste item da análise buscou-se identificar as técnicas empregadas na realização das representações zoomórficas na área estudada, como forma de evidenciar possíveis particularidades na região e, por conseguinte, dos grupos autores das pinturas. Para tanto, foram utilizadas as variáveis: tipo do traço, examina se a figura foi elaborada com o auxílio de instrumentos ou não; e tratamento do suporte, examina se a rocha recebeu algum tipo de tratamento prévio.

Quanto ao estudo sobre o tratamento do suporte, seu resultado indica que as quarenta e quatro (44) figuras zoomórficas foram realizadas sobre o suporte natural, sem qualquer tipo de tratamento anterior. Tais figuras foram, prevalentemente, efetuadas sobre suporte arenítico; apenas uma figura felina (RZ-42) foi plasmada sobre suporte granítico.

Sobre o tipo do traço, pode-se dizer que somente em duas figuras de cervídeo (RZ-32, RZ-33) foram utilizados instrumentos; todas as demais foram produzidas sem o auxílio de instrumentos, foram efetuadas com os dedos das mãos.

## 5.2 - DISTRIBUIÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES ZOOMÓRFICAS: CORRELAÇÕES DAS PINTURAS ZOOMÓRFICAS COM O CONTEXTO GEOMORFOLÓGICO

No conjunto das representações zoomórficas do Parque Nacional Catimbau e área contigua, dentro do universo de 44 representações estudadas (**Gráfico 9** e **Mapa 4**), observa-se que as figuras de macacos estão concentradas no Sítio Furna da Serra do Barreiro, reunindo 10% do universo amostral.

Os répteis foram observados nos Sítio Furna do Letreiro da Mina Grande, Sítio da Ema e Sítio Tauá II, que reúnem 12% das figuras estudadas. Estes sítios contêm 2% das representações de lagarto e 10% das representações de quelônios<sup>60</sup>.

Os felinos, 24% das representações zoomórficas, são encontrados no Sítio da Ema, no Sítio Toca do Gato e no Sítio Lagoa dos Patos. Os cervídeos são encontrados nos sítios Furna dos Veados (Ibimirim), Loca da Cinza e no Sítio do Veado (Buíque), reunindo 22% do conjunto gráfico estudado. As aves (emas e pássaros) aparecem na Furna do Morcego, no Sítio da Ema, no Sítio Tauá II, na Loca dos Caboclos e na Toca do Gato, representando 32% do universo levantado; deste total 15% são pertinentes aos pássaros, e 17% às emas (**Gráfico 10**).

---

<sup>60</sup>O percentual foi calculado sobre o número total de representações zoomórficas estudadas.

Gráfico 9 - Distribuição das Representações Temáticas de Zoomorfos nos Sítios Arqueológicos

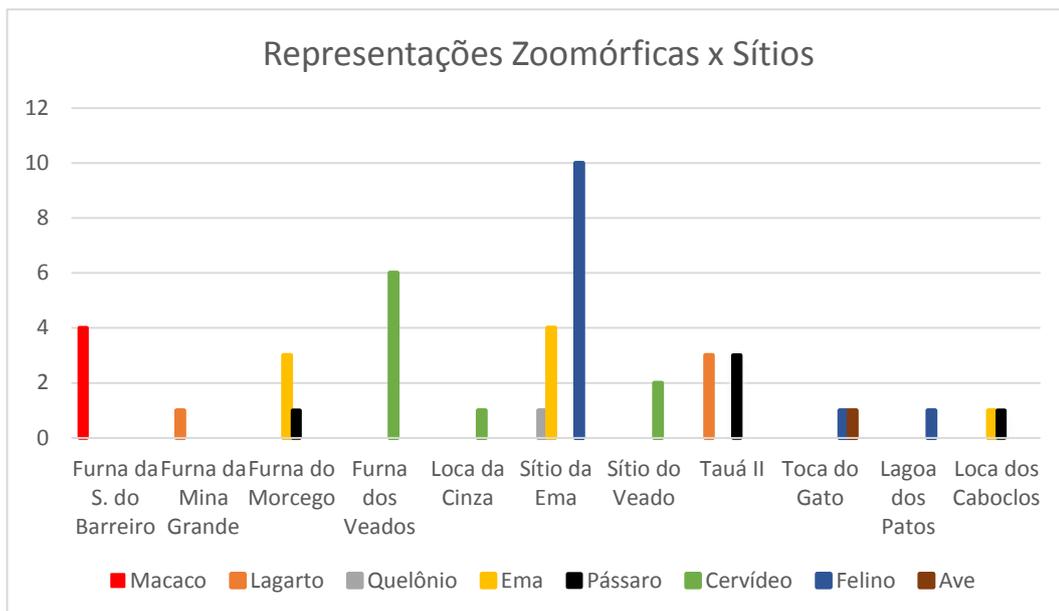
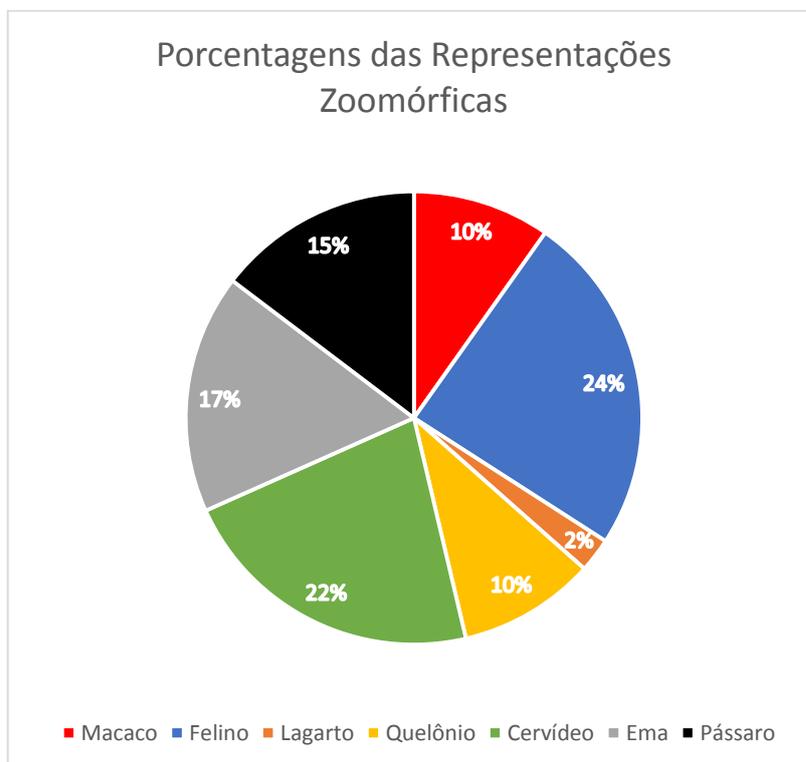


Gráfico 10 - Porcentagens dos Tipos de Representações Zoomórficas



Quanto às formas, averiguou-se se alguma característica, em especial, se apresenta como marca regional. Os estudos demonstraram algumas particularidades (**Tabela 15**).

Foi observado que as representações de macaco foram plasmadas com posturas diversificadas, projetadas na posição lateral; as representações de felinos, plasmadas lateralmente, contêm cabeças e patas circulares, e cauda em forma de linha longa; as representações de lagartos e quelônios têm posturas forçadas, plasmadas frontalmente, os quelônios apresentam tronco e cabeça circular.

Tabela 15 - Correlações da Dimensão Temáticas das Representações Zoomórficas

			Correlações Dimensão Temática			
			Forma do Tronco	Cabeça Forma	Pata Forma	Cauda Forma
Kendall's tau_b	Forma do Tronco	Correlation Coefficient	1,000	,131	-,030	,399
		Sig. (2-tailed)	.	,452	,852	,015
		N	41	30	33	35
	Cabeça Forma	Correlation Coefficient	,131	1,000	-,488**	,398
		Sig. (2-tailed)	,452	.	,005	,022
		N	30	31	27	29
	Pata Forma	Correlation Coefficient	-,030	-,488**	1,000	-,268
		Sig. (2-tailed)	,852	,005	.	,118
		N	33	27	33	29
	Cauda Forma	Correlation Coefficient	,399	,398	-,268	1,000
		Sig. (2-tailed)	,015	,022	,118	.
		N	35	29	29	36
Spearman's rho	Forma do Tronco	Correlation Coefficient	1,000	,140	-,033	,417
		Sig. (2-tailed)	.	,462	,856	,013
		N	41	30	33	35
	Cabeça Forma	Correlation Coefficient	,140	1,000	-,517**	,433
		Sig. (2-tailed)	,462	.	,006	,019
		N	30	31	27	29
	Pata Forma	Correlation Coefficient	-,033	-,517**	1,000	-,296
		Sig. (2-tailed)	,856	,006	.	,119
		N	33	27	33	29
	Cauda Forma	Correlation Coefficient	,417	,433	-,296	1,000
		Sig. (2-tailed)	,013	,019	,119	.
		N	35	29	29	36

\*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

\*\* Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Os cervídeos, também plasmados lateralmente, exibem maior diversidade de tipo de apresentação: há unidades com cabeça (alguns possuindo chifres) e outras sem cabeça, as patas plasmadas de três formas (tridáctila, artiodáctila e côncavo) e diversos tipos de traços.

As representações de ema foram projetadas, quase que totalmente, de perfil, com cabeça de caju, patas tridáctilas, e presença das duas asas (membros superiores) e sem cauda; a figura RZ-31 diverge das demais, foi plasmada frontalmente.

As representações de pássaro foram projetadas sempre de perfil e em postura de ação, com cabeça de caju, asas abertas, e cauda representada por quatro ou cinco linhas. Nota-se que estas representações estão sempre acompanhadas por figuras antropomórficas.

Quanto aos pássaros (RZ-08, RZ-43) (**Tabela 16**), as raras unidades existentes, aparecem acompanhadas por antropomorfos, estas figuras exibem preenchimento total; as figuras de cervídeo (RZ-32, RZ-33) foram preenchidas com instrumentos; a figura RZ-33 foi sobreposta por um grafismo puro.

Em relação à cor, pode-se dizer que regionalmente foram utilizadas duas cores para se efetuar as imagens: a amarela e a vermelha; a vermelha em duas tonalidades: o ocre e o vermelho claro.

Tabela 16 - Correlações da Dimensão Cenográfica e Técnica das Representações Zoomórficas

Correlações Dimensões Cenográfica e Técnica								
			Composição	Quadro	Coloração	Tipo de Traço	Cena (formação)	Preenchimento
Kendall's tau_b	Composição	Correlation Coefficient	1,000	-,388	-,355	.	,126	.
		Sig. (2-tailed)	.	,014	,018	.	,409	.
		N	44	41	44	44	44	44
	Quadro	Correlation Coefficient	-,388	1,000	,318	.	-,140	.
		Sig. (2-tailed)	,014	.	,041	.	,376	.
		N	41	41	41	41	41	41
	Coloração	Correlation Coefficient	-,355	,318	1,000	.	-,040	.
		Sig. (2-tailed)	,018	,041	.	.	,790	.
		N	44	41	44	44	44	44
	Tipo de Traço	Correlation Coefficient	.	.	.	.	.	.
		Sig. (2-tailed)	.	.	.	.	.	.
		N	44	41	44	44	44	44
Cena (formação)	Correlation Coefficient	,126	-,140	-,040	.	1,000	.	
	Sig. (2-tailed)	,409	,376	,790	.	.	.	
	N	44	41	44	44	44	44	
Preenchimento	Correlation Coefficient	.	.	.	.	.	.	
	Sig. (2-tailed)	.	.	.	.	.	.	
	N	44	41	44	44	44	44	
Spearman's rho	Composição	Correlation Coefficient	1,000	-,388	-,361	.	,126	.
		Sig. (2-tailed)	.	,012	,016	.	,415	.
		N	44	41	44	44	44	44
	Quadro	Correlation Coefficient	-,388	1,000	,324	.	-,140	.
		Sig. (2-tailed)	,012	.	,039	.	,383	.
		N	41	41	41	41	41	41
	Coloração	Correlation Coefficient	-,361	,324	1,000	.	-,041	.
		Sig. (2-tailed)	,016	,039	.	.	,794	.
		N	44	41	44	44	44	44
	Tipo de Traço	Correlation Coefficient	.	.	.	.	.	.
		Sig. (2-tailed)	.	.	.	.	.	.
		N	44	41	44	44	44	44
Cena (formação)	Correlation Coefficient	,126	-,140	-,041	.	1,000	.	
	Sig. (2-tailed)	,415	,383	,794	.	.	.	
	N	44	41	44	44	44	44	
Preenchimento	Correlation Coefficient	.	.	.	.	.	.	
	Sig. (2-tailed)	.	.	.	.	.	.	
	N	44	41	44	44	44	44	

\*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

A distribuição das representações zoomórficas na região apresenta característica singular, em relação à escolha dos locais para pintar; tal escolha demonstra um comportamento de apropriação da paisagem (**Gráfico 11** e **Gráfico 12**).

As representações de macaco (quatro exemplares) concentram-se no Sítio Furna da Serra do Barreiro, em situação de baixa vertente, a sudoeste do PNC, com altitude de 584 m.

Os répteis foram observados nos sítios Furna do Letreiro da Mina Grande (um lagarto), na baixa vertente, localizado ao sul, fora dos limites do PNC, com ponto altimétrico na ordem de 823 m; no Sítio da Ema ver-se um quelônio, o sítio está localizado no sudoeste do parque, fora dos seus limites, com ponto altimétrico na ordem de 580 m; no Sítio Tauá II (três quelônios), localizado a oeste do PNC. Os dois últimos sítios estão em situação topográfica de média vertente, com altimetria de 654 m.

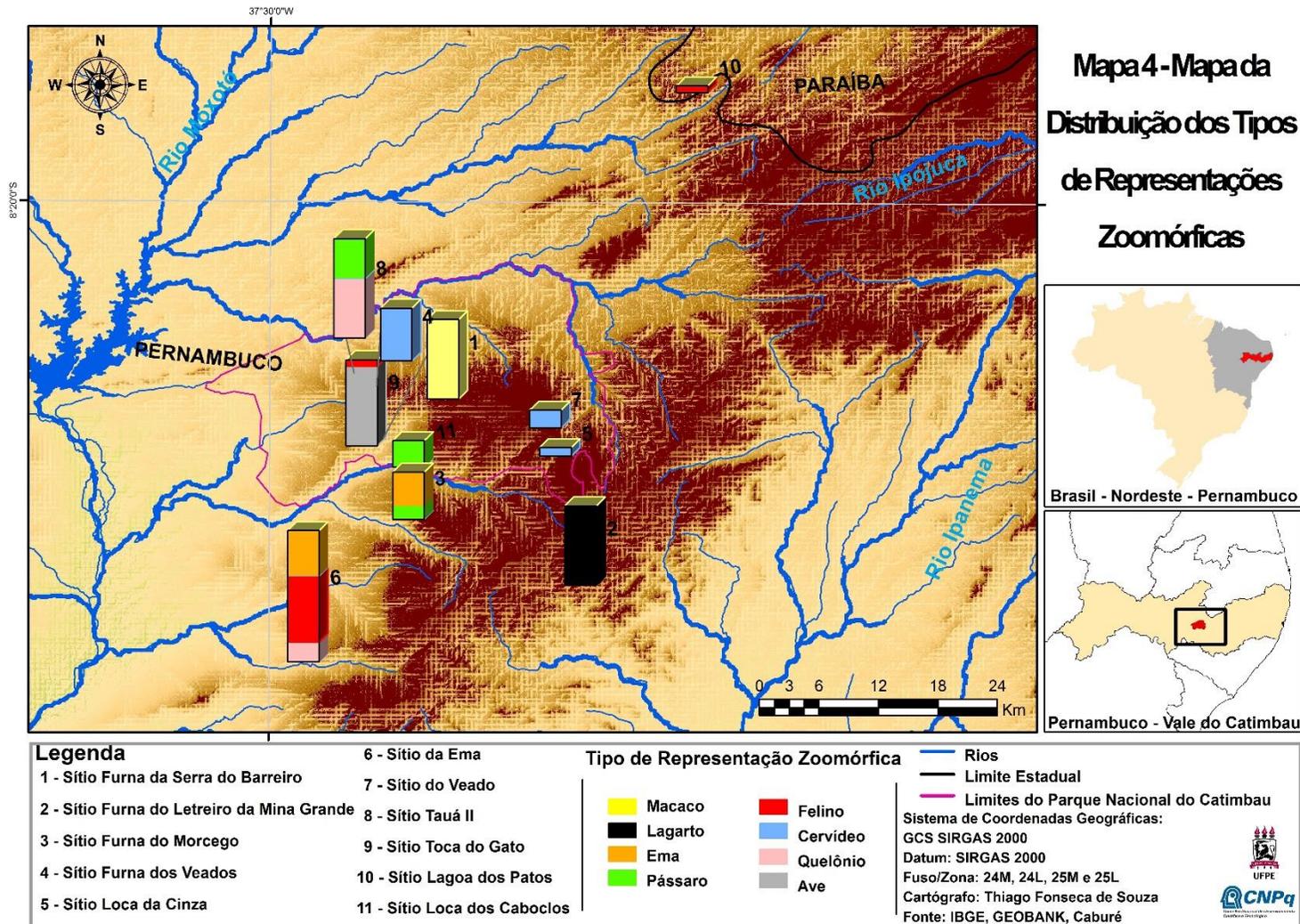
Os cervídeos são encontrados no Sítio dos Veados (seis exemplares), na baixa vertente, localizado a oeste do PNC, com ponto altimétrico de 574 m; no Sítio Loca da Cinza (um exemplar), está posicionado na baixa vertente, localizado no sudeste do PNC, com ponto altimétrico de 893 m; no Sítio do Veado (dois exemplares), posicionado na média vertente, a sudeste do PNC, com altimetria de 805 m.

Os felinos foram observados no Sítio da Ema (10 unidades), em situação topográfica de média vertente, localizado no Sudoeste, fora dos limites do PNC, com altimetria de 580 m; no Sítio Toca do Gato (um exemplar), posicionado na baixa vertente, localizado no sudoeste do PNC, com altimetria de 574 m; e no Sítio Lagoa dos Patos (um exemplar), posicionado na alta vertente, localizado na direção nordeste, fora dos limites do PNC, com altimetria de 747 m.

As aves aparecem no Sítio Furna do Morcego (três emas e um pássaro), em situação topográfica de baixa vertente, localizado ao sul do PNC, com ponto altimétrico na ordem de 556 m; no Sítio da Ema (quatro emas), posicionado na média vertente, localizado no sudoeste, fora dos limites do PNC, com altimetria de 580 m; no Sítio Tauá II (três pássaros), na média vertente, localizado no oeste do PNC, com altimetria de 654 m; no Sítio Loca dos Caboclos (dois pássaros), posicionado na baixa vertente, localizado ao sul do PNC, com altimetria de 582 m; e na Toca do Gato (uma ave), na baixa vertente, localizado no sudoeste do PNC, com altimetria de 574 m.



Mapa 4 - Mapa da Distribuição dos Tipos de Representações Zoomórficas. O mapa integra a dissertação "Pinturas Rupestres e Paisagem - Um Estudo de Caso das Representações Zoomórficas do Vale do Catimbau – PE" defendida no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia (PPGARq) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)



A partir dos dados coletados pode-se afirmar que as representações de macacos se encontram na baixa vertente no relevo, na faixa altimétrica de 500 m, concentrados no centro sul do PNC.

As representações de lagartos estão posicionadas na baixa vertente, na faixa altimétrica de 800 m, localizadas no Sudoeste, fora dos limites do PNC. As representações dos quelônios estão situadas na média vertente, concentradas na faixa altimétrica de 600 m, localizadas a oeste e a sudoeste do PNC, fora dos limites do parque.

Há uma grande concentração de representação de felinos situada ao sul do PNC, em geral, localizada na baixa e na média vertente e, em grande medida, posicionada na faixa altimétrica de 500 m.

As representações de cervídeos estão concentradas na baixa vertente, distribuídas entre duas faixas altimétricas (500 e 800 m), localizadas a leste e a oeste do PNC.

As representações de pássaros concentram-se na porção oeste do PNC, nas vertentes baixa e média, distribuídas em duas faixas altimétricas (500 e 600 m). As imagens de emas estão situadas tanto na baixa vertente como na média vertente, sempre na faixa altimétrica de 500 m, concentradas ao sul do PNC.

### 5.3 - ANÁLISES DO CONTEXTO REGIONAL

Na análise do contexto regional dos sítios com representações zoomórficas, discute-se sobre a paisagem e sua relação com os sítios arqueológicos. Para tanto, como previsto no capítulo que trata dos procedimentos metodológicos, foram utilizadas as seguintes variáveis: Bacia Hidrográfica (*Basin*), Declividade (*Slope*), Visibilidade (*Viewshed*) e Orientação da Encosta (*Aspect*).

### 5.3.1 –Bacia hidrográfica

Ao observar a relação dos grupos humanos pré-históricos com a paisagem, vimos que a localização dos sítios arqueológicos no interior das redes de drenagens do PNC pode indicar os caminhos (ou via de passagem) utilizados pelos grupos humanos na região.

Ao analisar a variável bacias hidrográficas - *Basin* (**Mapa 5**) buscou-se verificar a tessitura das redes hidrográficas e a proximidade destas com os sítios arqueológicos que contêm pinturas zoomórficas. Assim, foi constatado que duas bacias hidrográficas teriam influenciado, regionalmente, na definição das rotas dos grupos humanos pré-históricos: a Bacia do Moxotó e a Bacia do Ipanema (**Tabela 17**).

**A Bacia do Moxotó** está interligada aos sítios pela distância aproximada:

- Sítio Furna da Serra do Barreiro dista 3 Km do Riachinho e 12 Km do Riacho do Mel.
- O Sítio Furna do Morcego dista 15 metros do Riachinho.
- O Sítio Furna dos Veados dista 3 Km do Riachinho e 12 Km do Riacho do Mel.
- O Sítio Loca da Cinza dista 3 Km do Poço de Jerusalém.
- O Sítio da Ema dista 500 metros do Riacho das Emas.
- O Sítio do Veado dista 500 metros de uma nascente (olho d'água).
- O Sítio Tauá II dista 600 metros do Riacho do Mel.
- O Sítio Toca do Gato dista 3 Km do Riachinho e 12 Km do Riacho do Mel.
- O Sítio Lagoa dos Patos dista 50 metros de uma lagoa homônima e 2 km do Riacho do Tatu.
- O Sítio Loca dos Caboclos dista 1 Km do Riachinho.

**A Bacia do Ipanema** encontra-se interligada aos sítios pela distância aproximada:

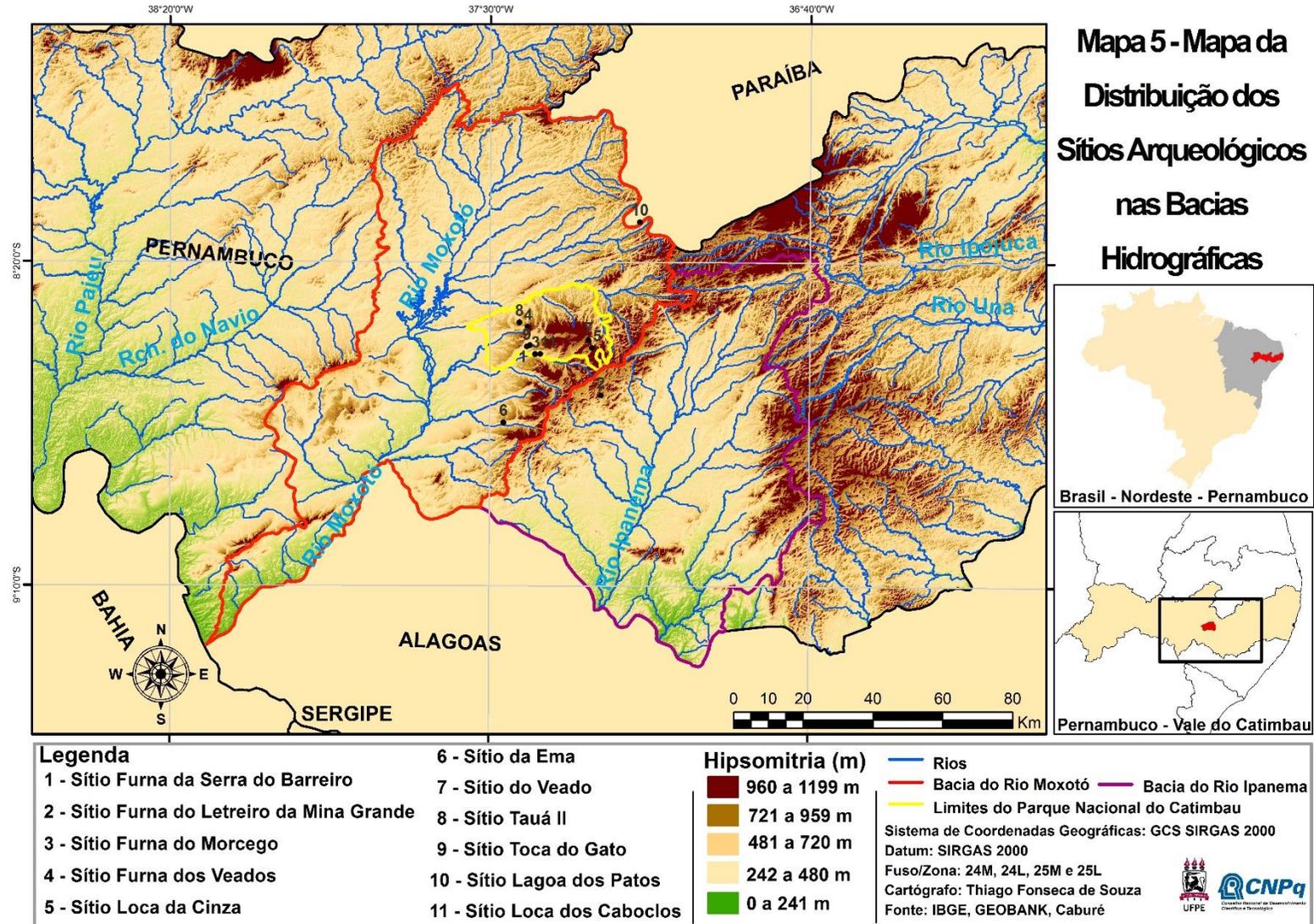
- O Sítio Furna do Letreiro da Mina Grande dista 4 Km do Caldeirão.

Tabela 17 - Relação Sítios Arqueológicos com a Fonte de Água (mais próxima) e a Bacia Hidrográfica

Sítio	Fonte de Água (Próxima)	Bacia Hidrográfica
Furna da Serra do Barreiro	Riachinho	Rio Moxotó
Furna do Letreiro da Mina Grande	Caldeirão	Rio Ipanema
Furna do Morcego	Riachinho	Rio Moxotó
Furna dos Veados	Riachinho	Rio Moxotó
Loca da Cinza	Poço de Jerusalém	Rio Moxotó

Sítio da Ema	Riacho das Emas	Rio Moxotó
Sítio do Veado	Nascente de Água (Grotta)	Rio Moxotó
Tauá II	Riacho do Mel	Rio Moxotó
Toca do Gato	Riachinho	Rio Moxotó
Lagoa dos Patos	Riacho do Tatu	Rio Moxotó
Loca dos Caboclos	Riachinho	Rio Moxotó

Mapa 5 - Mapa da Distribuição dos Sítios Arqueológicos nas Bacias Hidrográficas. O mapa integra a dissertação "Pinturas Rupestres e Paisagem - Um Estudo de Caso das Representações Zoomórficas do Vale do Catimbau – PE" defendida no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia (PPGARq) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)



### 5.3.2 –Declividade

Sobre o aspecto da declividade - *Slope* (**Mapa 6**), foi analisada a inclinação das vertentes em que os sítios arqueológicos, com pinturas zoomórficas, estão inseridos (**Tabela 18**). Houve uma adequação da classificação da declividade nos parâmetros da Embrapa, que ficaram assim definidos: 1 - PLANO (0-3%); 2 - SUAVE ONDULADO (3-8%); 3 - ONDULADO (8-20%); 4 - FORTE-ONDULADO (20-45%); 5 - MONTANHOSO (45-75%); 6 - FORTE-MONTANHOSO (> 75%).

Com base nesta classificação foi observado que os sítios Loca da Cinza, Sítio do Veado e Loca dos Caboclos exigem um gasto maior de energia física para se chegar a estes sítios; que representam 28% do universo de sítios estudados.

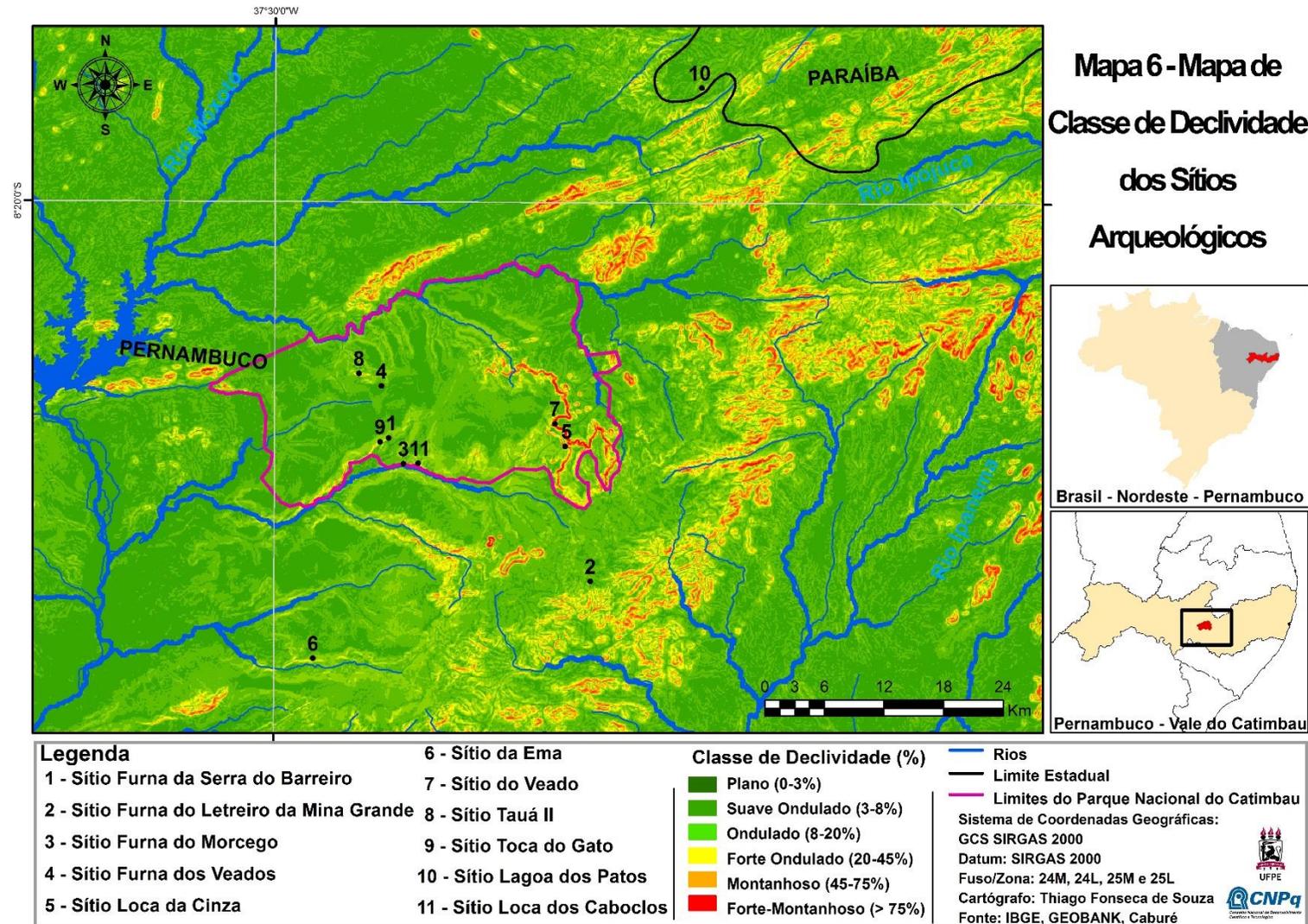
Os sítios Furna da Serra do Barreiro, Furna do Morcego, Sítio da Ema, Tauá II, Toca do Gato e Lagoa dos Patos estão inseridos em locais que exige gasto mediano de energia física para acessá-los; juntos representam 55% do universo de sítios estudados.

Os sítios Furna do Letreiro da Mina Grande e Furna dos Veados estão inseridos em locais de fácil acesso, que exige pouca energia física para acessá-los; juntos representam 8% dos sítios estudados.

Tabela 18 - Relação dos Sítios Arqueológicos com a Declividade Classificada pela Embrapa

Sítio	Declividade ( <i>Slope</i> )	Classificação de Declividade – Embrapa
Furna da Serra do Barreiro	20-45%	Fortemente ondulado
Furna do Letreiro da Mina Grande	3-8%	Suavemente ondulado
Furna do Morcego	8-20%	Ondulado
Furna dos Veados	0-3%	Plano
Loca da Cinza	> 75%	Fortemente montanhoso
Sítio da Ema	8-20%	Ondulado
Sítio do Veado	45-75%	Montanhoso
Tauá II	20-45%	Fortemente ondulado
Toca do Gato	20-45%	Fortemente ondulado
Lagoa dos Patos	20-45%	Fortemente ondulado
Loca dos Caboclos	45-75%	Montanhoso

Mapa 6 - Mapa de Classe de Declividade dos Sítios Arqueológicos. O mapa integra a dissertação "Pinturas Rupestres e Paisagem - Um Estudo de Caso das Representações Zoomórficas do Vale do Catimbau – PE" defendida no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia (PPGARq) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)



### 5.3.3 – Visibilidade

Sobre o aspecto da visibilidade (*Viewshed*) foi analisado o campo de visão dos sítios arqueológicos, que buscou-se perceber, no âmbito da paisagem, o campo de visão dos sítios arqueológicos, em função das linhas básicas de mobilidade.

O Sítio Furna da Serra do Barreiro encontra-se localizado em ponto de altimetria média, em relação à área estudada, este dispõe de altíssima visibilidade, graças ao paredão arenítico que o sítio está encravado, que permite vislumbrar o Noroeste/Nordeste/Sudeste; é possível visualizar a fonte de água mais próxima (o Riachinho), além de outro sítio arqueológico com pinturas zoomórficas.

O Sítio Furna do Letreiro da Mina Grande, situado em ponto altimétrico médio, considerado para o local; está inserido numa serra arenítica com visibilidade para o Leste/Nordeste/Noroeste, no qual é possível observar as serras vizinhas, posicionadas ao leste do PNC; mas, sem possibilidade de vislumbrar outros sítios com representações zoomórficas e a fonte mais próxima de água.

O Sítio Furna do Morcego está localizado em ponto baixo, considerando a altimetria local, com visibilidade para Nordeste/Leste/Sudoeste, donde é possível observar a fonte de água mais próxima (Riachinho), também é possível visualizar outro sítio com representações zoomórficas.

O Sítio Furna dos Veados está inserido no ponto baixo, considerando a altimetria local, numa serra arenítica, com visibilidade para o Oeste/Norte/Sudeste, onde torna-se impossível observar a fonte de água mais próxima, contudo, possibilita a visualização de outro sítio que contém pinturas zoomórficas.

O Sítio Loca da Cinza está localizado no ponto alto, levando em consideração a altimetria da região, posicionado sobre uma importante serra arenítica, com visibilidade para Norte/Oeste/Sul, sem possibilidade de visualizar a fonte de água mais próxima, também não é possível observar outros sítios com representações zoomórficas.

O Sítio da Ema está localizado no plano de altimetria mediana, considerado para o local, tem visibilidade para Sudoeste/Leste/Norte, onde é possível observar a fonte de água mais próxima (Riacho das Emas), contudo os outros sítios com representações zoomórficas ficam fora do campo de visão.

O Sítio do Veado encontra-se no ponto alto, considerando a altimetria local, sobre uma importante serra de arenito, com campo de visão para Norte/Leste/Sul, de onde é possível visualizar a fonte de água mais próxima, entretanto não é possível enxergar outros sítios com representações zoomórficas.

O Sítio Tauá II está localizado no ponto alto, levando em consideração a altimetria local, posicionado numa serra arenítica, com campo de visibilidade para o Leste/Norte/Nordeste, de onde é possível observar a fonte de água mais próxima (Riacho do Mel), entretanto não é possível observar outro sítio com representações zoomórficas.

O Sítio Toca do Gato está localizado no ponto mediano, considerando a altimetria local, com campo de visibilidade para o Nordeste/Leste/Sudoeste, com visão da fonte de água mais próxima (Riachinho) e dos outros sítios com representações zoomórficas.

O Sítio Lagoa dos Patos está localizado no ponto alto, levando em consideração a altimetria local, com campo de visibilidade para o Leste/Sul/Oeste, com visão da fonte de água mais próxima (Riacho do Tatu), contudo não é possível observar outros sítios com representações zoomórficas.

O Sítio Loca dos Caboclos está localizado num ponto mediano, em relação a altimetria local, contém visibilidade voltada para o Sudoeste/Leste/Nordeste, com campo de visão para a fonte de água próxima (Riachinho) e para outro sítio com representações zoomórficas.

As informações sobre a inter-visibilidade entre os sítios arqueológicos com representações zoomórficas encontram-se reunidas na tabela abaixo (**Tabela 19**).



### 5.3.4 – Orientação das encostas

A orientação das encostas (*Aspect*) pode indicar elementos na escolha de apropriação cultural, por parte dos grupos pré-históricos, da paisagem no Vale Nacional Catimbau; neste caso tomamos duas variáveis para a análise: Orientação dos Sítios (**Tabela 20**) e a Abertura (**Tabela 21**).

No âmbito da orientação dos sítios arqueológicos com representações zoomórficas percebe-se que 55% dos sítios têm orientação Nordeste – Sudeste; 18% dos sítios exibem orientação Leste – Oeste; 18% dos sítios têm orientação Norte – Sul; e 9% dos sítios têm Orientação Noroeste – Sudeste.

Portanto, há dominância dos sítios com orientação Nordeste – Sudeste e Norte – Sul, que juntos perfazem 73% dos sítios voltados para o amanhecer (a alvorada), o que favorece o reconhecimento e visualização das pinturas rupestres durante a manhã.

Tabela 20 - Relação dos Sítios Arqueológicos com Orientação

Sítio	Orientação
Furna da Serra do Barreiro	Nordeste - Sudoeste
Furna do Letreiro da Mina Grande	Nordeste - Sudoeste
Furna do Morcego	Nordeste - Sudoeste
Furna dos Veados	Noroeste - Sudeste
Loca da Cinza	Norte - Sul
Sítio da Ema	Nordeste - Sudoeste
Sítio do Veado	Norte - Sul
Tauá II	Leste - Oeste
Toca do Gato	Nordeste - Sudoeste
Lagoa dos Patos	Leste - Oeste
Loca dos Caboclos	Nordeste - Sudoeste

Para corroborar com a reflexão da escolha cultural dos locais para fixar as pinturas zoomórficas em sítios com orientações para o nascente, juntam-se os resultados dos estudos sobre a ‘abertura dos sítios’.

O estudo da abertura dos sítios com pinturas zoomórficas exhibe o seguinte resultado: 30% dos sítios têm abertura para o Sudeste; 20% dos sítios têm abertura para o Leste; 20% dos sítios têm abertura para o Noroeste; 10% dos sítios têm abertura para o Nordeste; 10%

para o Sudoeste; 10% dos sítios para o Norte. Desta forma, ver-se que a abertura dos sítios arqueológicos se volta, prevalentemente, para o nascente, para o amanhecer.

Tabela 21 - Relação dos Sítios Arqueológicos com Abertura

<b>Sítio</b>	<b>Abertura</b>
Furna da Serra do Barreiro	Sudeste
Furna do Letreiro da Mina Grande	Nordeste
Furna do Morcego	Noroeste
Furna dos Veados	Sudoeste
Loca da Cinza	Leste
Sítio da Ema	Sudeste
Sítio do Veado	Leste
Tauá II	Norte
Toca do Gato	Sudeste
Lagoa dos Patos	-
Loca dos Caboclos	Noroeste

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As expressões sociais e suas formas distribuídas no espaço significativamente construídas pela percepção dos grupos humanos com a paisagem. Os objetos, os registros rupestres, as paisagens e lugares estão carregados de sentidos, e têm a capacidade de produzir e difundir certos significados, formas de categorizar e classificar o mundo, narrativas e/ou memórias (ACUTO, 2008).

A presente pesquisa foi norteada para a compreensão e ampliação do conceito de paisagem na arqueologia, que pode ser entendida como a manifestação das relações entre os grupos humanos e seu meio ambiente. Portanto, as pinturas rupestres não somente desempenham um papel de marco-testemunhos da ocupação da área por grupos pré-históricos, como também das escolhas culturais por determinados pontos da paisagem.

As figuras zoomórficas encontram-se inseridas em extenso corpus gráficos, desta forma houve a necessidade da categorização e classificação das mesmas; estas representações foram analisadas em três dimensões: temática, cenográfica e técnica, visando o estabelecimento de perfis gráficos.

As representações zoomórficas contidas no Parque Nacional Catimbau expressam características singulares no contexto regional, particularmente, as representações dos macacos, dos répteis (lagarto e quelônio), dos felinos, dos cervídeos e das aves (ema e pássaro).

Dentre as representações analisadas 80% destas vinculam-se à Tradição Agreste de pintura rupestre, são estas: RZ-01, RZ-02, RZ-03, RZ-04, RZ-05, RZ-v06, RZ-07, RZ-08, RZ-09, RZ-10, RZ-11, RZ-12, RZ-13, RZ-14, RZ-15, RZ-20, RZ-21, RZ-22, RZ-23, RZ-24, RZ-25, RZ-26, RZ-27, RZ-28, RZ-29, RZ-30, RZ-31, RZ-32, RZ-33, RZ-36, RZ-37, RZ-38, RZ-40, RZ-41, RZ-42. No conjunto das representações constam: quatro macacos; cinco répteis (um lagarto e quatro quelônios); quatro emas; doze felinos; oito cervídeos; um pássaro; e uma representação de ave. Estas figuras encontram-se distribuídas nos sítios Furna da Serra do Barreiro, Furna do Letreiro da Mina Grande, Furna do Morcego, Furna dos Veados, Sítio da Ema, Sítio do Veado, Tauá II, Toca do Gato e Lagoa dos Patos.

Encontra-se vinculada à Tradição Nordeste de pintura rupestre 20% das representações zoomórficas analisadas: RZ-16, RZ-17, RZ-18, RZ-19, RZ-34, RZ-35, RZ-39, RZ-43, RZ-44. No conjunto constam cinco representações de pássaros, três de emas e um cervídeo; distribuídas nos seguintes sítios: Loca da Cinza, Sítio da Ema, Tauá II e Loca dos Caboclos.

Quanto à distribuição espacial das representações zoomórficas, foi constatada a existência de um padrão na escolha dos locais para plasmar as figuras; tal situação demonstra certo padrão de comportamento (cultural), um modo particular de apropriação da paisagem.

Alguns pontos relevantes do estudo geomorfológico e da distribuição espacial dos sítios podem ser destacados:

- Sobre as Bacias Hidrográficas constatou-se que a metade dos sítios arqueológicos com representações zoomórficas está relacionada aos canais de drenagem do Rio Moxotó, sobremaneira ao Riachinho. Assim, é provável a correlação dos canais de drenagem com as rotas dos grupos que ocuparam, durante a pré-história, a região.
- Sobre a declividade foi observado que 83% dos sítios arqueológicos estão inseridos nas altas e médias vertentes; situação que favorece a visibilidade dos sítios e das pinturas rupestres.
- Sobre a visibilidade foi demonstrado que há baixo grau de inter-visibilidade dos sítios, contudo o campo de visão destes torna-se amplo na medida em que permite, na maioria das vezes, vislumbrar as fontes d'água e, por conseguinte, dos animais sedentos.
- Sobre as orientações das encostas percebe-se que 73% dos sítios com representações zoomórficas estão voltados para a alvorada, que corrobora para o reconhecimento dos locais escolhidos para efetuar as pinturas.

Por fim, pode-se dizer que há necessidade premente de se ampliar as pesquisas na região, sobremaneira com o aumento do número de escavações arqueológicas, como forma de aprofundar a compreensão da relação das pinturas rupestres e a percepção da paisagem dos grupos pré-históricos que ocuparam primitivamente o Parque Nacional Catimbau.

## REFERÊNCIAS

ACUTO, Félix A. *Paisaje y Dominación: La constitución del espacio social em el Império Inka*, in ZARAKIN, A.; ACUTO, F.A. (ed.), *Send Non Satiata – Teoria social em la arqueologia latino americana contemporânea*, Buenos Aires, 25 Ediciones Del Tridente, 1999. p. 33-76.

ADLER, M. A., *'The Great Period': the Pueblo world during the Pueblo III Period, AD 1150 to 1350*, in M. A. Adler (ed.), *The prehistoric Pueblo world AD 1150-1350*, Tucson, AZ, University of Arizona Press, 1996, p. 1-10.

ALBURQUERQUE, Marcos & LUCENA, Velédo. **Caçadores Coletores no Agreste Pernambucano: Ocupação e Ambiente Holocênico**. *Clio, Série Arqueologia*, Recife: UFPE, V. 1, n. 4, Anais do I Simpósio de Pré-História do Nordeste do Brasileiro – 1987: p. 73-74, 1991, Número extraordinário.

\_\_\_\_\_. **Cultivadores pré-históricos no semi-árido: aspectos paleoambientais**. *Clio, Série Arqueologia*, Recife: UFPE, V. 1, n. 4, Anais do I Simpósio de Pré-História do Nordeste do Brasileiro – 1987: p. 117-118, 1991, Número extraordinário.

\_\_\_\_\_. **O grupo pré-histórico da Furna do Estrago, Pernambuco, e suas relações biológicas com outras populações pré-históricas e atuais do Brasil**. *Clio, Série Arqueologia*, Recife: UFPE, V. 1, n. 4, Anais do I Simpósio de Pré-História do Nordeste do Brasileiro – 1987: p. 79-82, 1991, Número extraordinário.

AMARAL, Marília Perazzo Valadares do. **As pinturas rupestres da tradição agreste em Pernambuco e na Paraíba - Brasil**. Tese (Doutorado) Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, 2015.

AMENOMORI, Sandra Nami. **Paisagem das ilhas, as ilhas da paisagem: a ocupação dos grupos pescadores-coletores pré-históricos do litoral norte de São Paulo**. Tese (Doutorado em Arqueologia) – FFLCH/USP. São Paulo, 2005.

ARSENAULT, Daniel. *Rock-art, Landscape, Sacred Places: Attitudes in Contemporary Archaeological Theory*, in CHIPPINDALE, Christopher & NASH, George. *The Figured Landscapes of Rock Art: Looking at Pictures in Place*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, Capítulo 3, p. 69-84.

AYTA, Walter Feria & BAFFA FILHO, Oswaldo & GUIDON, Niede & HAMAGUCHI, Henrique & La SALVIA, Eliany & MARANCA, Silva & WATANABE, Shiguo. *Some Evidence of Date of First Humans to Arrive in Brazil*. *Journal of Archaeological Science*, 2003: p. 351-354.

BARBOSA, Ricardo José Neves. **As pinturas rupestres da área arqueológica Vale do Catimbau – Buíque, Pernambuco: Estudo das fronteiras gráficas de passagem**. Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, UFPE, 2007.

\_\_\_\_\_ **Perfil gráfico das pinturas rupestres pré-históricas do Vale do Moxotó e Quadrante Nordeste da bacia hidrográfica do Pajeú - Pernambuco, Brasil.** Defendida no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, UFPE, 2013.

BASSO, K., *'Stalking with stories': names, places and moral narratives among the western Apache*, in E. Bruner (ed.) *Text, Play and Story*, Prospect Heights, Illinois: Waveland Press, 1984.

BELTRÃO, Maria Conceição de M.C. & LOCKS, Martha. **Os Zoomorfos da Serra Azul e da Serra de Santo Inácio.** *Rev. Patrimônio Hist. e Artístico Nac.* 21, 1993, p. 146-157.

\_\_\_\_\_ *Rock paintings of mammals at Central, Bahia, Brazil.* *Rev. Bras. Zool.* Vol.10, n.4 [online]. 1993, p. 727-745.

BOADO, F. Criado. *Construcción Social del Espacio y Reconstrucción Arqueológica del Paisaje.* *Boletín de Antropología Americana*, 24, 1991. p. 5-29.

\_\_\_\_\_ *Del terreno al espacio: planteamientos y perspectivas para la arqueología del paisaje.* Col. CAPA, 6. Santiago: Laboratorio de Arqueología e Formas Culturais. 1999.

BRADLEY, R., *Signing the land: rock art and the prehistory of Atlantic Europe*, London, Routledge. 1997.

BRASS, M. *The Antiquity of Man.* Disponível em *Anatomical and Behavioural Evolution*: [http://www.antiquityofman.com/landscape\\_archaeology.html](http://www.antiquityofman.com/landscape_archaeology.html), 1999. Acesso em Abril de 2015

BUNGE, Mario. *La investigación científica: Su Estrategia y su Filosofía.* Traducción Manuel Sacristán. Barcelona. Ariel. Edición revisada, 1983.

BUTZER, K. W., *Archaeology as human ecology: method and theory for a contextual approach.* Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

CASSIRER, E. **Antropologia filosófica.** 2.ed. Tradução de Vicente Félix Queiroz. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

CAVALCANTI, Lucas Costa de Souza. **Da Descrição de Áreas à Teoria dos Geossistemas: Uma Abordagem Epistemológica sobre Sínteses Naturalistas.** Tese (Doutorado) Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Recife, 2013. 216f.

CHAMBERLIN, Mathew A. *Symbolic Conflict and the Spacialty of Traditions in Small-scale Society.* In *Cambridge Archaeological Journal*, 16:1, Cambridge, MacDonal Institute for Archaeological Research, 2006.

CHIPPINDALE, Christopher & NASH, George. *The Figured Landscapes of Rock Art: Looking at Pictures in Place.* Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CONOLLY, J. & LAKE, M. **Sistemas de Información Geográfica aplicados a La Arqueología.** Barcelona: Edicions Bellaterra, 2009.

CORRÊA, A.C.B. **A Geografia Física; Uma Pequena Revisão Histórica. Curso de Atualização Docente em Geografia.** Projeto Graciliano Ramos, Secretaria de Educação de Pernambuco - Seduc/PE, British Council. Recife: UFPE, UFRPE. 2005.

CORRÊA, A.C.B; TAVRES, B.A.C; MONTEIRO, K.A; CAVALCANTI, L.C.S; LIRA, D.R. **Megageomorfologia e Morfoestrutura do Planalto da Borborema.** *Revista do Instituto Geológico*, São Paulo, 2010.

- DUNNELL, Robert. **Classificação em Arqueologia**. Editora EDUSP, São Paulo, 2006.
- EMBRAPA - CNPS. **Sistema Brasileiro de Classificação de Solos**. Brasília: Embrapa-SPI; Rio de Janeiro: Embrapa-Solos, 2006.
- FAGUNDES, Marcelo, **Arqueologia na Paisagem: um olhar sobre os jardins históricos**. Organizadores: Jeanne Trindade, Carlos G. Terra - Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Belas Artes, 2011, p. 14-19.
- FAGUNDES, Marcelo; PIUZANA, Danielle. **Estudo teórico sobre o uso conceito de paisagem em pesquisas arqueológicas**. Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud, vol. 8, núm. 1, enero junio, Universidad de Manizales, Colombia, 2010, p. 205-220.
- FERREIRA, Dilson Batista & FIGUEREDO NETO, Antonio Lins Figueredo & MATTOS, Horisman César de & ROLIM NETO, Fernando Cartaxo & SILVA, Raguiara Primo da & XIMENES, Tiana Cibele Fagundes. **Geração de mapas fisiográficos do Parque Nacional do Vale do Catimbau a partir de imagens orbitais**. XIII JORNADA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO – JEPEX 2013 – UFRPE: Recife, 2013.
- FLEMING, Andrew. *Post-processual Landscape Archaeology: a Critique*. In Cambridge Archaeological Journal (16-3), McDonald Institute for Archaeological Research, 2007.
- FUNARI, Pedro Paulo. **Arqueologia**. Editora Contexto. São Paulo, 2003.
- GARCÍA SANJUÁN, L. *Introducción al Reconocimiento y Análisis Arqueológico del Territorio*. Barcelona: Ariel, 2005.
- GUIDON, Niède. **Da aplicabilidade das classificações preliminares na Arte Rupestre**. CLIO – Revista do Curso de Mestrado em História, Recife, UFPE, 1982, p. 117-128.
- HARTLEY, R. J. & VAWSER, A. M. W., *Wayfinding in the desert: evaluating the role of rock art through GIS*, in P. Faulstich (ed), Rock art as visual ecology. Tucson, AZ: American Rock Art Research Association. IRAC Proceedings 1, year 1997, p. 55-76.
- HODDER, Ian. *Interpretación en Arqueología*. Corrientes actuales. Edición ampliada y puesta al día. Ed. Crítica. Barcelona, 1994.
- HODDER, Ian.; ORTON, C. *Análisis espacial en arqueología*. Barcelona: Editorial Crítica, 1990.
- HUMPHREY, C., *Chiefly and shamanist landscapes in Mongolia*, in E. Hirsch e M. O’Hanlon (eds.), The anthropology of landscape: perspectives on place and space. Oxford: Clarendon Press, 1995, p. 135-162.
- HYDER, William D. *Locational analysis in rock-art studies*, in CHIPPINDALE, Christopher & NASH, George. The Figured Landscapes of Rock Art: Looking at Pictures in Place. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, Capítulo 4, p. 85-101.
- INGOLD, Tim. *The Temporality of the Landscape*, World Archaeology, Vol. 25, Nº. 2, Conceptions of Time and Ancient Society. Outubro, 1993, p. 152-174.
- ISNARDIS, A. & LINKE, V. **Pedras pintadas, paisagens construídas: a integração de elementos culturalmente arquitetados na transformação e manutenção da paisagem**. Revista de Arqueologia, São Paulo, v. 23, n. 1, 2010. p. 41-58.

LEE, Georgia; & HYDER, William D. *Prehistoric Rock Art as an Indicator of Cultural Interaction and Tribal Boundaries in South-central California*. Journal of California and Great Basin Anthropology, 13(1), 1991.

LINS, Raquel Caldas. **Áreas de Exceção do Agreste Pernambucano**. Recife. SUDENE, 1989.

MARQUARDT, W. H. & CRUMLEY, C. L., *Theoretical issues in the analysis of spatial patterning*, in C. L. Crumley e W. H. Marquardt (ed.), Regional dynamics: Burgundian landscape in historical perspective. San Diego, CA: Academic Press, 1987, p. 1-18.

MARTIN, Gabriela. **As pinturas rupestres do sítio Alcobaça, Buíque, PE, no contexto da Tradição Agreste**. Clio-Arqueológica, Recife, n. 18, 2005, p. 28-40.

\_\_\_\_\_. **Pré-História do Nordeste do Brasil**. 5ªed. Recife: Universitária/UFPE, 2008.

\_\_\_\_\_. **Registro rupestre e registro arqueológico do nordeste do Brasil**. Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, 8, Revista de Arqueologia, v.8, nº 1, São Paulo, 1994, p. 291-302.

MATOS & MUTZENBERG. **Padrões Gráficos das Representações Antropomórficas pré-históricas na Microrregião do Cariri Ocidental Paraibano: Definições e Correlações**. Clio Arqueológica 2015, V30N2, p: 67-99.

MATOS, F. A. S. & MARTIN, W. S. & MUTZENBERG, D. **Novas técnicas para o processamento digital do registro rupestre através da utilização do software MATLAB**. III Reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira, Núcleo Regional Nordeste, 2014.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre as variações sazoneiras das sociedades esquimó**. In Sociologia e Antropologia. São Paulo: Edusp, 1974, p. 237-331.

MEINIG, D. W. *Introduction*. In *The Interpretation of Ordinary Landscapes* (ed. D. W. Meinig). Oxford: Oxford University Press, 1979, p. 1-7.

MELO, Patrícia Pinheiro de. **Técnicas de escavação, um estudo de caso: a Toca do Baixão do Perna I, São Raimundo Nonato, PI**. 1992. 183fl. Dissertação de Mestrado em História, UFPE, Recife, 1998.

MOTA-FILHO, Fernando de O & PEREIRA, Eugênia C. & RODRIGUES, Natalício de M.. **Impactos ambientais na zona de amortecimento do Parque Nacional Catimbau, Pernambuco, Brasil**. VI Seminário Latino-Americano de Geografia Física & II Seminário Ibero-Americano de Geografia Física. Universidade de Coimbra, maio de 2010

NEUMANN, Mariana Araújo. **Por uma arqueologia simétrica**. LEPAARQ - Textos de Arqueologia, Antropologia e Patrimônio. Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia. Pelotas, RS: Editora da Universidade Federal de Pelotas, v.5, n.9/10, 2008, p. 82-95.

OLIVEIRA, Ana Lúcia do Nascimento. **O Sítio arqueológico Alcobaça: Buíque, Pernambuco - Estudo das estruturas arqueológicas**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, Recife, 2001a, 186 p. il.

OLIVEIRA, Cláudia Alves de. **Abordagens teóricas dos grupos pré-históricos ceramistas do Nordeste**. In: Revista Canindé, n. 1, 2001b.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica - Coleção Estudos**, São Paulo: Perspectiva, 1977.

PESSIS, Anne-Marie. **Apresentação gráfica e apresentação social na tradição nordeste de pinturas rupestres do Brasil**. CLIO – Revista do Curso de Metrado em História – Série Arqueologia, Recife, UFPE, nº 5, 1989, p. 11-18.

\_\_\_\_\_. **Identificação e classificação dos registros gráficos pré-históricos do nordeste do Brasil**. CLIO – Revista do Curso de Metrado em História – Série Arqueologia, Recife, UFPE, v.1, nº 8, 1992, p. 35-68.

\_\_\_\_\_. **Imagens da pré-história**. Parque Nacional Serra da Capivara. PETROBRAS, FUMDHAM, 2003.

\_\_\_\_\_. **Registros rupestres, perfil gráfico e grupo social**. CLIO - Série Arqueológica, v. 1, n. 9. Recife, UFPE, 1993, p. 7-14.

PESSIS, Anne-Marie; MARTIN, Gabriela. **A área arqueológica de Seridó, RN. Brasil: Problemas de conservação do Patrimônio Cultural**. In: Fundamentos II, São Raimundo Nonato, Fundação do Homem Americano, 2002.

PORDEUS, Ruy Batista & RODRIGUES, Rodrigo Luiz da Silva & SENA, Any Graziella de & SILVA, Antônio Carlos da. **Parque Nacional Catimbau- PE: um laboratório para aulas práticas de geomorfologia**. REVISTA GEONORTE, Edição Especial, V.2, N.4, 2012, p.599 – 606.

PORDEUS, Ruy Batista. **Geomorfologia do Vale do Catimbau- Aspectos Físicos. Proposta para a criação do Parque Nacional Catimbau- PE**. Proposta para a delimitação do Parque Nacional Catimbau. Recife: UFPE/PROEXT, 2002.

PROUS, A. **Arqueologia Brasileira**. Editora UnB. Brasília, DF: 1992.

RODRIGUES, N. de M. **Estrada como elemento fragmentador de ecossistemas: análise da estrutura da zona de amortecimento do Parque Nacional Catimbau como contribuição ao estudo da ecologia da paisagem**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

\_\_\_\_\_. **Potencialidades e impactos ambientais no Parque Nacional Catimbau e sua Zona de amortecimento**. Dissertação (Mestrado em Gestão e Políticas Ambientais) - UFPE. Recife, 2006.

SALVIO, Vanessa Linke. **Paisagens dos sítios de pintura rupestre da região de Diamantina – MG**, Dissertação, Pós-graduação em Geografia, UFMG, 2008. Cap. 1 e 2.

SCHLANGER, Sarah H., *Recognizing persistent places in Anasazi settlement systems*. In: J. Rossignol & L. Wandsnider (eds), *Space, time and archaeological landscapes*, New York and London: Plenum Press, 1992, p. 91-112.

SEBEM, Elódio. **Curso de cartografia básica, GPS e ArcGIS**. Elódio Sebem, Michele Monguilhott – Santa Maria: Colégio Politécnico da UFSM, 2010.

SILVA, Adrienne Costa da. **As Representações Zoomórficas na Subtradição Seridó**. Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em História, UFPE, 2003.

SILVA, Daniela Cisneiros. **Similaridades e diferenças nas pinturas rupestres pré-históricas de contorno aberto no Parque Nacional Serra da Capivara – PI**. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia. UFPE, Recife, 2008, p. 54-67.

SILVA-MENDES, G.L. **Caçadores coletores na serra de Paranapiacaba durante a transição do Holoceno médio para o tardio (5920 a 1000 anos A.P.)**. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, MAE/USP, 2007, 2v. 503p. (Dissertação de Mestrado).

SIMÕES, Fernanda Libório Ribeiro. **Paisagens Arqueológicas: Considerações Teórico-metodológicas sobre Arqueologia da Paisagem e sua aplicabilidade em um sítio dunar**. Disponível em História e-História: <http://historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=arqueologia&id=67>, 2012. Acesso em Março de 2015.

TILLEY, Christopher. *Phenomenology of Landscape Places, Paths, and Monuments*. Oxford. Berg Berg Pub Ltd. 1994.

TRIGGER, Bruce. **História do Pensamento Arqueológico**. São Paulo: Odysseus, 2004.

WALLACE, H. D. & HOLMLUND, J. P. *Petroglyphs of the Picacho Mountains South Central, Arizona*. Tucson, AZ: Institute for American Research. Anthropological Papers 6, 1986.

WHEATLEY, D.W. & GILLINGS, M. *Spatial Technology and Archaeology – The Archaeological Applications of GIS*. London y New York, Taylor & Francis, 2002

ZEDEÑO, M. N. *Landscapes, land uses and the history of territory formation: an example from the Puebloan Southwest*, Journal of Archaeological Method and Theory 4(1), 1997, p. 67-99